

BESTSELLER DO USA TODAY

UMA HISTÓRIA DE PRAZER, DOR E PAIXÃO

DESTRUA-ME

SERIE WRECKED



Editora
Charme

J.L. Mac

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BESTSELLER DO USA TODAY

UMA HISTÓRIA DE PRAZER, DOR E PAIXÃO

DESTRUA-ME

SERIE WRECKED



Editora
Charme

J.L. Mac

BESTSELLER DO USA TODAY

UMA HISTÓRIA DE PRAZER, DOR E PAIXÃO

DESTROIA-ME

SERIE WRECKED

Editora
Charme

J.L. Mac

UMA HISTÓRIA DE PRAZER, DOR E PAIXÃO.
DESTROIA-ME
SERIE WRECKED



Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, digitalizada ou distribuída de qualquer forma, seja impressa ou eletrônica, sem permissão. Este livro é uma obra de ficção e qualquer semelhança com qualquer pessoa, viva ou morta, qualquer lugar, evento ou ocorrência é mera coincidência. Os personagens e enredos são

criados a partir da imaginação da autora ou são usados ficticiamente. O assunto não é apropriado para menores de idade.

Copyright 2015: J.L. Mac

Copyright da Tradução: Editora Charme

Produção Editorial: Editora Charme

Criação e Produção Gráfica: Verônica Góes

Tradução: Cristiane Saavedra

Revisão: Andréia Barboza e Ingrid Duarte

Criação de e-book: Cristiane Saavedra

Foto de Capa: Shutterstock



Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

CIP-BRASIL, CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DE EDITORES DE
LIVROS, RJ

Destrua-me / J. L. Mac

Título Original - Wreck Me

Série Wrecked - Livro 1

Editora Charme, 2015.

ISBN: 978-85-68056-08-0

1. Romance Estrangeiro

CDD 813

UMA HISTÓRIA DE PRAZER, DOR E PAIXÃO.
DESTRUA-ME
SERIE WRECKED

TRADUÇÃO: CRISTIANE SAAVEDRA



DEDICATÓRIA

Para os meus leitores.

O apoio e entusiasmo de vocês me
emociona.

PRÓLOGO

Sábado, 8 de Junho de 1996

Eu amo este carro. Tem um

cheiro tão bom. Papa acabou de

comprá-lo para nós e mamam não me deixa comer ou beber qualquer coisa nele, como eu fazia no outro. Mamam diz que é porque é o nosso primeiro voiture nouvelle. Ela sempre fala “carro novo” em francês para parecer chique. Acho que ela faz isso para me fazer rir. Gosto quando mamam usa francês em vez de inglês, porque a voz dela fica elegante. Papa a repreende quando ela faz isso. Ele diz: “Collette, você confunde a nossa querida menina, só falando francês. Inglês, mon amour, inglês.” Ele só finge ficar irritado com a mamam. Eu sei disso porque depois que a repreende, ele sempre faz essa coisa de piscar um olho e mamam sorri para ele.

Hoje estou muito ansiosa pelo Carnaval. É só daqui a dois dias e minha melhor amiga, Michelle, vai. Seus pais também a estão levando hoje. Espero vê-la ao chegar lá.

— Falta muito tempo, maman?

— Sei que perguntei há menos de um minuto, mas estou muito ansiosa e não aguento mais esperar.

— Josephine, em quelques minutes. — Sei que não deveria ficar reclamando. Papa diz que estou velha demais para reclamar como uma garotinha. Ele diz que uma menina de nove anos não pode agir como um bebê. Mas não consigo evitar. Quero chegar logo. O trajeto é longo e demora uma eternidade para chegar lá.

— Maman, quantos minutos são alguns minutos?

Papa está me olhando pelo espelho e sei que seu olhar está me dizendo para parar de choramingar. Eu sorrio para ele. Isso sempre o deixa feliz. Então ele faz aquela coisa de piscar um olho e sei que ele não está aborrecido. Papa está

conversando com mamã sobre coisas de adultos. Eu não estou prestando atenção. É muito chato. Papã solta um palavrão e sei que algo está errado.

— Papã! — Ele não responde.

Ai! Estou toda machucada. —

Mamã! — Estou gritando agora.

Dói tanto, que estou com medo.

Mamã e papã não falam nada. Eles estão machucados? — Socorro!

Alguém nos ajude! — Espero que alguém me ouça gritar. Eu estou presa no banco traseiro. Tento me libertar, mas minha perna dói tanto que tenho medo de mexê-la

novamente. — Socorro! — Ainda não ouvi nada de mamã e papã no banco da frente. Sinto algo quente na minha perna e olho para baixo.

— Por favor! — Estou realmente apavorada agora. Há sangue por todo o carro. Há sangue saindo da cabeça de mamã. Papã está caído,

na minha frente; eu ainda não consigo vê-lo. Estou presa atrás do banco dele. Nosso carro novo está arruinado. Todo amassado, como uma das latas de refrigerante vazias que eu sempre esmago.

Ouçó alguma coisa. Eu tento parar de chorar para poder ouvir melhor.

— Oh, Deus. Oh, Deus. Eu sinto muito. Oh, Deus. — É um homem. Não, é um menino.

Possivelmente, um adolescente. Do ensino médio. Sim, definitivamente um adolescente do ensino médio.

— Por favor, me ajude! — eu grito. Espero que ele me tire daqui sem me machucar muito. Maman precisa de ajuda. Sua cabeça está sangrando muito. Não acho que seja normal ela sangrar tanto.

— Eu te peguei. Venha. Pai, tire eles lá da frente. Vá!

Este menino é louco. Ele gritou com o pai. Eu nunca falaria com a

minha mãe e meu pai assim. Ficaria
de castigo por um mês. Ai!! O
adolescente me puxa, abre a minha
porta e atravessa até a mamã. Ele
pega o pulso dela e pressiona os
dedos dele em seu lindo relógio.

Por que ele está fazendo isso? Ele
coloca a mão dela de volta no colo
e me arrasta para fora do banco de
trás. A rua fede; cheira a algo
queimando e gasolina. Nojento.

— É minha culpa. Desculpa. Eu
sinto muito. Prometo que você vai
ficar bem. Vou me certificar disso.
Estou confusa com esse rapaz.
Eu não sei o que dizer. É apenas
um carro. Mamã e papá compram
outro. Só o encaro. Minha perna
dói. Michelle tiraria sarro de mim se
soubesse

o
que
eu
estava

pensando...

esse

menino

é

bonitinho. Ele tem lindos olhos,

para um menino. O pessoal da

ambulância está mexendo em mim.

Eles me levantam e me deitam

sobre aquela coisa que parece uma

cama de rodinhas.

— E a minha mãe e o meu pai?

Onde eles estão? — Sento-me e

olho ao redor à procura de papai e

mamãe, mas não os vejo. O

homem uniformizado que está

prendendo fios em mim não

responde. Olho mais além e vejo

quatro pessoas com uniformes

iguais. Elas não são policiais ou

bombeiros.

Elas

têm

aquela

coisinha de cama que rola como a

que eu estou. Lá vão eles. Vão
ajudar mamã e papã. Já não me
sinto tão assustada quando vejo as
camas rolantes irem para o nosso
carro novo. Há dois homens, um
com cada cama, e sei que eles vão
tirar mamã e papã do carro
destruído. Espere. Isso não está
certo.

— Espere! — Por que eles
estão levando as camas de rodas
para outro lugar? Por que não para
mim? Por que eu não posso vê-los?
Mamã e papã não estão se mexendo
ou falando qualquer coisa e não consigo
ver os rostos deles. Estou com medo.

Alguma coisa está errada. —

Mamã! Papã! Voltem! — Estou
ficando realmente assustada. Eu
preciso vê-los, correr para eles, mas
os homens uniformizados não me
deixam ir. Eles colocam essas tiras
sobre mim. Não consigo me mexer;
isso não cede. Eu sinto algo quente

dentro do meu braço, onde eles
colocaram essa coisa com agulha.
Ele disse que é soro intravenoso.
Meu braço está quente e agora
estou ficando com sono. Sinto que
estou em movimento e quero
perguntar para onde estamos indo,
mas minha boca não abre. Preciso
dormir. Fecho os olhos. Posso
perguntar depois.

CAPÍTULO UM

Sem desculpas

Sábado, 8 de Junho de 2012

Estou aqui, fazendo a mesma
merda que faço todos os anos,
neste mesmo dia. Mas parece ainda
pior que o normal. Não é grande
coisa, de qualquer forma, porque a
bosta completa é praticamente um
marco na minha vida. Não me
interpretem mal, levo uma vida
decente. Trabalho. Pago meus

impostos. Minhas contas são pagas em dia. O pouco crédito que eu tenho é bom. Eu realmente detesto o meu apartamento e não tenho nada luxuoso; não tenho um emprego que paga bem, mas apesar de tudo, a minha vida é confortável. Deus sabe que eu já sofri coisas muito piores. Me recuso a reclamar das coisas.

Reclamar é, possivelmente, o gasto mais inútil de energia da humanidade. Eu parei de reclamar e de sentir pena de mim há anos, quando percebi o quanto isso era inútil. Reclamar não ia mudar a minha situação, então eu disse “foda-se” e simplesmente desisti. Agora, não vou sair por aí usando a minha vida de merda como um distintivo de honra; estou,

simplesmente,

afirmando

fatos.

Ninguém conhece a minha história;

nem mesmo o babaca do Sutton, e

ele é o único relacionamento a

longo prazo que tive. E mantenho

dessa forma por pura conveniência.

Não gosto de explicar toda a

tragédia que é a minha vida, e

tenho certeza absoluta que não

quero responder a um milhão de

perguntas

de

alguns

idiotas

curiosos. A última coisa que espero,

ou quero, é ter a pena dos outros.

Já tive piedade e condolências

suficientes por duas vidas.

Trabalho duro para manter as

coisas organizadas e simples. Minha

vida nem sempre foi tão agradável,

e não me orgulho do meu passado.

No entanto, afirmo com total
confiança que fiz o que fiz por
necessidade. Eu posso ter roubado
comida ou bebida de um posto de
gasolina uma ou duas vezes, mas
não peço desculpas por isso. Eu
paguei por esses itens? Não. Eu não
podia.

Raramente
tinha
duas
moedas de um centavo no bolso.

Roubei
essas
coisas
por
necessidade básica e fundamental
para a sobrevivência humana. A
alternativa seria morrer de fome,
ou aquilo que o homem escolhe
como moral e valores ao longo da
vida. Não tinha ninguém aí para
mim. Moral e valores não enchiam
o estômago ou hidratavam o meu

corpo, mas roubar comida e bebida certamente sim. Eu usei os recursos que me eram disponíveis na maior parte dos dias, mas crianças de rua são tratadas de forma semelhante aos criminosos. Se eu fosse para um abrigo, normalmente trapaceava para permanecer lá tempo suficiente antes que algum voluntário nojento pudesse chamar o Serviço Social. Aqueles estúpidos apareciam, eu era empurrada na parte traseira lotada de algum carro do governo e levada para uma prisão de crianças sem-teto. Na verdade, era para um orfanato, mas uma prisão de qualquer forma. O orfanato, normalmente, era muito melhor do que um lar provisório.

Bem,

na

minha
experiência, foi esse o caso. O
pessoal do orfanato apenas fazia o
trabalho deles. Recebiam seus
salários; não cuidavam da gente de
forma alguma. Se eles não se
preocupavam o suficiente em serem
bondosos e compassivos, com toda
certeza
do
mundo,
não
se
importariam em desperdiçar tempo
e energia abusando ou estuprando
a nós, crianças infelizes.
Eu preferia as pessoas do
orfanato a qualquer outro lugar,
apesar de sempre ser uma estadia
curta. Eles faziam rodízio de
crianças tão rapidamente quanto
podiam.
Depois
de

passar

pelo

orfanato, eu era enviada para

algum

lar

provisório

que

se

importava menos ainda comigo.

Tudo isso é feito por caridade;

aquela obrigação de fazer “a coisa

certa”. É realmente tão difícil as

pessoas entenderem que é melhor

algumas

crianças

se

virarem

sozinhas nas ruas, do que na

porcaria do lugar onde elas vivem?

Suponho que isso mexa com suas

cabeça

e

as

deixam

desconfortáveis,

por

isso

elas

preferem que essas crianças sejam

colocadas em algum lugar fora de

suas vistas e pensamentos. Isso

torna as coisas mais fáceis para

todos, certo? Errado.

Naquela época, eu preferia

estar nas ruas a lutar contra o

abuso sexual em um dos muitos

lares provisórios por onde passei.

Eu

queria

que

as

pessoas

deixassem de ser tão caridosas. O

que não entendo desses voluntários

é que a sua caridade de merda

provoca mais danos do que pessoas

como eu podem suportar. E tudo

isso por quê? Para que uma Poliana

qualquer, aquela voluntária mensal,
possa dormir melhor à noite,
porque distribuiu sopa grátis de
baixa qualidade para pessoas como
eu.

Pessoas

que

estão

“em

dificuldades”

acham

que

é

preferível

morrer

a

caminhar

penosamente por suas vidas de

merda, todos os dias.

Pelo menos o que pessoas

como essa Poliana podem fazer, na

minha opinião, é serem honestas

sobre as coisas. Não ficar na frente

de uma criança, que é exatamente

o que eu era, com pena estampada
no rosto e dizer-lhe que a vida
continua e que as coisas vão
começar a melhorar, e que um dia
sua sorte vai mudar. Esse tipo de
papo-furado não está com nada, dá
apenas falsas esperanças.

Se o meu eu de vinte e cinco
anos voltasse a encontrar o meu eu
de dezesseis, já teria me olhado na
cara, sem um pinga de tristeza e
dito, “Olha, menina, você tem uma
escolha: você pode ficar como está
e esperar que todas essas mentiras
de merda que as pessoas dizem pra
você se tornem realidade, ou você
pode se matar de trabalhar e
mudar as coisas você mesma.

Ninguém vai te dar nada de mão
beijada. Então, corra atrás”.

Recusei-me a ser uma eterna
vítima,
então,
na

minha
adolescência, decidi conquistar meu
espaço nas ruas. Pelo menos lá
fora, eu era responsável por mim.
Garotas como eu não costumam
sobreviver muito tempo. A maioria
acaba viciada, prostituta, atrás das
grades ou morta. Poucas tiram a
sorte
grande
e
conseguem
sobreviver, mas, para a maioria, a
vida simplesmente não é essa
maravilha toda. Talvez eu tenha
herdado a determinação e a
perseverança dos meus pais. Eles
vieram
para
este
país
com
praticamente nada.
Meu pai era um chef francês e

veio de Paris, para cá, com a minha
mãe. Eles vieram para Las Vegas
quando minha mãe ainda estava
grávida de mim. Meu pai era um
chef fantástico e conseguiu um
emprego em um dos restaurantes
cinco estrelas da cidade. Eu tinha
apenas nove anos quando eles
morreram,
então
minhas
lembranças são limitadas, mas me
lembro que eles eram pessoas
muito determinadas. Acredito que a
minha capacidade de seguir em
frente com a minha vida veio deles,
não dos anos que passei evitando
ser estuprada nas ruas e revirando
lixos à procura de alimentos para
não morrer de fome. Gosto de
pensar que eu consegui pela minha
honestá ambição. Na verdade,
ninguém tem certeza. Eles estão
mortos

e
minhas
poucas
lembranças se apagam ainda mais
a cada dia que passa.
Eu sempre faço isso no dia de
hoje;
todos
os
anos,
religiosamente. É cansativo, de
verdade. Prefiro não pensar sobre a
minha vida e em como as coisas
acabaram, mas o aniversário do
acidente
sempre
desperta
o
passado. Essas pequenas partes
parecem ficar na superfície da
minha memória por um ou dois
dias, e então eu consigo clarear a
escuridão e bloquear tudo do lado
de fora, onde isso pertence. Por

mais 364 dias.

Eu paro de me olhar no
espelho do banheiro, sem nem
prestar atenção, e arrasto a minha
falta de sorte para fora, para
começar a minha rotina normal.

Paro no The Diner, compro um café



e um bagel da Noni e me dirijo para
o trabalho, para lidar com mais um
dia. É sempre a mesma rotina, e
trabalho é trabalho.

Eu sei que aquele palhaço lá
no canto está tramando alguma
coisa; ele tem “suspeito” escrito na
testa.

Conheço

o
tipo.

Eu
costumava ser esse tipo. Eu estou
vigiando-o desde que entrou na
loja. Gosto do meu trabalho e
pretendo mantê-lo, mas pessoas

como ele fazem a perspectiva de ficar desempregada num futuro próximo, mais real. Estamos tão longe de estar no azul que chega a ser revoltante. Deveríamos estar vendendo livros, mas parece que ninguém está mais interessado em ler livros impressos. A tecnologia tem sido egoísta, uma desleal monopolizadora. O velho idiota do Sutton esteve aqui esta manhã, lamentando e reclamando de não ter um lucro decente desde 1979 ou qualquer disparate. Eu não estava realmente ouvindo. Ele gosta de entrar na loja e discutir sobre as coisas, mas ele estaria na merda de um riacho totalmente sem rumo se não fosse por mim.

Tenho conseguido, sozinha, administrar este lugar há anos, somos a equipe de uma única mulher nesta loja velha. Consegui esse trabalho há sete anos e não o

deixo desde então. Ele é uma verdadeira obra prima, esse Sutton. Se algum dia eu decidir sair daqui, com certeza vou plantar meu pé em cada lado da sua bunda velha, na saída. A verdade é que eu amo essa maldita loja, muito mais do que o próprio Sutton a ama. Eu temo o dia que eu não conseguir entrar e ser saudada pelo cheiro de tinta e papel. Eu sou dependente desse monte de autores que dão seu sangue e deixam uma parte de suas almas no papel, para que os outros possam desfrutar. Cada livro nessas prateleiras é um amigo. Eles são um dos poucos pilares na minha vida.

— Ei, amigo. Posso te ajudar?

Esse cara simplesmente enfiou um livro dentro de seu suéter nojento. Esse livro custa a bagatela de quatro dólares e noventa e nove centavos e ele quer roubá-lo. Que

idiota! Quem é o otário que rouba
um livro que custa menos de cinco
dólares? Que otário rouba um livro,
de um modo geral?

— Ei, eu lhe fiz uma pergunta.

Oh, merda, não! Volte! — Eu saio
correndo atrás do palhaço. Ele corre
para a saída e eu sigo atrás.

Ele tropeça no tapete da porta
e se choca com o display brega de
bugigangas que Sutton insistiu em
colocar do lado de fora.

— Há! Eu fico com isso, muito
obrigada! — Pego o livro debaixo
de seu suéter e ele sai correndo da
loja. Eu o deixo ir. Ele é,
obviamente,
um
sem-teto.

Entretenimento é limitado para
esse infeliz. Eu me ajoelho no chão
segurando o livro recuperado,
limpando-o, e faço o meu melhor para
endireitar os cantos vincados, causados

pela briga com o ladrão.

— Hum hum.

Levanto rapidamente e rodopio
ao redor para ver um homem de pé
na entrada da loja. O sol ainda está
baixo no céu da manhã e os raios
de luz que entram por trás do
homem são tão brilhantes que não
consigo vê-lo claramente.

— Está tudo bem, senhora? Eu
vi alguém sair correndo daqui.

— Jo. Meu nome é Jo.

“Senhora” traz a implicação de ser
algo que não sou. Por isso, apenas
me chame de Jo. — Estou ocupada
recolhendo as merdas que estão
espalhadas por todo o lugar, graças
a minha briga com o ladrão. O
homem agacha para recolher as
bugigangas bregas e o olho pela
primeira vez. Olá, deus grego de
todas as coisas masculinas e sexys.

— Uma implicação do quê,
exatamente? — Sua voz é cheia de

curiosidade e aveludada.

Encolho os ombros e tento o
meu melhor para chegar ao ponto
em que este gato irá mostrar algum
interesse ou me deixar sozinha me
debatendo no inferno dessa livraria.

Eu prefiro a primeira.

— Você sabe... alguém casado,

alguém

mais

velho,

alguém

importante ou com algum tipo de
título; alguém que mereça respeito.

Eu sou nada disso, por isso me
chamam de Jo. — Por que diabos
estou

explicando

a

minha

preferência para esse cara? A voz
dele. Pensando bem, me parece
familiar por algum motivo. Tenho
certeza de que não o conheço. Não

é possível. Eu não tenho nenhum amigo. Na verdade, nunca tive.

Bem, tive uma amiga, há muito tempo. Michelle era minha amiga quando éramos crianças, mas não tive mais ninguém depois dela.

— Tudo bem. Jo.

— E você, é? — Realmente não dou a mínima, além da necessidade de apaziguar o meu sentimento confuso de familiaridade. Eu paro de pegar as coisas e olho para ele. Seu rosto parece familiar. Quem diabos é esse cara?

— Damon. Damon Cole. — Ele estende sua grande mão e pega a minha.

No momento em que nos tocamos, algo me preenche e não tenho a menor ideia do que seja. Reconhecimento? Excitação? Eu não sou indiferente a um cara bonito, e este, com certeza, é muito bonito. A maioria das pessoas me chama

de vadia, promíscua, no mínimo.

Acho que minha vida sexual é o tipo
de vida sexual que a maioria das
mulheres deseja desfrutar, mas se
recusa, uma vez que a sociedade
como
um
todo
desaprova.

Permaneço
olhando
com
curiosidade para ele, nossas mãos
presas
em
um
cumprimento
amigável.

— Eu te conheço?

O Sr. Gostoso e misterioso
inclina a cabeça de lado e me
avalia com inquisitivo interesse. Um
tom de rosa vem à tona em suas
bochechas. Ah-ha! Ele está atraído

por mim também. Acho que eu
poderia viver um descontraído caso
de uma noite com este espécime do
sexo masculino, em especial.

— Não, Jo. Acho que não.

A maneira como ele disse o
meu apelido preferido me faz
pensar em todas as coisas safadas
que eu poderia fazer para ele, dada
a possibilidade de um encontro. Eu
não costumo ter relacionamentos,
mas gosto de sexo tanto quanto
qualquer pessoa. Apesar da minha
aversão

a
relacionamentos
duradouros de qualquer tipo, eu
transo muito.

— Você veio aqui para comprar
algo, Damon Cole, ou foi a coisa da
donzela em perigo que o atraiu? —
Sorrio para o gato diante de mim...
e espero que ele morda a isca.

Ele morde.

— Eu não tinha a intenção de comprar um livro, mas, se você quiser, eu compro.

Abro um sorriso safado e rezo para que ele perceba o que estou pensando. Fico feliz em ajudar Damon, mas não com um livro. Ele estreita levemente o olhar, como se estivesse contemplando a minha oferta oculta.

— Escute, eu estava indo tomar um café, você pode escapar do trabalho por alguns minutos para se juntar a mim? Dou uma olhada rápida no relógio de pulso que era da minha mãe e sorrio. Posso antecipar a minha pausa do almoço. Sutton não vai saber, e mesmo que saiba, provavelmente não daria a mínima. Além disso, o que ele vai fazer, atirar em mim?

— Está bem, vamos lá.

O estranho homem sorri e

deixa minhas entranhas em uma
espécie de frenesi alimentar. Só
consigo imaginar aqueles lábios
pressionados contra a minha pele.

Não fico com um homem há
semanas e ele será a distração
perfeita para o aniversário do
acidente

e
o
meu
iminente

desemprego. Humm, acho que o
quero, hoje à noite.

Partimos pela calçada em
direção ao café do quarteirão. Dou
graças a Deus por não estar muito
quente ainda. Junho em Vegas é
infernol. Passeamos casualmente e
alternamos olhares curiosos um
para o outro. Eu apreciei o visual
dele completamente.

Ele está vestindo uma calça
social que parece ter sido feita sob

medida, as mangas de sua camisa
estão arregaçadas nos antebraços,
os botões superiores estão abertos
e não está usando gravata. Aposto
que
ele
odeia
usar
roupas
abafadas, simplesmente porque se
parecem
casuais.

Ele
tem,
certamente, mais de 1,80m de
altura. Seu cabelo é levemente
comprido no alto da cabeça, mas
curto nas laterais e é castanho
escuro, quase preto. Ele tem uma
barba curta, perfeitamente cuidada
por todo o queixo angular e estou
morrendo de vontade de senti-la
contra a minha bochecha. Seus
olhos brilham ao sol como âmbar.

Seus lábios parecem suaves e
convidativos e se curvam pra cima,
apenas de um lado, quando ele
sorri. Posso apenas imaginar o que
está escondido debaixo de suas
roupas. E pretendo descobrir isso
mais tarde.

Ele inicia uma conversa trivial
enquanto tomamos nosso café em
uma mesa do bistrô, tão pequena que
parece instantaneamente íntimo. Gosto
de onde isso está indo...

—

Então,
você
trabalha
sozinha na livraria?

Mexo o meu café e coloco o
misturador de lado. Olho para o
homem à minha frente. Deus, ele é
lindo. Mal posso esperar até à
noite. Deixo de rodeios e vou ao
que interessa.

— Você quer sair hoje à noite?

Suas

sobancelhas

sobem

rapidamente e juro que elas quase encontram a linha onde começa o cabelo.

— Essa frase não é minha?

Eu dou de ombros. — Eu não sei, é?

Ele sorri e seus dentes brancos e brilhantes me fazem derreter.

— Com certeza. Que horas é melhor pra você?

Ele está distraído mexendo o café em um ritmo lento e constante, e fico observando o movimento de seu pulso. Será que ele também se move com fluidez na cama?

— Sutton, o proprietário da loja, chega depois do almoço, aí vou embora. Tenho um lugar para ir, esta tarde, mas depois estarei livre. Quer me encontrar em frente

à loja por volta das seis?

— Onde é que você tem que

ir?

Uau, ele é muito ousado, não?

Isso não é da conta dele, mas vou

lhe ensinar uma lição rápida sobre

uma doença chamada não-se-meta-

onde-não-deve. É uma lição que

adoro

distribuir

para

pessoas

intrometidas.

— Vou ao cemitério, visitar a

minha família morta — digo sem

rodeios.

Ha! Aí está. Preocupação

encheu seus olhos cor de âmbar.

— Descul...

Isso deve ser bom. Levanto

minha mão para detê-lo. Não tenho o

menor interesse em desculpas. Elas me

irritam, na verdade. Elas raramente são sinceras. Faz parte da
condição humana

e a única que eu nunca entendi. Por que

todo mundo tem essa merda de
necessidade de se desculpar? Este
homem, provavelmente, não sente
pena do meu trágico cenário. Eu
não tenho a menor dúvida de que
ele sinta pesar, mas não é por mim.
E sim pelo constrangimento de abrir
a boca. Ele sente pena de si
mesmo, não de mim.

— Não. Não se desculpe.

Ele junta os lábios e parece
confuso. É, de fato, um pouquinho
cativante. Eu meio que me sinto
mal por tê-lo feito se sentir
culpado. Hmm, isso é uma coisa
estranha de sentir. Na verdade, me
sinto um pouco mal-intencionada.

Isso é tão diferente de mim. Bem,
que merda posso dizer agora? Eu
não esperava me sentir uma idiota.

— Não me olhe assim. É que...

desculpas não me dizem nada. Elas
nunca

são

sinceras.

Posso

assegurar que até tenho o desejo,
neste momento, de dizer que sinto
muito por ser tão rude. Mas,
honestamente, meu impulso de
pedir desculpas é apenas por me
sentir desconfortável com a culpa
que sinto e meu cérebro estúpido
associa um pedido de desculpas a
aliviar o meu próprio desconforto.
Desculpas são apenas um lembrete
de como as pessoas são egoístas.

— Deixo escapar um suspiro
exasperado. Arrisco uma rápida
olhada para Damon e seus olhos
estão grudados em mim.

— Essa é a reflexão mais
honesta que já ouvi.

— Tenho que voltar pra loja.
Te encontro lá às seis? — Preciso
me afastar já desse cara e esquecer
a minha fraqueza diante dele.

— Esta noite, às seis — ele

confirma.

— Ok. Antes de eu ir... — Pego um guardanapo e uma caneta da minha bolsa. — Aqui está o meu número e e-mail, caso você queira entrar em contato comigo. — Entrego-lhe o guardanapo e faço uma pausa por um instante, enquanto ele examina meu garrancho.

— jojo.geroux? — Ele parece confuso.

— Josephine Geroux. Esse é o meu nome. jo.geroux não estava disponível, então optei por jojo.geroux.

Ele me olha com um olhar muito peculiar, e esse profundo

sentimento de familiaridade retorna

com força total.

— Te vejo à noite, Damon.

— Tchau, Jo. — Seu foco

permanece no guardanapo em sua

mão, enquanto murmura o tchau.

Levanto e me viro, em minhas

sandálias de tiras, aponto minha

frustração na direção da saída da

loja, e permito que minhas pernas,

vestidas de jeans, me levem de

volta ao trabalho o mais rápido que

podem.

CAPÍTULO DOIS

Eterna escuridão

Fiquei contente pelo meu dia

ter voado, mas agora vendo as

lápides

dos

meus

pais

se

aproximarem do meu campo de

visão, começo a desejar ter voltado
para esta manhã. O nó na garganta
cresce a cada passo em direção ao
local do descanso final deles. Eu
odeio vir aqui. Eu só os visito uma
vez por ano, no aniversário de
morte. Posso brigar nas ruas, posso
dar
um
perfeito
gancho
de
esquerda, e quando eu conseguia,
podia transformar cinco dólares em
cinquenta, num instante, jogando
dados em becos. Mas, caramba, eu
não tenho força suficiente para
visitar meus pais mortos mais do
que uma vez por ano. Sou uma
péssima filha, mas eu digo a mim
mesma
que
talvez
eles

compreendam a minha falta de
coragem quando se trata de visitar
suas sepulturas. Só espero que eles
entendam, onde quer que estejam.
Prefiro acreditar que eles estão no
céu, mas eu simplesmente não sei.
Não tenho como saber se ele existe
mesmo, e o padre missionário
costumava dizer que eu tinha que
ter fé de que Deus e o Paraíso
existem. Para uma adolescente
sem-teto, a ideia de ter fé em
alguma coisa é, simplesmente,
estúpida.

— Oi — murmuro, ao me
ajoelhar. Estas duas pedras são as
únicas coisas, além de mim, que
atestam a existência desses dois
seres humanos. Isso é tudo o que
resta deles; duas lápides caríssimas
que me exigiram um ano de
poupança para que eu finalmente
conseguisse comprar e, claro, eu, o
fruto do amor deles. É isso aí. Nada

mais. A dor crava no meu coração
endurecido, saber que mamã e
papai estão reduzidos a isto; duas
pedras e uma péssima filha que
nunca os visita. Balanço a cabeça e
franzo meus lábios. Minha cabeça
pende
voluntariamente
em
vergonha.

— Sinto muito — murmuro
através lágrimas. — Sinto tanto. —
Meus ombros tremem e eu desabo
em lágrimas, copiosamente. —
Sinto tantas saudades. Sinto tanto
que dói até respirar. Se eu pudesse,
daria tudo que tenho para trazer
vocês de volta. — Como uma
verdadeira dama, uso a batinha da
minha camisa para limpar meu
nariz e enxugar minhas bochechas.
O que não faz diferença alguma. As
lágrimas ainda rolam livremente
pelo meu rosto e se juntam no meu

queixo antes de pingar no meu
colo. Não dou a mínima. Estou
sofrendo e é mais forte do que eu.
Sinto saudades deles pra caramba;
tem dias que é preciso cada grama
de força que tenho para, até
mesmo, existir.

Tem dias que o desespero que
sinto é tão sufocante que chega a
ser uma ameaça, a do tipo muito
perigosa, para conseguir sair. A do
tipo que faz algumas pessoas
fazerem coisas estúpidas como
medida extrema para aliviar o
sofrimento. Sinto vergonha de
admitir que já cogitei acabar com
tudo. Sei que isso é uma coisa
covarde e egoísta a fazer, mas a
única razão pela qual me detive de
acabar com minha vida de merda é
porque
não
quero
nunca

decepcionar meus pais. Não sei se eles podem me ver ou ouvir, mas não vou arriscar. Vivo com isso. Eles não escolheram como as coisas acabaram. A decisão foi tomada por eles quando o carro desviou para a nossa pista. Eu nunca poderia desonrá-los pela vida que me deram. Eu sou tudo o que resta deles, além dessas duas pedras, e não posso acabar com eles, acabando com a minha vida. Arranco uma grama morta que está dispersa na base da lápide. Traço meus dedos fortemente sobre as letras gravadas nas pedras; primeiro na dela, depois na dele. Comprei-as depois de ter guardado dinheiro suficiente, trabalhando na loja. Eu estava nove anos atrasada, mas

meus
pais
finalmente
receberam
as
lápides
que
mereciam, ao invés da placa barata
que tinham antes. A maioria das
meninas de dezoito anos poupa
para
seus
carros
ou
um
apartamento próprio. Eu mendigava
para comprar lápides decentes para
os meus pais. Não dava a mínima
por não ter comido quase nada
naquele
ano,
contanto
que
escondesse cada centavo que

podia. Saber que o meu dinheiro
estava direcionado para isso era
sustento suficiente.

Um estômago roncando pode

ser

remediado;

um

coração

destroçado e angustiado, não.

Desejo, de alguma forma, que haja
algo que você possa alimentar seu
coração desiludido para acalmá-lo.

Algo que eu não pude fazer ou ter,
para diminuir ou aliviar a dor
constante em meu peito. Desejei e
esperei por tal recurso, mas o fato
é que ele não existe. Se existisse,
eu teria sido a primeira a desvendá-
lo; teria vasculhado o planeta atrás
dele. Faria qualquer coisa para
curar o vazio dentro de mim. Até
agora, a única coisa que parece
preencher o meu vazio, é fazer sexo
frequentemente. Acho que sou um

daqueles

exemplos

dos

livros

didáticos, de uma jovem mulher que usa o sexo e a promiscuidade para mascarar a sua educação de merda. Não dou a mínima. Sexo é bom e, por um curto período de tempo, me faz esquecer tudo.

— A saudade nunca melhora.

Pelo contrário, dói mais. Gostaria de ter algo importante para falar, mas não tenho. Ainda estou na loja, mas não sei por quanto tempo.

Provavelmente vamos falir. Não quero perder o meu emprego. É a única coisa que me faz sentir gente, desde o acidente. — Lágrimas brotam, transbordam e fluem um pouco mais rápido com a minha conversa sobre outra perda. Não suporto a ideia de não trabalhar mais na loja. Só aumentaria a

minha tristeza. Meu trabalho é tudo
o que tenho; é tudo o que me faz
seguir em frente. Estou satisfeita lá.

O
pensamento
de
perder
o
emprego que tanto amo me faz
querer
desmoronar.

Passei
incontáveis horas em bibliotecas...
quando eu morava nas ruas, e meu
amor e apreço pelas palavras
escritas são o mais profundo. As
palavras e os livros foram a minha
salvação.

As pessoas costumam dizer
que o tempo cura todas as feridas.
Digo que elas só falam merda. A
maioria das pessoas são muito
ignorantes por dizerem algo tão
estúpido não tendo nada para se

basear, além desse clichê de
merda. Não há fundamento na
perda para se tirar essa conclusão.
Eu não ousaria dizer a alguém que
está sofrendo que o tempo vai curá-
lo. Seria honesta e diria que o
tempo não faz desaparecer as boas
lembranças, só deixa um vazio no
coração. A perda nunca entorpece.
Diria a alguém de luto que o melhor
que podemos esperar é encontrar
algo produtivo para fazer para
acalmar. Qualquer ambição de cura
ou qualquer outra coisa tipo...
corações, arco-íris, pirulitos e esses
papos furados, é só besteira.
Quando se sofre uma perda tão
grande, é como se o sol desse
espaço para a noite chegar e nunca
mais aparecesse novamente. E isso
te deixa numa eterna escuridão.
Fungo e limpo as lágrimas.
— Eu amo tanto vocês. Até o
ano que vem. — Deslizo as pontas

dos dedos pelos seus nomes
gravados na lápide, mais uma vez,
e em seguida, me levanto. Ando em
direção ao meu carro e a lembrança
de Damon Cole invade minha
cabeça. Eu mais do que o quero,
agora. Eu preciso dele. Preciso
afogar minha tristeza em um mar
de luxúria e Damon é o homem
perfeito para esse trabalho.

CAPÍTULO TRÊS

Sensações familiares

Nem
sei
por
que
estou
perdendo tempo arrumando meu
cabelo.
Pretendo
bagunçá-lo
rapidamente
quando

estiver

sozinha

com

Damon.

Aquele

homem é lindo e preciso da

distração que tenho certeza que ele

é capaz de prover. Posso ser taxada

de vadia na opinião de algumas

pessoas, mas fodam-se elas. A

verdade é que essas idiotas que

mantêm vida dupla são as mesmas

pessoas que me invejam. Elas invejam

minha coragem e falta de preocupação

com estereótipos de merda. Toda a

promiscuidade masculina contra a

depravação feminina não me diz nada.

Tô nem aí! Na minha opinião, se

uma mulher está sendo cuidadosa e

discreta, quem se importa quantos

parceiros ela escolhe para levar

para a cama? Não deveria importar.

Jim, Jack, Bill, Bob e Will podem

foder

com

cem

mulheres,

e

ninguém dá a mínima para isso,
mas eles são os santos garanhões!

Se eu admitir ter feito sexo com
uma fração disso, serei evitada
como uma puta suja quando, na
verdade, estou limpa. Eu sou
cuidadosa. Escolho meus parceiros
com sabedoria. Sou atenta e
prevenida. É o meu corpo. Faço
com ele o que eu quiser.

Aliso o meu cabelo castanho
ondulado e o jogo sobre os ombros
para cair pelas costas. Pego minha
bolsa de cosméticos e tiro as coisas
de dentro. Meus olhos verdes
escuros sempre ficam melhores
quando eu adiciono um pouco de
maquiagem. Eu delinheio minhas
pálpebras, esfumaço um pouco com
sombra, passo rímel nos cílios, e

estalo meus lábios depois de passar
meu gloss colorido. — Muito bem,
Jo, hora de buscar prazer com
Damon Cole — digo para o meu
reflexo no pequeno espelho do
banheiro. Pego minha bolsa e
caminho, decidida, até a porcaria
do meu carro velho, onde eu sento
no banco do motorista para dirigir
por dez minutos.

No momento em que viro a
esquina e a loja aparece no meu
campo de visão, também vejo
Damon. Ele está de pé, na frente
da loja, parecendo mais elegante
do que me lembrava. Sua calça
jeans é justa e parece desbotada,
mas de ótima qualidade; sua
camisa
cinza
carvão
está
desabotoada em cima e parece
justa no peito e ombros. Minhas

mãos coçam para deslizar sob o tecido. Estaciono o carro e desligo o motor, em seguida, saio, alisando minha saia jeans e ajusto minha blusa transpassada de algodão.

Estou

usando

minha

sandália

anabela favorita e o meu melhor perfume. Tomei alguns cuidados extras, me preparando para a noite com Damon. Ele se vira na minha direção e seus olhos capturam os meus. Sua atenção se concentra em mim, enquanto me aproximo. Eu me sinto exposta e um pouco menos confiante do que há alguns momentos. Isso é estranho pra caramba. Não há nada de especial nesse cara. Ele é apenas um cara; um cara sexy, com o qual pretendo trepar exaustivamente esta noite.

Seu olhar ainda não deixou o meu e

o ar ao nosso redor, de repente,
parece pesado e espesso.

— Oi.

— Você está linda.

Sua voz soa... promissora, e eu
quase suspiro quando ouço o
desejo sendo despejado a cada
sílabo. Fico aliviada por ele me
querer tanto quanto eu a ele. Não é
preciso ser cientista para descobrir
que a tensão entre nós é sexual. É
atração puramente animalesca e
totalmente involuntária.

— Obrigada. O que você
planejou para nós? — pergunto, me
sentindo esperançosa de que ele vá
ser breve e me levar para a casa
dele depois.

Ele me lança um leve olhar e
posso dizer que ele está pensando.

—

Eu
tinha
planejado

perguntar o que você gostaria de
fazer. — Ele desliza uma mão
casualmente no bolso e vejo um
extravagante Rolex agarrado ao
seu pulso como isca para caçadora
de maridos ricos. Entendo; ele é
habilidoso com essa coisa toda.

Não há necessidade de pisar
em ovos. Vou direto ao ponto.
Reaja rápido. Pergunte o que
quiser.

— Você sabe cozinhar?

— Não, realmente não. — Sua
admissão me deixa um pouco
envergonhada

e,

caramba,

é

extremamente

fofo

ver

esse

homem alto e misterioso, ruborizar.

Seu olhar entusiasmado, de cor

âmbar, desvia do meu, e pela
primeira vez desde que chegamos,
nosso olhar interrompe.

— Não faz mal, eu amo
cozinhar — asseguro-lhe. — Se você
estiver com fome, eu faço o jantar,
mas terá que ser na sua casa. O
meu é o pior apartamento desta
cidade.

Ele abre um pequeno sorriso e
seus lábios inclinam para cima em
um lado. Sua confiança está de
volta e seus olhos praticamente
brilham com interesse. Ele me olha
de cima a baixo lentamente, como
se avaliando a minha habilidade
culinária. Entre seu rubor adorável
e aqueles olhos cor de mel, ele está
ganhando todos os tipos de pontos
comigo. Porra, eu quero colocar
minha
boca
nele;
em

cada

centímetro dele. Posso sentir o calor crescendo em meu rosto e eu sei que é hora de ver esse show na estrada.

— Então... o que você me diz?

— pergunto com um sorriso sedutor. — Quer que eu te impressione

com

as

minhas

habilidades culinárias ou o quê?

— Com toda certeza, quero que você me impressione, Jo. Meu carro está por aqui.

Ai, meu Deus! Esse homem vai achar que estou implorando por ele. Percebo isso agora. Ele sabe o que tem a seu favor e não tem medo de mostrar.

— Não há necessidade. Eu te sigo. Sua cozinha está abastecida?

— Eu giro minhas chaves no dedo

indicador e continuo me deliciando com a visão dele. Ele ainda está com uma mão enfiada no bolso, enquanto a outra pende livremente ao seu lado. Ele acena com a cabeça em entendimento.

— Está bem, entendi. Você realmente não me conhece. Mas prometo que você vai ficar bem. Vou me certificar disso.

Algo estranho agita dentro do meu subconsciente; algo familiar e assustador. Meu estômago revira por um instante e sinto como se eu devesse... fazer alguma coisa. Eu não sei que merda é essa, mas, puta que pariu, é uma sensação estranha. Ele percebe o meu desconforto, porque dá um passo à frente e repousa sua mão no meu braço.

— Ei, você está bem? É melhor você me deixar dirigir. Prometo te trazer de volta até seu carro no

minuto que você disser. Ou posso providenciar que ele seja levado para a minha casa. Meu assistente não vai se importar. Ele é pago pra isso.

— Hã, sim, eu estou bem. Um assistente? Ele levaria meu carro, tipo, agora? — Eu arqueio uma sobrancelha em descrença e ele sorri e assente novamente.

Sua mão sai do meu braço e ele se posiciona ao meu lado, sua mão vai para a parte baixa das minhas costas, me guiando em um ritmo confortável para o que eu suponho ser sua... picape? Ele está apontando com o chaveiro para uma surpreendente picape. Essa coisa é um pouco alta, então subir no banco do passageiro com a minha minissaia jeans será

interessante.

— Entre.

Num instante, suas mãos estão na minha cintura e ele me levanta com facilidade, colocando-me no banco do passageiro. Não consigo formar palavras. Minha cabeça cansada está atrapalhada para dar uma resposta. Talvez o carro dele esteja no conserto. Talvez ele seja um serial killer e usa essa picape para transportar corpos para o deserto. Ou, talvez, apenas goste de picapes. Muitos homens gostam de caminhonetes. É o veículo preferido do homem americano.

— Chaves? — Ele estende a mão para mim, enquanto a outra leva seu celular ao ouvido. Eu entrego as chaves e o ouço falar. — Brian, sim, vou voltar para casa daqui a pouco com o meu encontro. Preciso que você pegue a chave e o endereço de um carro, com a

segurança, lá embaixo, em seguida,
pegue o carro. É amarelo pálido, bem...
ele também tem uma porta vermelha, e o
capô cinza. Farei melhor. Vou deixar o
número da placa com as chaves e você
encontra o carro e o leva pra minha
casa. Isso, obrigado.

Eu não pude deixar de rir da
sua descrição para a porcaria do
meu carro, um veículo que mais
parece o carro do Frankenstein do
que qualquer outra coisa.

— Frank. É o nome do meu
carro.

Ele me olha com descrença
estampada no rosto.

— Você deu nome ao seu
carro? Por que Frank? — Ele se
estica quando termina a pergunta e
puxa o meu cinto de segurança
para eu me prender.

—

Você
sabe,

carro

Frankenstein.

Ele

parece

um

experimento louco, então o nomeei

de Frank. — Dou de ombros e

sorrio.

Ele ri quando fecha a porta e

caminha de volta para o lado do

motorista. É um daqueles meio

sorrisos que parecem que vão

derreter até a minha calcinha e

sinto um desejo enorme de beijá-lo

aqui na picape.

Ele pula em seu assento e

afivela o cinto de segurança.

— Já prendeu seu cinto?

Dou um puxão no meu cinto

para responder sua pergunta e ele

começa a dirigir o seu grande

brinquedo.

— Por que você tem luxo no

pulso, mas dirige uma picape?

— Bem, este é apenas um dos meus veículos. Gosto de variar algumas coisas. Não gosto de ficar entediado ou impaciente com apenas um carro.

Definitivamente outro mulherengo se divertindo no parque de diversões conhecido como Vegas. Quem sou eu para julgá-lo?

Estou no mesmo parque. Claro, meu cenário não é tão impressionante; não ostento um Rolex ou dirijo um carro novo e a minha roupa, com certeza, não é de grife, mas curto muito de qualquer maneira.

— Está certo, entendi. Você
gosta de variedade. Nada de errado
com
isso.

Sua
cozinha
está
abastecida ou devemos ir até o
mercado?

— Acho que encontraremos
algo nos meus armários. — Ele me
olha e envia outro sorriso de
derreter a calcinha e eu me delicio.
Eu poderia olhar para aquele sorriso
o dia todo.

A viagem não demora muito
tempo, e antes que eu me dê
conta, estamos em um prédio alto,
elegante. Parece típico de alta
classe de Vegas.

— Chegamos — ele diz quando
estaciona sua indescritível picape.
Eu o olho e arqueio uma
sobrancelha.

— Você está brincando, né?

Você mora aqui?

Damon não responde. Ele

desliza para fora da picape e dá a

volta para abrir minha porta. É um

gesto gentil; não há muitos homens

assim. Eu meio que gosto. Ele se

estica e, novamente, me agarra

pela cintura e me tira da picape,

me puxando para seu corpo duro

feito rocha e, lentamente, me

abaixa, me colocando de pé. Ai,

caramba, o cheiro desse homem é

incrível. Meu coração acelera e

minha respiração torna-se rápida.

— Desculpe. Não tive a

intenção de ser muito ousado.

— Não precisa se desculpar —

eu digo, soando um pouco ofegante

demais, para o meu gosto. —

Vamos? — Eu aceno e o alarme de

seu brinquedo de criança grande faz

um estalido quando ele o tranca.

Sua mão encontra a parte

inferior

das

minhas

costas

novamente e eu me deleito com o

calor do seu toque. Ele nos guia

pelo saguão do edifício alto. Este

lugar é absolutamente luxuoso. Que

raios esse cara faz para viver?

Ficarei chocada se ele disser que é

dono de cassino ou alguma merda

do tipo. Ele é um pouco mais velho

do que eu. Dá para ver isso.

Quantos anos tem ele? Trinta,

certamente. Vou perguntar mais

tarde.

— Como vai, Howard?

— Muito bem, chefe. Em que

posso ajudar?

Damon desliza as chaves, com

o meu chaveiro barato de pé de

coelho e tudo mais, do outro lado

da mesa de segurança, para

Howard.

— Preciso que você entregue
isso a Brian quando ele chegar
aqui, e este bilhete. — Ele pega
uma caneta e um bloquinho da
mesa de Howard e anota o número
da minha placa. Eu leio a palavra
“multicolorido”,
quando
ele
o
desliza de volta para o coroa do
Howard.

— Claro, chefe.

— Desculpe minha falta de
educação. Howard, esta é minha
amiga, Jo. Jo, este é Howard. Ele é
o chefe de segurança aqui no The
Towers.

— Prazer em conhecê-lo,
Howard. — Estendo minha mão
para
Howard
e
nos

cumprimentamos.

— Da mesma forma, madame.

— Por favor, apenas Jo.

Ele solta a minha mão e sorri calorosamente. Gosto de Howard.

Ele parece ser um cara legal.

— Até mais tarde, Howard —

Damon fala por cima do ombro enquanto me conduz em direção ao hall dos elevadores. Quatro, para ser mais exata. Porra, este lugar é chique. Sinto-me desconfortável.

Não quero tocar em nada.

— Você deve ser muito rico para viver num lugar como este — digo sem pensar.

Damon ri e concorda com a cabeça, entrando no elevador. As portas se fecham e ele digita um código no painel de controle.

Começamos a subir.

— Sou um empreendedor. Me saio bem.

É uma explicação simples, vaga,

que me deixa curiosa para saber mais. O

elevador para, as portas se abrem e,

com sua mão nas minhas costas,

ele nos conduz para fora do

elevador e para um hall de entrada.

Ele abre um painel na porta e

aperta alguns botões. Ouço o clique

de uma fechadura. A porta se abre

e ele gesticula para eu entrar. Entro

em sua casa e observo o lugar. Ela

cheira a decorador de interiores

muito caro. Nossa! Este lugar é o

típico “apartamento de solteiro

moderno”, quando se entra. Parece

quase uma clínica, tudo limpo e de

cores claras. Posso sentir seu olhar

em mim e me viro para encará-lo.

Aceno e faço o meu melhor para

fingir aprovação.

— Você tem uma bela casa.

Deve ter tido uma daquelas

decoradoras caras, hein?

— Sim. Paguei uma comissão

considerável e ela fez isso. — Ele

levanta as mãos e gesticula ao redor.

— Você não gostou?

— Não, acho que não, mas não fico muito aqui, por isso não ligo.

— Então, faça-a mudar! Você pagou. Deveria ter recebido o que você quer. — Cruzo os braços sobre o peito, fazendo um pouco de cara feia. Não tenho nenhuma razão para me irritar por causa disso, mas acho que tenho um profundo problema enraizado com pessoas que fodem os outros.

Ele inclina levemente a cabeça e me estuda por uns segundos.

— Vem comigo. Eu quero te mostrar uma coisa.

Deixo minha bolsa no sofá baixo e o sigo. Ele nos leva pelo espaço aberto da casa e, em seguida, subimos um lance de escadas. Continuamos caminhando pelo andar de cima e eu paro. Puta

merda. Paraíso. Uma biblioteca no andar de cima. Ele volta e para ao meu lado.

—

Parece

que

a

sua

decoradora excessivamente cara ou conseguiu acertar alguma coisa ou tem múltipla personalidade. —

Estou completamente paralisada e admirando

a

aconchegante

biblioteca.

É um enorme contraste ao tema

frio, mas moderno, do resto da

cobertura. Este espaço é enorme

até para o padrão de alguém, mas

não na mesma escala do resto da

casa. Este lugar parece menor e

mais aconchegante, o tipo do lugar

que eu poderia me sentar por

horas, lendo livro após livro. É
incrível. Há somente duas paredes,
e ambas estão equipadas com
prateleiras de madeira escura, do
chão ao teto. Deve haver milhares
de livros aqui. É impressionante. Há
duas
cadeiras
de
grandes
dimensões
que
poderiam
ser
facilmente namoradeiras, estofadas
com um tipo de tecido sofisticado
que me faz lembrar veludo. Elas
não são de couro e frias como o
mobiliário elegante do andar de
baixo. O piso é acarpetado, não de
cerâmica ou madeira, como o resto
dos ambientes. É uma sensação
macia,
mesmo

com
minhas
sandálias. Aposto que deve ser uma
delícia pisar descalça. Há uma
mesa de centro e duas mesinhas
menores com uma luminária cada.
Percebo que numa das paredes tem
algumas prateleiras vazias. Por que
estão vazias? Eu poderia preencher
esse desperdício com meus livros
favoritos. Caminho ainda mais para
dentro
do
ambiente
e
ando
lentamente na frente de uma das
estantes. No processo, passo meus
dedos,
preguiçosamente,
pelas
lombadas de cada livro. A tinta e o
papel têm um cheiro familiar para
mim.

— Ela não fez a biblioteca ou o meu quarto. Eu planejei ambos. Me afasto da prateleira, e olho boquiaberta para ele.

— Uau. — É tudo o que consigo dizer. Droga, ele ficou ainda mais gostoso na minha opinião, e só porque tem um apreço óbvio por livros como eu. Talvez sua apreciação não seja muito parecida com a minha, mas ainda vale.

Ele não dá uma resposta clara à minha reação. Somente caminha até mim e para à minha frente. Sua mão direita pousa sobre o meu ombro e desliza para baixo, pelo meu braço, até que seus dedos se entrelacem com os meus.

— Venha.

Não pronuncio uma só palavra, porque
o
meu

coração

está

acelerado no peito. Porra, o jeito que ele falou foi sexy. Ele nos conduz pelo andar. Olho por cima do ombro mais uma vez, para a biblioteca particular mais incrível que já vi, então, continuo andando atrás dele. Paramos em frente a uma porta e ele a abre. Entro em um quarto que parece um mundo distante de todas as coisas frias e sem vida. Ele é elegante. As paredes são pintadas de um tom neutro terra com uma parede em destaque na cor água marinha. A cama tem uma cabeceira alta que me faz lembrar de uma daquelas poltronas. Ela é acolchoada e com efeito capitonê e o tecido que a faz parecer como se estivesse envolta em champanhe. Ele tem duas mesinhas de

cabeceira

com

luminárias; há uma lareira a gás na

parede ao lado da cama. Na parede

acima da lareira está uma linda

pintura abstrata, para quem sabe o

que significa. Provavelmente foi

feita

por

um

desses

hippies

malucos. A cama parece o paraíso.

Eu tenho um pedaço de rocha dura

como colchão, mas esse parece

uma nuvem. Nem quero ver a porra

do banheiro. Se o quarto é qualquer

indicação,

o

banheiro

é,

provavelmente, modelo de algum

SPA ou alguma merda assim. Droga.

—

Seu

quarto

é

impressionante. Acho que você
deve pedir seu dinheiro de volta à
moça e decorar você mesmo. —

Dou uma risada, mas ele não. Ah,
merda, não leve a sério tudo o que
digo.

Seus dedos apertam os meus e
ele me puxa para ele. Então se
afasta e lidera o caminho de volta
para baixo. Entramos na cozinha e
não me surpreendo ao ver que a
maldita coisa coincide com o tema
frio. É toda com bancada em
granito brilhante e armários de
madeira escura. Cada gabinete tem
um vidro opaco no centro e um fino
puxador de níquel escovado. Os
eletrodomésticos são todos top de
linha e custam mais do que ganho
em seis meses, aposto. Deve ser
divertido cozinhar nesta cozinha. É

melhor do que meu fogão elétrico,
torradeira e microondas.

— Então, tudo bem se eu
começar?

Ele solta a minha mão e
contorna, tranquilamente, a ilha
central para sentar num banquinho
do lado oposto, e me encara com
atenção, aparentemente extasiado.

— Fique à vontade — diz ele
com outro sorriso derrete-calcinha.

Isso me acerta em cheio e juro
que, por apenas um segundo, sinto
aquelas borboletas. Borboletas?

Que merda é essa? Essa é uma
zona proibida. Eu não faço a coisa
de envolvimento emocional. Nunca
foi uma boa ideia para mim. Só
amei três vezes: mamã, papá e
meu trabalho. Já perdi dois desses
três, e o terceiro está por um fio de
ser arrancado de mim. Eu espanto
esses pensamentos; não posso lidar
com isso agora. Essa merda toda é a

razão de eu estar procurando uma noite

de sexo alucinante e distração. Começo a procurar pelos armários e gavetas.

Todos os meus pensamentos depressivos

logo ficam de lado enquanto eu preparo

um dos meus pratos preferidos na

cozinha sem vida de Damon.

CAPÍTULO QUATRO

Boca suja

— Esta é a melhor coisa que

eu já comi em anos. Muito, muito

bom mesmo, Jo. Obrigado —

Damon afirma antes de devorar sua

última garfada da minha famosa

caçarola de cheeseburger.

É um dos meus pratos favoritos de

fazer, já que é muito fácil e barato. Eu o

faço para mim o tempo todo, mas nunca

cozinhei para ninguém; esta é a minha

primeira vez e meio que aprecio o

elogio. Não costumo ligar para esse

tipo de merda, mas há algo

absurdamente familiar sobre ele.

Algo familiar e reconfortante. Sinto
que preciso estar perto dele. Como
se talvez fosse a coisa certa a
fazer; ele faz eu me sentir bem.

Isso é um absurdo fodido. Sei disso,
mas é um sentimento do qual não
consigo me livrar. Tomo outro gole
da minha água e ele segue o
exemplo.

— De nada. Eu nunca cozinhei
para ninguém, está é a primeira
vez. Fico feliz por não estragar
tudo. — Sorrio. Que porra é essa?
Quem se importa se eu estragar
tudo? Isso é somente uma noite,
pura e simples.

— Você quer tomar um café na
biblioteca?

— Claro.

Ele

rapidamente

liga

a

cafeteira e leva os nossos pratos

sujos para a máquina de lavar. Eu o observo e espero. Ele parece tão elegante. Aqueles olhos âmbar irradiantes têm um jeito de me enxergar por dentro e me fazer sentir nua, exposta... mas de uma forma incrível. Estou ansiosa para correr meus dedos pelo cabelo escuro e desganhado dele, desde que o vi pela primeira vez. Ele serve nosso café e faz do jeito que eu gosto: com creme e pouco açúcar. Ele deve ter lembrado desta manhã.

— Café. Creme e açúcar.

Pego a xícara.

— Obrigada.

Ele oferece o braço para eu me juntar a ele. O meu desliza por dentro da dobra do cotovelo dele e subimos a escada de braços dados. Entramos na biblioteca no andar de cima e coloco meu café na mesinha para admirar o espaço novamente.

Eu amo isso aqui. Porra, eu mataria para ter uma biblioteca particular como essa. Geralmente não me iludo em ter sonhos extravagantes achando que serão realizados. Sou bastante realista, não consigo evitar, mas desejo, um dia, acabar descansando numa biblioteca parecida com essa, mas minha.

— Eu realmente amo a sua biblioteca. Não imagino você como um amante de livros. — Olho para ele. Droga, ele parece ser gostoso o bastante para morder.

— Por quê?

— Oh, não sei. Não deveria estereotipar, mas você não parece muito com o tipo de homem que senta para ler.

— Não sento. Nunca tenho tempo suficiente, mas não foi isso que eu quis perguntar. Quero saber

por que você ama a minha

biblioteca?

O quê? Ele é algum estúpido?

Eu trabalho numa livraria, pelo amor de Deus. Isso deveria ser uma grande indicação de que tenho uma coisa por livros. Eu franzo a testa.

— Trabalho numa livraria. Não trabalharia lá se não gostasse. —

Ele arqueia uma sobrancelha, ceticamente, e posso dizer que ele quer saber mais.

— Sim, mas por que você trabalha em uma livraria?

Eu me posiciono em uma das cadeiras ultra macias e respiro fundo. Ele se senta na cadeira em frente a mim e apoia os pés sobre a mesinha de centro, entre nós.

Contra os meus princípios, decido colocar tudo para fora. Não tenho nada a perder mesmo. Embora esse cara seja, inegavelmente, um bom partido, isso não muda a questão.

Esse é um caso de uma noite, eu não tenho relacionamentos. Não importa se isso é um encontro, porque tenho quase certeza de que ele não é do tipo que tem relacionamentos, também. Então, foda-se. Vou contar a ele por que amo livros.

— Minha infância foi uma merda. Comecei a viver nas ruas, quando tinha doze anos, e mendiguei por seis. Eu costumava passar a maior parte do dia na biblioteca. No início, era um lugar para me aquecer no inverno e refrescar no verão, mas depois fiquei viciada.

Eu não

tinha
ninguém, mas cada vez que entrava
por aquela porta, sentia como se
cada autor fosse parte da minha
família e os personagens que eles
criavam
fossem
todos
meus
amigos. Eu confiava neles. Nenhum
deles jamais me decepcionou ou
me deixou. Eles nunca gritavam ou
batiam em mim. Nunca me fizeram
nada, mas ocupavam meu tempo e
me faziam companhia. Eles foram
tudo o que eu tive, por muito
tempo. E tudo o que ainda tenho.
Agora que a loja pode ir à falência,
é como se eu fosse perder minha
família e amigos. Amo todos os
meus livros. Ser uma amante de
livros salvou a minha vida. Passei
mais tempo lendo na biblioteca do
que me colocando em risco nas

ruas. Aprendi sozinha o que precisava para ser capaz de passar no meu exame supletivo.

A bibliotecária, Evelyn, nunca me mandou embora. Ela poderia... e deveria.

Mendigos não são, frequentemente, bem-vindos para permanecer em biblioteca pública por tanto tempo, mas acho que ela sabia que eu não estava só usando o local como abrigo. Um dia, ela veio até mim com um cartão de inscrição para o supletivo básico e disse para me inscrever. Tudo o que eu tinha que fazer era aparecer, estava tudo pago. Ela também me deixou usar seu

endereço pessoal na papelada, já
que eu não tinha um. Devo muito a
ela e a todos os livros que já li. É
por isso que eu os amo, e é por isso
que trabalho em uma livraria.

— Rezo, esperançosamente
para que ele lembre sobre o que eu
disse sobre desculpas e como as
desprezo ou vou me arrepender de
abrir a minha boca sobre a merda
que foi a minha infância.

— Você tem uma boca suja,
não?

—
ele
diz,
insinuando
sugestivamente.

Se tenho! E que boca suja. Vou
mostrar o quão suja é, se formos
direto ao ponto e puder nos livrar
de algumas roupas. Não transo há
semanas

e

estou

ficando

impaciente. Levanto da cadeira e contorno a mesinha de centro para ir até onde ele está sentado.

— Eu realmente não quero mais tomar café e nem conversar.

Ele se levanta e seu corpo fica tão perto do meu que posso sentir o calor irradiando dele. Ele se inclina e seus lábios carnudos roçam a borda da minha orelha.

— Então, o que você gostaria de fazer, Jo? — Seu hálito quente incendeia a minha pele, e meu núcleo se transforma em excitação líquida, quente.

Putá que pariu, eu o quero entre as minhas coxas.

— O que você gostaria? — sussurro.

— Você gostaria que eu te mostrasse o que quero?

— Sim.

Uma de suas mãos envolve a
minha cintura e ele me puxa para
ele. Meu corpo colide contra o dele
com tal força, que, por um instante,
falta ar nos meus pulmões. Sua
outra mão sobe lentamente pela
minha espinha, passando pela nuca
e para no meu cabelo. Seus dedos
emaranham em meus cabelos
castanhos ondulados e ele puxa
minha cabeça para trás, apenas o
suficiente para lhe dar acesso
ilimitado ao meu pescoço. Sua boca
quente cai na minha pulsação
acelerada e ele a beija e lambe a
minha pele. Sua boca avidamente
trilha do meu pescoço até o meu
ouvido. Ele toma o lóbulo da minha
orelha na boca e suga por um breve
momento,
antes
de
morder
levemente, persuadindo um gemido

de mim. Sua respiração está
entrecortada e a minha também.
Estou ofegante e devassa em seu
domínio. Meu corpo está vibrando
com a necessidade.

Seus quadris estão colados no
meu corpo e sua ereção pressiona
contra o meu estômago. É duro
como uma rocha e pulsante; posso
sentir seu pau se contraindo mesmo
através do tecido que separa os
nossos corpos. Estou impotente em
seu firme aperto dominante. Sua
mão não solta o meu cabelo e
estou pressionada nele o mais
perto que posso sem que seu pau
me preencha. Porra, eu quero senti-
lo dentro de mim. Ele mantém sua
atenção no meu pescoço e orelha,
em seguida, muda de lado e faz o
mesmo. Estou encharcada por ele.
Posso sentir o quão escorregadia
ele me deixou. Se ele não me
tomar logo, pode ser que eu

implore, o que não é do meu estilo.

Mas, caramba, esse homem mexe
comigo, e é algo que eu nunca
experimentei antes. Ele continua
lambendo

o

meu

pescoço

e

puxando o meu cabelo. Seus
quadris sarram habilidosamente
contra o meu corpo. Já chega.

Foda-se.

— Por favor...

Ele

congela,

afasta-se

ligeiramente e me encara. Esse
olhar sensual, cor de mel, é a
minha ruína.

Eu coloco minhas mãos de
encontro à parede firme de seu
peito e recorro à mendicância.

— Por favor — repito, soando

mais desesperada do que da
primeira vez.

Ele me agarra e puxa com
força para ele, mais do que da
primeira vez e rosna em meu
ouvido.

— Vou te comer, agora. Vai ser
intenso e com força. Prepare-se.
Outro gemido me escapa e me
derreto toda em seu abraço. Ele
suspende o meu corpo em seus
braços e instintivamente envolvo
minhas pernas em volta de sua
cintura, enquanto a passos largos e
com determinação, ele atravessa o
corredor em direção ao quarto. Sem
se preocupar, ele chuta a porta
para abri-la, e, apressadamente,
me carrega para cama. Ele não me
beijou ainda... e meus lábios estão
ansiosos para saboreá-lo. Ele me
coloca ao seu lado, na cama, e
desliza a mão entre os meus
joelhos, e espalho minhas coxas,

convidativamente.

Um

rosnado

baixo de apreciação escapa de novo

e nada. Droga, isso me excita.

— Damon, por fav...

— Calma. Paciência.

Oh, pelo amor de Deus. Vou

explodir se ele não me tomar

agora. Ele se move para ficar entre

as minhas coxas. Olho para sua

ereção e minha boca enche d'água

para prová-lo. Ele corre, lentamente

as mãos para cima, nas minhas

coxas, enquanto se inclina para

mim; seus lábios estão tão perto

dos meus. Uma das mãos aperta a

minha coxa, forte pra caramba, ao

ponto da dor, mas meu núcleo

desperta deliciosamente; é a maior

contradição. Sua outra mão desliza

mais pela coxa até a junção entre

as minhas pernas. Tremo em

antecipação

e
ele,
observadoramente,
reconhece
minha submissão. Jamais permiti
que qualquer um tivesse tal poder
sobre mim, mas quero que Damon
me tome; tudo de mim. A sensação
é muito boa agora. Não tenho
nenhuma explicação racional e, no
momento, realmente não dou a
mínima. Só consigo pensar nele. Me
dominando, corpo e mente, não
faço nada para lutar contra. É bom
demais para negar. Sua boca está
tão perto que quero seus lábios nos
meus; quero sentir tudo dele. Um
dedo
engancha
no
pequeno
triângulo de algodão que encobre
minha excitação e ouço o rasgo do
tecido, ao mesmo tempo em que

sua boca toma a minha. Sua língua
desliza sobre meus lábios no
mesmo instante em que seu dedo
desliza para dentro de mim. Puta
que pariu. Gemo enquanto sua
língua
molhada,
suavemente,
desliza
contra
a
minha.

Um
segundo dedo desliza pelo meu
canal. Ele consome completamente
a minha boca, que mal consigo
respirar. Sua língua se aprofunda.
Meus quadris ondulam por vontade
própria em resposta aos dele. Ele
interrompe nosso beijo e retira seus
dedos. Observo quando ele lambe
os dois dedos, limpando-os. Oh,
merda, isso é sexy.

— No minuto em que eu te vi

naquela loja, tentei imaginar o
quão bom seria o seu gosto. — Ele
enfia os dedos de volta em sua
boca e, lentamente, os retira. — Eu
não estava nem perto. Você tem o
gosto da perfeição.

— Me come — eu choramingo.

— Ainda não — ele diz,
enquanto me afasta para abrir o
botão e o zíper da minha saia jeans
curta. De uma só vez, ele me
liberta da saia e da calcinha
rasgada. Ele puxa minhas pernas
até que meus joelhos estejam
quase tocando meu peito. —
Segure as pernas e aconteça o que
acontecer,
não
solte
até
eu
mandar.

Concordo com a cabeça em
entendimento. Que porra ele vai

fazer? Eu deveria me sentir um pouco tímida em ficar deitada, tão abertamente em sua cama, mas não sinto vergonha alguma. Estou com muito tesão para sentir qualquer coisa, além de excitação. Ele me dá um meio sorriso sensual quando dá um passo atrás, por um momento, e admira a minha posição. Ainda não me sinto envergonhada, me sinto excitada; muito, muito excitada. Antes que eu consiga tomar ar, ele se inclina e aperta meus quadris, pousando sua boca no meu centro encharcado. Droga. Ele geme e o baixo tom de sua voz vibra em seu peito, passando pelos lábios, e logo contra minha carne necessitada. Eu choramingo e me contorço debaixo de sua boca. Seu agarre no meu quadril aperta dolorosamente, e mais uma vez, o meu núcleo mexe

deliciosamente.

É

desconcertante pra caralho. Seus lábios me beijam, então sinto sua língua entrando em mim. Ele lambe, mergulha e volta. Rápido, e então abranda. Sua língua traça profundamente as minhas paredes internas e em movimentos curtos e rasos na minha abertura, me levando ao clímax num instante.

Sinto como se estivesse à beira do êxtase. Ele mergulha dois dedos em mim com atenção afiada em meu clitóris. Sua boca cobre meu conjunto de nervos pulsantes e eu gemo alto. O aperto nas minhas pernas escorrega e eu as solto por um instante. Sua boca deixa meu clitóris e seus dedos saem de dentro de mim.

— Minha nossa, por favor, não pare — imploro. Olho para ele enquanto ofego e tento recuperar o

fôlego. Deslizando o zíper de sua
calça
jeans
para
baixo,
ele
engancha os polegares no cós da
cueca e liberta sua ereção. Ele
chuta o jeans e a cueca para longe.
Putá merda! Seu pênis é perfeito.
Grosso e longo, tudo o que eu
poderia querer. Sua pele é rosada e
parece suave. Preciso tocar seu
comprimento rígido e pulsante.
Quero colocá-lo em minha boca e
sentir o gosto dele.
— Eu disse pra você não soltar
as pernas, não foi?
O quê? Sério que ele vai gritar
comigo
por
me
perder
no

momento? Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele me arranca da cama e me gira. Então puxa minha camisa sobre a cabeça e engancha o dedo no fecho do meu sutiã. Ele o abre e, em seguida, o arranca. A alça estala contra a minha pele e eu

pulo,

principalmente

pela

surpresa. Ele se inclina para mim e sua ereção pressiona contra a minha bunda.

— Eu disse pra você não soltar.

— Eu sei.

— Eu disse que isso seria intenso. Você está pronta?

— Caralho, mais que pronta.

— Você tem uma boca suja.

Olho para trás, a tempo de vê-lo terminar de rolar um preservativo por toda a extensão de sua ereção.

— Prepare-se, Jo.

Um momento de preocupação
se apodera de mim. E se ele me
machucar? E se ele for um maluco
esquisito que faz merda com
estranhas no quarto? Estou mais do
que bem com sexo bruto, mas se as
coisas ficarem estranhas, não sei se
consigo lutar contra ele. Ele se
inclina e escova os lábios contra o
meu ouvido novamente, enviando
arrepios por todo o meu corpo, e
todos
os
pensamentos
preocupantes desaparecem
— Você está segura comigo —
ele murmura.

O pior é que acredito nele, o
que é um absurdo. Inacreditável,
não? Não sei o porquê, mas porra,
me sinto segura com ele. Não
consigo explicar. Tudo o que sei é
que ele parece requintado e confio
nele com o meu corpo. Concordo

com a cabeça e os dedos dele
voltam para a minha abertura, por
trás. Ele os desliza pela minha
excitação, por cima de mim.

— Tão molhada. — Ele cutuca
a ponta de seu pênis grande contra
mim e eu abro ainda mais minhas
pernas para ele. A cabeça de sua
ereção desliza como seda sobre a
minha carne e ele faz uma pausa,
posicionando

apenas

a

ponta

dentro de mim. — Diga-me o que
você quer — ele exige e eu não
hesito.

— Eu quero você. Quero o seu
pau — choramingo.

— Diga-me que está pronta
pra mim.

— Por favor, estou pronta pra
você. — Minha voz está tão
ofegante que mal a reconheço.

Ele, calmamente, entra um
pouco mais e, em seguida, retira
para deixar apenas a ponta
novamente.

Eu
choramingo,
desesperada por mais. De repente,
ele enfia, de uma só vez, todo o
seu comprimento grosso, pulsante,
com voracidade. Seu pau me faz
perder o fôlego e tenho que respirar
fundo para recuperá-lo. Posso sentir
a ponta de sua grossa ereção
batendo,
profundamente,
com
força, dentro de mim. É uma
sensação que nunca experimentei
antes e o pensamento de ele ser o
primeiro
a
me
encher
tão

completamente é arrebatador. Ele
recua e enfia com um domínio
espantoso. Ele tira tudo e enfia
novamente. Cada impulso profundo
me tira todo o ar e luto para puxá-
lo, mesmo que um pouco. Uma de
suas mãos desliza pela lateral do
meu corpo e ele a aperta na parte
baixa do meu abdômen, sua outra
me aperta na parte baixa das
minhas costas. Ele me mantém
imóvel nessa posição, enquanto
golpeia com força, dentro de mim,
mais
e
mais.
Com
a
mão
pressionando
contra
o
meu
estômago, posso sentir a ponta do

pau grosso, mais profundamente
ainda. É uma forte sensação de
prazer e dor.

— Você gosta disso, não é? —

ele grunhe em meu ouvido.

Deus, sim, gosto. Porra, amo!

Ele é, de longe, o melhor amante
que já tive. Sem aviso, ele congela
no lugar e a mão na parte inferior
das minhas costas desaparece,
reaparecendo com um tapa forte na
minha bunda.

Eu ofego - minha nossa, isso é
excitante demais.

— Diga-me — ele exige.

Obedeço imediatamente. Eu
faria qualquer coisa agora, só para
ele voltar a se mover dentro de
mim novamente.

— Adoro — respondo sem
pensar.

Sua mão quente desliza pela
minha
bunda

avermelhada

e

minhas entranhas se agitam com desejo renovado. Com um gemido alto, ele enterra-se dentro de mim mais uma vez. Estremeço quando ele começa a se mover novamente.

Seus impulsos se tornam mais fortes e ainda mais rápidos do que antes. Minhas pernas estão bem mais abertas. Meus joelhos estão dobrados para que meus pés fiquem pra cima. Ele agarra meus quadris com força e me puxa para ele enquanto empurra para a frente. É uma sensação de leveza.

Eu finco minhas mãos na cama quando meu estômago aperta bem lá no fundo. A eletricidade começa a percorrer desde as pontas dos dedos das mãos e dos pés, através dos braços e pernas, para se concentrar num explosivo clímax violento, no meu centro. Meu corpo

agarra

sua

ereção.

Ofego

e

estremeço. Cada músculo contrai e

o

prazer

me

consume

completamente. Meus olhos rolam

para trás e ele dá mais uma

estocada, em seguida, geme e

grunhe

quando

sua

própria

libertação o leva ao limite.

— Damon! — eu grito com o

pouco de fôlego e energia que me

restam. Estou esgotada. Meu corpo

treme e estremece em seu aperto.

Ele permanece plantado dentro de

mim enquanto se inclina para frente

para descansar seu peito contra as minhas costas. Posso sentir o suor de sua pele e as batidas do seu coração enquanto me recupero do meu orgasmo extasiante. Estou exausta, sinto-me incapaz de me mover um centímetro. Agora é geralmente o momento no qual recolho minhas roupas e digo “até nunca mais”, mas não consigo falar. Talvez ele fale por mim.

Ele permanece onde está por mais alguns instantes, enquanto nós dois recuperamos o fôlego e nossos corações desaceleram. Ele finalmente sai de dentro de mim e me vira para encará-lo. Sua ereção ainda não desapareceu. Meu Deus, meu tesão retorna e já o quero de novo.

Abro a boca para falar, mas ele coloca a mão grande nos meus lábios, antes que eu possa formar meu patético discurso deselegante

pós-foda.

Ele balança a cabeça de um lado para o outro.

— Não. Isto não é o que você está pensando.

Isso é tão embaraçoso... Ele caminha para o que parece ser o banheiro e reaparece um momento depois. Estamos de pé, um de frente para o outro, completamente nus. Essa é a pior parte de uma transa ocasional. Há sempre aquele bate-papo estranho depois. Às vezes, me dá vontade de parar de fazer isso e investir num relacionamento. A ideia me assusta pra caralho, mas essa coisa de sexo casual já está ficando previsível. Sem mencionar que nunca tive essa sorte antes. Damon é o melhor que

eu já tive. A ideia de dormir com alguém que tenha menos façanha sexual que Damon me deprime ainda mais.

— Escute, eu entendi. Isso não é grande coisa. Não sou o tipo de mulher que equipara sexo a um relacionamento.

Isso aconteceu uma vez e não vai acontecer de novo. — Passo por ele para pegar minhas roupas e seus braços me erguem do chão, em seguida, meu corpo bate no colchão. No reflexo, ricocheteio na roupa de cama macia e ele, rapidamente, cobre meu corpo com o dele.

— Não, essa é justamente a questão. Isso não vai ser como você diz. Você acha que isso aconteceu uma vez e não vai acontecer de novo. E eu digo que não.

Opa! O quê?

— Humm, cacete, vai com calma, cara. Do que você está falando?

Ele ri e é contagiante. Eu meio que quero rir junto.

— Essa sua boca suja é bem engraçadinha também. — Ele se inclina para frente e pressiona seus lábios nos meus e eles têm um gosto delicioso. Nós bebemos um ao outro avidamente por um longo tempo. Quando o beijo termina, estamos ofegantes e famintos por sexo novamente. Droga.

— Se isso não é o que eu acho que é, então, diga o que você acha que é.

Ele move as pernas para que um joelho fique entre os meus e os cutuca para separá-los. Minhas pernas se separam em resposta. Ele coloca seus quadris entre as minhas coxas e sua resistente

ereção

pulsa

contra

o

meu

estômago. Ele puxa meus braços

acima

da

minha

cabeça

e

facilmente os prende com uma das

mãos. A outra segura meu queixo,

forçando-me a olhá-lo no rosto.

— Quando te conheci, hoje de

manhã, tive uma sensação estranha

e não sei o que é ainda. Até eu

descobrir o que é, isso não acabou.

Eu quero você. Você me quer. Estou

pensando em tê-la tanto quanto

puder.

Quem esse cara pensa que é?

Admito, essa coisa de dominante é

excitante na cama, mas sou a única

no comando da minha vida. Jamais
abrirei mão disso.

— E se eu disser que, nem
fodendo, categoricamente, não?

— Você não vai. Você sentiu o
mesmo, sei que você sentiu. Vi
nesses seus olhos verdes.

Ele está certo. Eu quero mais
dele. Como eu poderia recusar este
tipo de sexo? Nenhuma mulher na
face da Terra o recusaria. Posso
concordar com isso. Não é como se
eu concordasse em casar com ele.
Estou concordando com mais sexo.
Só isso. Nada demais. — Ok, tudo
bem. Sexo. Posso ficar com você
para ter um pouco mais de sexo.

—

Ótimo.

—

Ele
sorri
amplamente,
mostrando

seus

dentes brancos e brilhantes, e
libera meus pulsos, correndo uma
mão pela minha lateral em um
ritmo sedutor e dolorosamente
lento. Seus lábios pressionam no
meu pescoço e ele começa a beijar,
num rastro quente e úmido em
direção ao meu seio. Ele agarra
meu quadril com uma das mãos,
enquanto a outra vai para os meus
seios e massageia a minha carne.
Ele toma um mamilo em sua boca e
eu gemo.

— Sua cama é boa —

murmuro.

— É mesmo? — ele diz, com a
boca cheia pelo meu seio, sugando
com força, antes de liberar meu
mamilo duro.

— É sim. Muito melhor do que
a porcaria da minha cama.

— Se você acha que a minha
cama é boa, deveria ver a minha

banheira. — Em um movimento gracioso, ele me arrasta para fora da cama e me coloca de pé. Cambaleio levemente e agarro seu braço musculoso. Ele me segura pelos ombros até a minha visão clarear.

— Levantei muito rápido.

— Desculpe. Melhor agora?

— Melhor — afirmo.

CAPÍTULO CINCO

Estimulando as lembranças

Damon me arrasta para o seu enorme e moderno banheiro, e espero enquanto ele abre as torneiras para encher a banheira gigantesca. Seus músculos ondulam e flexionam quando ele se move e eu me delicio. A visão deste magnífico homem nu é

um

verdadeiro deleite. Admito que estou um pouco animada para prolongar essa relação sexual. Ele se inclina sobre a banheira e despeja alguma dessas merdas de sais de banho. Tenho certeza de que ele presume que gosto dessas porcarias e uso-as com frequência. Ele está errado. Não uso sais de banho porque não tomo banho de banheira. Nem sequer tenho uma. Então, mesmo que eu quisesse, não poderia. A porcaria do meu apartamento mal e porcamente tem um minúsculo box, e só. Teria me mudado de lá, mas o aluguel é barato e já estou lá há sete anos. Nem posso pagar despesas de mudança, de qualquer maneira, especialmente agora que a loja está em dificuldade. Minhas reflexões me distraem de Damon. Ele dá um passo atrás de mim e me puxa de volta contra

seu peito. Observo nosso reflexo no
espelho e pânico, puro pânico, me
invade.

Ficamos

bem,

juntos;

parecemos um casal. Seus olhos cor

de âmbar contrastam com os meus

verdes de uma forma que me pego

olhando-o fixamente, apesar do

nervosismo. Seu cabelo quase

preto, desgrenhado, parece ainda

mais escuro e brilhante em relação

ao meu castanho médio, ondulado.

Sua pele é mais escura do que a

minha. Trabalhar numa livraria o

dia todo não me permite pegar muito

sol. Permaneço congelada em seus

braços. Estou nua e apavorada, mas

fascinada ao mesmo tempo. Ele segura

meu queixo e me mantém olhando para a

frente, para o espelho.

— Está vendo? Você sentiu isso

também, e agora você entende —

ele sussurra em meu ouvido e sei
que ele está certo.

Quando ele me tocou esta
manhã, algo familiar passou como
um flash na minha cabeça, e agora,
vendo o nosso reflexo no espelho,
parece como um déjà vu, mas não
consigo entender essa merda. Isso
não é a minha praia; estou no
desconhecido aqui. Estou prestes a
tomar banho com um homem que
conheci há menos de vinte e quatro
horas. Acabamos de nos conhecer
esta manhã, mas não consigo
afastar a sensação de que já o vi
antes. Isso vai me deixar louca até
eu descobrir como o conheço. Não
falo nada e o olho fixamente, até
que ele me libera para desligar a
água. Então, segura minha mão e
me puxa para a banheira.

— Entre. — Retribuo o aperto
em sua mão e entro na enorme
banheira, afundando calmamente

na água. Seu corpo alto, moreno e elegante imita meus movimentos e o nível da água sobe

significativamente. Ele chega para frente e facilmente me puxa para o outro lado da banheira, onde ele está recostado, me aninhando entre suas coxas musculosas.

Estou completamente absorta em pensamentos, sonhadoramente, aproveitando o banho e ele.

—

Diga-me

o que está

pensando, Jo.

Suspiro.

— Certo. Eu estou pensando que isso é estranho.

Ele

afasta

meu

cabelo,

jogando-os por cima do ombro,

enche as mãos com água e

derrama nas minhas costas.

— Explique, o que é estranho?

— Admito essa coisa toda da
familiaridade. Mas eu não faço...

isto. — Levanto a mão no ar e a
giro em um círculo.

— Eu também não — ele
admite.

— Então por que se preocupar
comigo? Nenhum de nós se envolve
em relacionamentos. Francamente,
eu nunca namorei, tipo, jamais.

— Você nunca teve um
namorado?

— Não existem muitos caras
dispostos a namorar garotas sem-
teto — digo sarcasticamente e
encolho os ombros. — Além disso,

não quero me envolver em um relacionamento com alguém. Eles sempre terminam e, de uma forma ou outra, nunca é bonito. Então, por que me iludir?

— Entendo a sua lógica, mas não estou pedindo que você se comprometa em um relacionamento comigo. — Ele continua sua tarefa de me jogar água, enquanto tentamos resolver que merda é essa que está acontecendo entre nós.

— Não está? — Agora me sinto uma idiota.

— Não. Já entendi. Só não consigo entender o que isso é isso... entre nós. E vai me matar se eu não descobrir.

— Eu sei, é estranho.

— Tudo bem, vamos fazer um acordo.

Minhas

mãos

acariciam

pequenos círculos sobre suas coxas

enquanto ele fala.

— Vamos apenas concordar

em nos vermos até conseguirmos

descobrir por que raios parece que

já nos conhecemos. Você me verá

todos os dias. Passaremos o

máximo de tempo juntos até

chegarmos a uma conclusão. Sem

condições. Apenas sexo incrível e

tentar estimular as lembranças. De

acordo?

Acho que posso lidar com isso.

Parece muito melhor do que pensei

que seria. Parece bom, na verdade.

Eu gosto dele. Ele é legal, brilhante

na

cama,

tão

atraente...

e,

aparentemente, nos conhecemos.

Que se dane. Isso pode ser
divertido.

—

Tudo

bem.

Você

já

demonstrou que é excelente na
parte do sexo. Como planeja
estimular nossas memórias? Minha
memória é excelente, e se isso for
apenas fruto da nossa imaginação?

Viro-me para encará-lo e ele
se acomoda à minha mudança de
posição, me puxando para ele. Em
um movimento rápido, ele está no
meio da banheira e eu com as
minhas pernas em volta de sua
cintura.

— Isso é fácil, mas muito
infantil. Vinte perguntas. Vamos
jogar.

Eu rio e envolvo meus braços

em volta do pescoço dele para

acariciar seu cabelo.

— Tudo bem, eu acho.

— Eu começo. Onde você

trabalhou?

— Essa é fácil, pois a livraria é

o único emprego que já tive. Agora

a minha vez; quantos anos você

tem?

— Acho que sou um pouco

mais velho do que você. — Ele me

olha timidamente e eu me derreto.

Ele não pode ser muito mais velho

do

que

eu.

Levanto

uma

sobrancelha. — Tenho trinta e três

anos. E você, quantos tem?

— Tenho vinte e cinco. — Dou

de ombros. — Alguma vez você foi

voluntário no centro de caridade da

Décima Avenida?

Ele olha para mim, incrédulo.

— Não. Talvez eu tenha te visto em uma das boates?

— Não frequento boates. Nem tenho nenhum amigo para ir a boates ou a bares. Qual é a sua profissão?

— Sou empresário e investidor. Tenho várias boates aqui em Vegas.

Também

posso

três

restaurantes cinco estrelas e invisto em vários empreendimentos.

— Oh, não me surpreende.

Você é um engravatado — falo zombando,

só

porque

ele,

definitivamente,

não

é

um

engravatado chato.

— Engravatado a maior parte

do tempo. Família?

Não, por aí não. Respiro

profundamente e coloco tudo para

fora.

— Não tenho irmãos e meus

pais morreram, daí a coisa toda de

ser sem-teto. Você?

Ele assente e olha para a

parede atrás de mim. Então fica em

silêncio por um momento e espero,

conforme

passo

meus

dedos,

desenhando um oito, na parte de

trás do seu pescoço.

— Não falo com o meu pai e

nunca conheci minha verdadeira

mãe.

Droga. Jamais poderia prever

isso.

Ele

parece

bastante

esclarecido. Quer dizer, qualquer

um pode olhar para mim e dizer

que sou uma fracassada. Xingo

demais e não sinto a menor

vontade de corrigir os meus maus

hábitos. Fumo quando bebo. Deixo

minha louça suja acumular, antes

de lavá-la. Uso meu jeans várias

vezes antes de lavá-lo e uso muitos

mais vezes, do que alguns dias,

com as mesmas roupas. Acho que a

ideia de amor e família, e todo esse

papo furado é um desperdício. O

ponto é: tenho alguns hábitos e

filosofias fracassadas. Damon não

tem indícios de ser fodido, talvez

por isso ele não seja.

— Vamos sair, a água está

ficando fria.

Eu me desenrolo dele e seguro

a borda da banheira para sair.

— Oh, merda! Merda, merda,
merda — grito quando percebo o
erro que cometi.

— O que houve?!

Eu quero chorar. Sou tão burra.

Entrei na banheira com o relógio da
minha mãe e o segundo ponteiro
parou de marcar. Eu não sou de
chorar, mas meus olhos se enchem
lágrimas e meu queixo treme.

— Jo, o que há de errado? — A
voz de Damon é severa e me tira
do meu torpor lamentável.

Olho para ele com lágrimas
escorrendo pelo meu rosto. Meu
Deus, não vou me perdoar por isso.

É tudo o que tenho de mamãe. Ela
era tão orgulhosa dele. Papai lhe
deu este relógio no primeiro
aniversário de casamento deles. Ela
me contou que ele trabalhou num
segundo emprego durante meses
só para juntar dinheiro para
comprá-lo. Ela o usava com orgulho

e ele sabia que seu trabalho duro
tinha valido a pena. Agora ele não
funciona e não sei se ele pode ser
consertado. Mesmo que possa, não
posso me dar ao luxo de pagar
nesse momento.

—

Meu
relógio

—

digo
fracamente entre lágrimas.
Ele estende a mão e pega meu
pulso. Então examina o relógio por
alguns instantes e sei que deve
estar quebrado, porque seu rosto
perde a cor. Merda de vida. Ele
abre o fecho delicado e examina o
relógio mais de perto, e olha o
verso.

Às
vezes
esqueço
a

dedicatória no verso do relógio. Ela diz: “Collette, avec mon coeur
residem vous derramar toujours
plus.” Está em francês, e mesmo
que o meu esteja enferrujado,
ainda consigo ler e falar isso
decentemente. Damon me olha e
compaixão enche seus olhos. Eu
conheço esse olhar e o odeio, mas
de alguma forma, vindo dele, não
chega a parecer como se fosse
pena. Parece como compreensão e
eu aceito. O relógio arruinado da
minha mãe é a minha única
preocupação no momento.

— O que está escrito? — ele
pergunta num sussurro.

— Collette, meu coração reside
em você para sempre — traduzo
fracamente,

as

lágrimas

continuando a deslizar pelo meu
rosto.

Ele assente e olha para mim.

—

Você

me

disse

seu

sobrenome. Qual é mesmo? Vou resolver isso. Mas vão precisar do nome do proprietário.

— Geroux. Meu nome completo é Josephine Lisette Geroux.

— Vou consertá-lo. Prometo a você, Josephine.

Não me incomodo que ele seja consertado com meu nome. Estou completamente encantada com a sinceridade e a emoção visíveis em suas feições. Ele me envolve em uma toalha felpuda e enrola uma em sua cintura, me levando de volta para seu quarto. Olho para o relógio em sua cabeceira; 00:26.

Minha nossa! Já estou com ele há mais de seis horas? Ele retira o

edredom

da

cama

pecaminosamente confortável, em

silêncio, e me levanta em seus

braços para me colocar na cama.

Não protesto; não tenho forças para

lutar contra. Estou devastada pelo dia de

merda que tive de suportar. Damon

desliza ao meu lado e me puxa para ele.

Coloco minha cabeça em seu ombro e

choro, me permitindo um pouco de auto

piedade.

Dezesseis

anos

se

passaram desde que o meu mundo

desabou. Tenho lutado e sido forte

a cada dia, desde então. São

exatamente cinco mil oitocentos e

quarenta dias. Sei porque sempre

contei os dias, desde o acidente. É

mais um hábito que não consigo

largar. Então, hoje, vou sentir pena

de mim e deixar que Damon

também sinta.

—

Vou

fazer

as

coisas

melhorarem.

Fungo e seco minhas lágrimas.

— Eu juro que não sou um
poço de lamentação. É só que...

isso é tudo o que me resta.

— Como assim?

— Hoje faz dezesseis anos que
eles morreram. O relógio da minha
mãe é tudo o que me restou deles
e eu o estraguei como uma
adolescente idiota. Eu sabia que
não era à prova d'água. Minha mãe
sempre o tirava quando lavava
louça. Me lembro disso.

Damon me rola de costas e
desliza para baixo, para se ajoelhar
entre as minhas pernas. Estava

deitada, nua, diante dele em
lágrimas e ele parecia não se
importar. Ele levanta uma das
minhas pernas e me beija no pé.
Tremo quando uma onda de
eletricidade corre dentro de mim.
Então beija no tornozelo e outro
choque atinge minhas terminações
nervosas. Ele começa a deixar uma
trilha de beijos carinhosos nas
minhas pernas. Então para na
minha cicatriz.

— Como você conseguiu isso?

— ele pergunta, encarando minha
horrível lembrança do acidente.

— Tenho que agradecer ao
idiota que matou meus pais, por
isso. Eu estava no banco de trás
quando fomos atingidos de frente.
Tive uma fratura exposta.

Ele inala profundamente e me
olha. Um flash de raiva atravessa
seu olhar por um momento e ele
parece tão desolado. Ele não tem

motivo para estar zangado. Sou a
única com uma cicatriz fodida e os
pais mortos. Ele levanta a minha
perna e pressiona os lábios na
minha cicatriz, então descansa sua
testa contra a minha lembrança

feia.

— Eu sei que você não quer ouvir isso, mas tenho que dizer mesmo assim. Desculpe. Eu sinto muito.

Seu

pedido

sincero

de

desculpas me causa uma nova rodada de choro. Ele volta para o meu lado e me aninha em seus braços fortes. Estou deitada nua, exausta física e emocionalmente. Não dei a mínima pelo pedido de desculpas. Não posso. Suas palavras foram a definição do genuíno e não posso ficar chateada com ele por isso.

— Eu deveria ir para casa logo.

— Não. Passe a noite comigo.

— Eu nunca fi...

— Não tem importância. Fique comigo.

— Ok. — Sinto-o respirar fundo

e tenho certeza de que está
contente com a minha resposta.
Minhas lágrimas desaparecem e
caio no sono, na cama de Damon,
completamente incerta de em que
merda eu me meti.

CAPÍTULO SEIS

Miragem

É tão estridente. Meus ouvidos
zumbem e os barulhos de fundo são
abafados. Porra, sinto dor por todo
lado. Ouço sirenes. Espere. Sirenes?
O que aconteceu? Meu Deus. Meu
coração bate descontroladamente
no peito e minha respiração está
irregular. Estou em pânico e não
tenho a menor ideia do que está
acontecendo. Preciso verificar meu
corpo. Olho para baixo e vejo
sangue. Por toda parte; em cima de
mim.
Minhas
mãos

estão

manchadas de vermelho e corro as
mãos pelo meu corpo para ver onde
estou ferida, mas nada. Eu não
estou machucada. Não é o meu
sangue. Eu olho em volta, mas está
tudo
embaçado.

Onde
estou?

Esfrego meus olhos e minha visão
clareia o suficiente para ver dois
vultos à distância. Maman e papa.
São eles! Maman! Papa! Eu grito
para eles, mas acho que não me
ouvem porque eles não param.

Maman! Papa! Por favor! Não me
abandonem novamente! Por favor!

Não
vão!

Eles
não
param.

Continuam se afastando e sou

reduzida a nada. Caio de joelhos e imploro. — Não me deixem. Não me abandonem. Por favor, fiquem. Voltem! — Meus ombros tombam em derrota, enquanto observo seus vultos desaparecerem ao longe, num tormento de miragem. Eu cambaleio soluçando, com uma dor tão intensa, que me rasga por dentro, deixando um tremor e uma alma ferida em seu rastro.

— Volte pra mim — diz uma voz ao longe. — Por favor. Por favor. Por favor. — Tenho um sobressalto e acordo em choque quando sinto um emaranhado de braços fortes em volta de mim. — Porra, Jo! Você quase me matou de susto. Shhh... Você teve um pesadelo. Está tudo bem agora. Não é real.

Tremo em seu abraço e me esforço para acalmar a minha respiração e pulsação. Ele não tem

ideia do quão verdadeiro foi o meu sonho. Gostaria de poder concordar com ele e dizer que não é real, mas é. Meus pais ainda estão mortos e sou tão sozinha quanto uma pessoa pode ser. Não tenho família ou amigos. Só o velho bundão do Sutton e agora Damon, e nem sei ao certo porque cargas d'água concordei com ele.

Ele me vira para encará-lo e enxuga o suor da minha testa com o polegar.

— Quer conversar sobre isso?

— Não.

— Você está bem, Jo. Volte a dormir. — Ele me vira de lado e me puxa para encostar minhas costas em seu peito novamente. Ele me prende debaixo do seu braço protetor e é uma cura mágica.

Nesta posição, com ele, me sinto segura. Minhas pálpebras estão pesadas e caio no sono.

Acordo com o toque do meu
celular.

— Cale a boca. — Eu gemo e
cubro a cabeça com o travesseiro.

O celular silencia e começa a tocar
de
novo.

Pulo

da

cama

e

imediatamente lembro onde estou.

O tapete luxuoso debaixo dos meus

pés descalços é a minha primeira

lembrança. Merda, estou nua. Pego

meu celular irritante primeiro. —

Alô? — atendo bruscamente.

— Jo, eu preciso de você hoje

cedo. Tenho algumas coisas que

preciso que você comece a fazer

imediatamente — Sutton grita.

— O que você poderia precisar

que fosse feito imediatamente?

— Nós falimos. Acabou.

— Não! Você não pode desistir

ainda. Podemos resolver isso!

— Eu não posso pagar. Temos
que fazer contagem do estoque e
começar a vender tudo. A loja
acabou. Vejo você em breve. —

Sutton desliga na minha cara antes
que eu possa formar uma réplica.

Volto rastejando para a cama
vazia e apoio a cabeça nas mãos.

Onde está Damon? Não, pare; não
posso pensar em Damon agora, eu
tenho problemas maiores. Puta que
pariu.

Isso

está

realmente

acontecendo. É o fim; a loja

realmente vai fechar. O que vou

fazer? Ninguém está contratando
agora.

Com

muita

sorte,

conseguiria um emprego virando

hambúrgueres

ou

limpando

banheiros. Há uma outra livraria

perto da minha casa, mas é uma

cadeia gigante de lojas e eles

jamais me contratariam. Eu não

bajulo, sirvo café ou ajo como uma

líder de torcida animada. E,

obviamente, não acredito na besteira

de “o cliente tem sempre razão”. É

tudo um monte de merda e me

recuso a lidar com isso. Se algum

idiota quiser discutir comigo sobre

algo que sei que ele está errado, eu

não me calo. Se o filhinho de uma

mulher fizer palhaçada na loja,

derrubar algo e causar danos,

adivinhem? A “super mamãe” é

quem vai pagar por isso. Entendo

que é bom para os negócios puxar

o saco quando necessário, mas eu

simplesmente não consigo. Essa

não sou eu. Ninguém vai contratar
alguém como eu. Sou muito bruta
nas atitudes. Não tenho um
diploma
universitário;
tenho
somente um supletivo básico, ruim.
Estou realmente ferrada.

— O que há de errado?

Me
disperso
de
meus
pensamentos ao ouvir a voz de
Damon e concentro minha atenção
nele, em pé, nu da cintura pra
cima, na porta do quarto, me
olhando.

Pego
o
lençol
e
rapidamente o envolvo em mim.

— Tenho que ir. Meu chefe

ligou, ele precisa de mim agora cedo. Acho que vamos liquidar o estoque. A loja está fechando. —
Procuro minhas roupas pelo quarto e as vejo no chão.

Damon permanece na porta, vestindo somente uma calça preta de pijama, que atrai meu olhar para todos os lugares certos; desde o peito nu, a trilha de pelos do abdômen, até o seu lindo e despenteado cabelo escuro; todos implorando pelo meu toque. Ele parece perfeito e a memória de seu pau incrível, enterrado dentro de mim, envia um arrepio na espinha. Ele caminha na minha direção e sobe na cama, me puxando para baixo e envolve seus braços em volta de mim, me puxando para seu peito. Acho que ele gosta de mim nesta posição. Expiro exasperada. Eu, realmente, não tenho tempo para

essa

besteira

de

ficar

aconchegada. Sutton precisa da

minha ajuda para acabar com a

única coisa boa na minha vida.

Formidável. Grande merda. Odeio

isso. Não suporto a ideia da loja ser

vendida e transformada em alguma

loja de iogurte, doceria ou salão de

bronzamento.

— Conte-me sobre isso.

— Eu não posso. Tenho que

chegar logo lá.

— Conte-me.

— Droga, tudo bem. Temos

nos esforçado há algum tempo,

então eu sabia que era questão de

tempo. Estava me agarrando a um

pouco de esperança de que as

coisas dessem uma reviravolta,

sabe? Eu tenho algumas grandes

ideias que podem ajudar a nossa

margem de lucro, ou a falta dela.

Bem, de qualquer maneira, Sutton tem que vender o estoque e fechar as portas. Ele não pode se dar ao luxo de permanecer com a empresa por mais tempo. — Meus olhos se enchem de lágrimas e sinto um nó na garganta. O que há de errado comigo? Nunca chorei tanto. Dou uma olhada para Damon, e ele parece estar digerindo o que eu disse.

—

Então

você

está

desempregada agora?

— Puxa, obrigada, idiota, por tentar suavizar o meu golpe.

Ele dá uma risada e balança a cabeça.

— Ok, você está certa, isso foi rude.

Esse

é
o
meu
lado
profissional. Não se preocupe com
isso, Josephine. Vai dar tudo certo.
— Humpf! — Jura que ele
acabou de me falar uma merda
dessas? Isso é exatamente o que
todos aqueles malditos voluntários
costumavam

dizer:

“Não

se

preocupe. As coisas vão dar certo”.

Eu não preciso ou quero ser

convencida com esses pensamentos

positivos de merda. Isso não faz eu

me sentir melhor e, com toda a

certeza do mundo, não muda a

minha realidade. Isso só me irrita.

As coisas nunca se resolvem por

conta

própria!

Se
as
coisas
acontecerem
para
mim,
será
porque eu corri atrás para mudar
algo na minha vida. Essa é a minha
linha de raciocínio. Não existe gênio
da lâmpada, moeda da sorte e poço
mágico dos desejos. Toda essa
merda é um conto de fadas que não
me compra. O fechamento da loja é
um problema, mas vou ter que
encontrar um meio de conseguir
sobreviver. Já fiz isso antes e farei
novamente. Eu vou ficar bem. Me
solto dos braços dele e me visto,
menos a calcinha destruída. — Eu
realmente tenho que chegar cedo à
loja.

Damon parece aborrecido com
o fato de que vou embora. Mas

essa é a última coisa que preciso
agora.

— Prometa que vai me ligar
assim que você sair de lá.

Bem, ele é um bundão
autoritário, dentro e fora da cama,
mas, tenho que admitir, isso é um
tesão. Há algo sexy sobre seu estilo
autoritário, talvez porque seja novo
para mim. É isso aí. Gosto dele
porque esta é a minha primeira
experiência com um homem como
ele. Eu não me sinto mais tão
desconfortável
com
os
meus
sentimentos estranhos em relação
a ele. Agora, é novo e excitante, só
isso. Vou superar em um ou dois
dias e sua atitude autoritária vai ser
irritante e de curta duração. Isso eu
aceito. Eu vou jogar junto com ele,
por enquanto.

— Gostaria de ligar, mas acho
que não tenho o seu número.

Um sorriso dissimulado se abre
em seus lábios macios e anuncia a
sua travessura. Pego meu celular e
percorro a minha pequena lista de
contatos e lá está. Ele é o único “D”
na minha agenda. Ele me deu seu
número de celular, número do
escritório e e-mail. Nossa! Eu
balanço a cabeça para cima e para
baixo,
observando
a
nova
informação no meu celular.

— Ok, acho que agora tenho o
seu número. — Olho para ele e dou
um meio sorriso. — Te ligo quando
estiver livre.

— Howard está com as suas
chaves na mesa da segurança.
Estou vestida e preparada para
enfrentar a minha caminhada da

vergonha quando sinto seu braço
me agarrar por trás, pela cintura, e
me puxar para ele. Então me vira
para ficar de frente para ele.

— Me liga — ele murmura.

Seus lábios se chocam nos
meus e meus joelhos fraquejam
instantaneamente por ele. Minha
nossa, esses lábios são deliciosos.
Definitivamente, eu quero mais de
Damon. Não me sinto tão cética
sobre concordar em vê-lo mais;
realmente estou adorando o que
ele faz comigo. Não posso ir
embora depois de apenas uma
noite. Ainda não.

CAPÍTULO SETE

Capitão

Sorrio

quando

a

familiar

campainha do velho sino prateado

sinaliza minha entrada na livraria.

Dou três passos e não vejo nada,
exceto caixas de embalagem e
papel de seda. A visão de “leve
tudo” que indica que essa casa está
fechando as portas me deixa
irritada com tudo.

— Filho da puta! — Giro em
meus calcanhares, pego três livros
grossos de capa dura da prateleira
mais próxima, e os empilho no
chão, em frente à porta. Subo neles
e arranco o sino ainda tocando,
com toda a força que consigo. A tira
fina de couro que o segura
arrebenta, e eu o agarro, tirando o
pó do sino antes de empurrá-lo em
minha bolsa. Estou irritada. Sutton
pode ter o poder de fechar a loja,
mas, droga, a porra desse sino eu
vou guardar!

— Eu te liguei há uma hora e
meia. O mais cedo possível significa
o mais rápido possível, logo que

possível. Onde você esteve?

— Obrigada por me esclarecer
isso, Capitão Óbvio. Eu estava
transando com um cara que pode
ser que eu já conheça, ou não —
respondo honestamente, no tom
mais calmo e indiferente que
consigo.

Caralho,

que

idiota

intrometido. Sutton realmente sabe
como tirar todos do sério.

Ele zomba e dirige sua
estrutura magra entre duas pilhas
altas de caixas.

— Eu tenho um comprador
para, aproximadamente, dois terços
do nosso inventário, por isso
precisamos encaixotar, etiquetar e
preparar para entrega, até o final
do dia.

— Ótimo — dispero, fingindo
emoção.

Ele está, sem dúvida, indo
para
o
seu
escritório,
onde,
provavelmente, vai dormir a maior
parte do dia, enquanto eu me mato
de trabalhar para embalar essa
pilha enorme de livros. O bastardo
poderia, pelo menos, fazer as
etiquetas
enquanto
faço
o
levantamento e embalo. Mas esse é o
Sutton: mal-humorado, preguiçoso,
idiota. Nós nos toleramos, mas na
maioria dos dias, ele me faz sentir
como um incômodo irritante e eu
faço o meu melhor para ele se
sentir velho. Somos, na verdade,
farinha
do

mesmo

saco

e

trabalhamos bem juntos. Acho que

sou tão irritante e mal-humorada

quanto ele. Deve ser por isso que

não contratou mais ninguém, não

que alguém conseguisse trabalhar

com ele, mas, se fosse para me

ajudar, desistiriam no primeiro dia.

Uma vez que ninguém aguenta nós

dois juntos, o pobre coitado iria

fugir

para

o

terapeuta

mais

próximo. Posso ser tão grossa

quanto Sutton, acho, e nem sequer

percebo quando faço isso. Sutton

vem a mim de vez em quando e me

mostra que fui uma cadela furiosa

com um cliente. Juro por Deus, eu

não quis ser rude. É, acho que sou

naturalmente

mal

humorada,

suponho, e às vezes me sinto mal

por isso. Tento falar mais baixo,

mas sou apenas uma dessas

pessoas infelizes. Se você está

procurando pirulitos e arco-íris

quando quiser comprar o mais

recente bestseller, é melhor não vir

a mim; eu não vou bater papo ou

dizer que seu filho é bonito; não vou

sorrir e flertar; não vou afagar o seu ego

e elogiar a sua joia ou a blusa que você

está usando. Vou, no entanto, ajudá-lo a

encontrar

o

que

precisa.

Vou

recomendar livros e mais do que tudo,

vou falar mesmo sobre o que eu

gostei num livro, mas todas as

outras merdas... bem, isso não

combina comigo.

Lembro de quando entrei na
loja para pedir um emprego. A
careca brilhante de Sutton era
pouco visível de detrás do balcão e
o esperei levantar. Quando ele
apareceu, quase teve um ataque
cardíaco.

Acho

que

ele,

provavelmente, pensou que eu
fosse roubá-lo ou algo assim. Eu
parecia uma típica moradora de
rua, mesmo tendo feito o meu
melhor para me limpar antes de
chegar na loja. O jeans que eu
usava

era

muito

grande

e

absurdamente sujo. Era tão largo
que caía, então eu usava um

elástico

como

cinto.

Era

embaraçoso, mas perder a calça
teria sido pior. Lembro-me de usar
uma camisa branca que achei num
banco, perto de uma quadra de
basquete.

Cheirava

a

homem

suado, então a lavei na água da
fonte, no parque. Meu cabelo
raramente era lavado, então, vivia
amarrado para trás. Eu era uma
vagabunda de alto padrão, “limpa”,
e à procura de um emprego.

— Nossa! Calma, chefe. Eu não
mordo.

As sobrancelhas de Sutton se
ergueram

a

uma

velocidade

absurda. Acho que o surpreendi
com a minha boca. Acontecia
bastante.

— E quem é você?

— MISS EUA, e você?

— Capitão América. Posso
ajudá-la?

Não consegui me conter... e ri
baixinho.

— Nome apropriado. Quero um
emprego

—
declarei,
muito
objetiva.

Ele cruzou os braços e me
encarou como se tivesse brotado
uma segunda cabeça em mim, bem
na frente de seus olhos. — E por
que diabos eu contrataria uma
vagabunda?

— Vou lhe dizer o porquê. Eu
amo livros. Provavelmente mais do

que você. Possivelmente já li todos os livros desta loja. Posso te dizer os nomes dos autores, juntamente com suas obras, de cor e salteado. Eu vivo dentro de livros na maioria dos dias e sonho com eles, na maioria das noites. Sou honesta. Eu sei como trabalhar duro e não vou abandonar você. Claramente, não estou em posição de jogar fora um emprego estável. Não me contratar seria uma perda da sua parte, Capitão.

— Autor favorito?

— J.D. Salinger.

— O Apanhador no Campo de Centeio, uh?

— É isso aí.

— Bem. Você está contratada, mas tem que estar mais limpa. Vou esperar você parecer apresentável. Eu não quero sentir seu cheiro nem os clientes. Quando minha neta foi para a faculdade, deixou algumas

de suas roupas velhas. Estão no meu sótão. Posso lhe trazer algumas calças e camisas decentes. Mas é só desta vez. Depois de conseguir seu primeiro salário, vou esperar que você compre suas próprias roupas, menina.

— Jo. Meu nome é Jo. Chame-me assim ou nada.

— Bem. Eu sou o Sr. Sutton.

Vejo você amanhã de manhã, Jo.

Não se atrase ou a demito.

— Estarei aqui, Capitão.

Pulo para fora das minhas lembranças quando meu celular vibra na minha bunda. Levanto e o tiro do bolso. É um SMS do Sr. alto, moreno e elegante.

Posso roubar você para almoçar?

Eu

suspiro.

Sinceramente,

adoraria ver Damon agora. Poderia

recorrer a uma distração para esse desastre aqui, mas eu não posso ir. Tenho muita coisa a fazer por aqui. Estou planejando fazer Sutton pedir quentinha para nós. Ele vai pedir; sempre pede. Eu envio um SMS de volta.

Parece tentador, mas não posso.

Sobrecarregada aqui.

Odeio ter que passar meu almoço com Sutton, em vez de Damon. Estou oscilando à beira de um colapso nuclear total, hoje. Estou lidando com os efeitos pós aniversário de dezesseis anos do acidente, tive um pesadelo terrível e revivi todos aqueles sentimentos de abandono, e concordei em... o que quer que seja, com Damon. Me sinto completamente diferente de mim e é fodido demais pra minha cabeça. Adoraria uma taça de vinho ou duas. Caminho a passos largos para o escritório de Sutton e entro

direto. O velho rabugento está
nocauteado em sua cadeira velha.

— Sutton!

O velho cambaleia quando
levanta, parecendo que vai ter um
enfarte e acabo até me sentindo
um
pouco
culpada
por
tê-lo
assustado.

— Pai do céu, Jo! Você me
assustou pra cacete.

— Você usa fralda geriátrica,
então, relaxa. Vai encomendar um
almoço para sua escrava ou vou
morrer de fome enquanto você
frustra as minhas esperanças e
sonhos?

— Cacete, Jo, isso é golpe
baixo. Você sabe o quanto isso é
difícil para mim também. Que
merda você quer comer?

— Podemos pedir comida chinesa daquele lugar que você gosta.

— Me dá azia.

— Tudo te dá azia — digo por cima do ombro, enquanto saio do escritório para pegar o menu debaixo do balcão da frente. — Puta merda! — Eu quase morro de susto com a visão de Damon na frente do balcão, segurando uma grande sacola de papel marrom. — Você me assustou!

— Desculpe. Essa não foi a minha intenção. Você disse que estava sobrecarregada, então pensei que você gostaria almoçar. — Ele sorri, muito orgulhoso de seu gesto encantador, sem dúvida. Eu sorrio e pego a sacola da mão dele. — O que você trouxe? Essa coisa está pesada!

Ele dá de ombros e parece envergonhado, de novo, o que faz eu sentir algo estranho dentro de mim. Fico toda sentimental quando ele me olha com aqueles olhos cor de âmbar, todo tímido.

— Como eu não sei do que você gosta ainda, comprei um de cada.

Há sanduíches suficientes no saco para alimentar uma dúzia de pessoas. Não acredito que ele pediu essa comida toda. Eu teria comido qualquer coisa que ele trouxesse. Esse único gesto me deixou mais sentimental e eufórica. É bizarro.

— Ah, e eu também não sabia o que iria querer, então trouxe uma variedade.

— Obrigada. — Meu sorriso aumenta e, juro, parece a primeira vez que eu sorrio... em um longo tempo.

— Você é de tirar o fôlego,

sabia? — Sua voz é baixa e cheia de luxúria. Faz minhas entranhas se agitarem e implorarem pelo seu toque.

Coloco as duas sacolas sobre o balcão e dou um passo à frente, me levantando na ponta dos pés para beijá-lo. Eu o abraço no pescoço e os seus braços esculpidos me envolvem. Ele me puxa mais para ele, tirando meus pés do chão.

Então cubro sua boca com a minha e faço o meu melhor para lhe mostrar o meu agradecimento. Não apenas pelo o almoço, mas pela distração também. Sinto que meu mundo está desmoronando sob meus pés, mas entra Damon e, de repente, tenho algo a que me agarrar.

É
assustador
e
reconfortante ao mesmo tempo.

Sua língua desliza suavemente
sobre meus lábios e se movimenta
ritmicamente contra a minha. Eu
gemo em sua boca e seus braços
me apertam ainda mais. Posso
sentir sua ereção pressionada
contra mim e, caramba, eu queria
estar na casa dele agora. Posso
sentir um leve calor e excitação na
minha pele. Afasto-me de seus
lábios incríveis e pressiono meu
rosto no dele, enquanto recupero o
fôlego.

— Já se lembrou de alguma
coisa?

— Não — respondo com
sinceridade. Ainda não faço a
menor ideia do porquê dessa
sensação de que o conheço e
realmente não tive muito tempo
hoje,
para
explorar
minhas

memórias. — Você?

— Não. Nada.

— Vamos comer. — Ele coloca outro beijo em meus lábios antes de me colocar de pé. Eu suspiro e agarro a mão dele, para levá-lo para a parte de trás da loja, onde costumo almoçar com Sutton.

Inclino minha cabeça para dentro do escritório de Sutton; o velho bastardo

está

dormindo

novamente. Lamentável. Talvez seja uma coisa boa a loja estar fechando, ele realmente deveria ter se aposentado há muito tempo. Eu não quero lhe dar outro ataque cardíaco, mas eu sei que ele está com fome.

— Psiu! — Seus olhos se abrem e ele me olha sonolento.

Eu sorrio e levanto a sacola.

— Olhe, olhe, Capitão. Venha

comer, meu velho.

Ele se espreguiça e resmunga
baixinho enquanto se senta e, em
seguida, levanta, empurrando sua
cadeira bamba. Um dia, essa
cadeira vai dar-lhe um tombo e ele
vai quebrar a porra do quadril. Eu já
avisei,
mas
ele
me
ignora.

Sentamo-nos à pequena mesa na
parte de trás da loja e eu arrasto
mais uma cadeira extra para
Damon, então pego o monte de
sanduíches e faço as apresentações.

— Damon, este é o meu
patrão, Stanley Sutton. Sutton, este
é meu amigo, Damon Cole. — Eles
apertam as mãos e Sutton olha
Damon especulativamente.

— Amigo, hein? — resmunga
Sutton.

Dou-lhe

o

meu

olhar

atravessado, mas ele o ignora.

Receio

que

ele

tenha

se

acostumado aos meus olhares de

reprovação durante esses anos.

— Exatamente. Amigos. Está

bem para você?

Damon não diz nada, entretido

com minha briga verbal com Sutton.

— Por mim tudo bem, desde

que não interfira no seu trabalho. —

Ele olha por cima da pequena mesa

para Damon; eu posso afirmar que

eles estão se avaliando, trocando

alguma conversa silenciosa de

homens ou algo assim. Não

entendo nada disso, mas não

importa. Nunca apresentei Sutton
para ninguém com quem transei
por
razões
óbvias.

Tenho

a
sensação de que Sutton pode ser
um pouco territorial. Talvez ele
esteja sendo protetor. Será?

—

Ok,

rapazes,

relaxem.

Vamos comer. Sutton, você quer o
de presunto e queijo suíço, né?

Nem preciso perguntar. São
sete anos encomendando a comida
dele. Eu o conheço melhor do que
ele mesmo, em certos dias.

— Quero — ele resmunga,
enquanto abre uma soda.

Olho para Damon, que me
observa atentamente. Eu verifico os

sanduíches e escolho um de peru no pão integral. Damon também escolhe um e todos nós devoramos nossas comidas. Enquanto eu limpo a nossa bagunça, e guardo as sobras, ouço Sutton pigarrear.

— Damon, posso falar com você?

Faço uma pausa e atiro um olhar mortal na direção de Sutton. Ele nem mesmo dá bola para a minha irritação.

— É claro. — Damon pisca para mim, antes de seguir Sutton para o seu escritório.

Ouçó a porta fechar e pondero se devo ou não escutar. Que se dane. Não dou a mínima. Deixe-os conversarem. Eu termino a limpeza do almoço e me ocupo das etiquetas, enquanto espero o Sr. alto, moreno e elegante reaparecer. Meia hora depois, ouço a porta do escritório abrir e Damon caminha

em minha direção. A curiosidade fala mais alto. Quero saber sobre o que eles estavam conversando.

— Eu tenho que voltar para o escritório. Tenho alguns assuntos urgentes que precisam da minha atenção. Me acompanha até lá fora?

Procuro por algum indício de que porra aconteceu no escritório de Sutton, mas Damon não dá nenhum. Ele está tão calmo e tranquilo quanto poderia. Isso me deixa perplexa, no mínimo.

— Claro.

Ele estende a mão para mim e eu a seguro. Ele nos conduz para fora, pela porta da frente, e andamos lentamente até seu carro.

Desta vez ele está dirigindo uma BMW ,
que combina com a sua
aparência.

Ele

parece

um

empresário perfeito com esse carro

e em seu incrível terno cinza,

camisa azul escura e gravata

prateada.

— Você deve saber que ele te

ama.

Viro minha cabeça em choque.

— O quê?

— Sutton. Ele te ama. Confie

em mim.

Eu zombo e balanço a cabeça.

— Ele não me ama; isso é

papo furado. Ele mal consegue ficar

comigo e confiar em mim, o

sentimento é mútuo.

Ele ri, em diversão, liberando

minha mão e colocando meu rosto

entre suas mãos grandes. Meu

coração dispara e meu estômago

dá cambalhotas. Ele é bonito e

charmoso pra cacete. Não tem

falhas; ele parece ser perfeito, além

da sua infância perturbada. Ele é
bom demais para ser verdade; não
há outra explicação.

— Você tem uma boca suja —
ele sussurra.

— Tenho, mas acho que você
gosta da minha boca suja.

— Eu gosto de muito mais do
que só a sua boca. — Ele corre o
polegar pelo contorno dos meus
lábios e eu o mordo. Ele aspira
entre os dentes e fogo infla
naqueles olhos cor de âmbar. — Me
mande um SMS com seu endereço.
Vou te buscar logo que você chegar
em casa do trabalho. Sua bunda é
minha hoje à noite. Durante toda a
noite.

Seus
lábios
silenciam
o
protesto
que

eu
estava
contemplando fazer. Nossa! Para o
inferno com ele. Eu o beijo de volta,
dando
tanto
quanto
recebo.

Concordei com mais sexo e sou
uma mulher de palavra. Além do
mais, não nego que estou faminta
por mais dele. Ele interrompe o
beijo cedo demais para o meu
gosto e gemo em protesto. Ele sorri
e pressiona minha bochecha em
seu queixo com barba por fazer, me
envolvendo
em
um
abraço
apertado.

— Ok — respondo baixinho.

Ele planta um beijo na minha
bochecha, desliza para dentro de

seu carro extravagante e vai embora, me deixando contando os segundos até que eu sinta sua pele contra a minha outra vez.

CAPÍTULO OITO

Planos para o jantar

Viro-me para voltar à loja.

Enquanto ando, vejo Sutton se ocupando com as minhas etiquetas abandonadas. Coloco as mãos nos quadris e atiro de imediato.

— Que diabos foi tudo aquilo?

Sutton me olha de relance, tão indiferente quanto pode.

— O quê?

Filho da puta! Ele hoje está, realmente, brincando com a sorte.

— Não se faça de idiota comigo, Capitão! Por que você o arrastou para o seu escritório e o que tanto os dois conversaram? E a propósito, você também simulou um grande espetáculo no almoço.

Legal. Muito legal. — Por que diabos a falta de cortesia dele com Damon me irritou tanto? Eu não deveria dar a mínima, mas me incomodou. Isso não pode ser boa coisa.

— Eu tinha que falar com ele.

Que eu saiba, aqui é a América e sou livre para falar com quem quer que seja, então não fique nervosinha à toa, madame.

Meu sangue ferve e vejo vermelho. Como ele ousa tirar sarro de mim? Eu não sou arrogante porra nenhuma; nunca fui e nunca serei.

— Não se atreva a falar assim comigo, Capitão! Não sou nada arrogante ou estou nervosinha à toa! — Eu rosno para ele e o sinto

parecer um pouco triste. Que merda é essa? Remorso? Não imaginei que ele fosse capaz de tal emoção.

— Eu peço desculpas, está bem. Só estava brincando de insultos. Eu só queria verificá-lo. Há muitos idiotas por aí hoje em dia; não é seguro para jovens mulheres saírem por aí pegando qualquer cara. — Ele dá de ombros e meu queixo bate no chão. Ele se importa?

— Sendo minha babá, é?

— Bem, alguém tem que fazer isso! Você é tão descuidada quando o assunto é homem. Agora... pare... de desperdiçar tempo e volte a trabalhar. Eu, uh... estarei no escritório. — Ele enfia as mãos nos bolsos e agita nervosamente suas moedas.

Assisto, intrigada, enquanto ele se arrasta de volta para a sua caverna. Puta merda! Ele está

cuidando de mim. Balanço a cabeça
em descrença e volto ao trabalho,
na esperança de que o resto do
meu dia acabe logo. Às dezessete
horas, já terminei todo o inventário.
Agora, o Capitão me manda fazer
um enorme cartaz de “Liquidação
de fechamento de loja”, para
pendurar na vitrine. Só mesmo esse
velho idiota para me obrigar a fazer
o trabalho sujo. Partiu meu coração
escrever essas palavras. Desligo o
letreiro da vitrine e recolho minhas
coisas, aparecendo no escritório de
Sutton para dizer adeus ao velho
peidão.

— Ei, estou... o que há de
errado? — Congelo no lugar quando
o vejo pálido.

Ele olha para mim e balança a
cabeça.

— Nada. Foi esse maldito
sanduíche do almoço. Tive uma
indigestão dos infernos. Me arruma

alguns antiácidos, vai?

Respiro fundo, de alívio. Acho
que eu meio que me preocupo um
pouco com o Capitão também.

Deve ser uma coisa de amor e ódio.

Passei os últimos sete anos da
minha vida aturando o papo furado
do velho rabugento, seria normal
ser um pouco ligada a ele, né? Eu
não... o amo, nem nada disso. Ele é
meu chefe e sou leal, isso é tudo.

Minha conversa silenciosa deixa
minha cabeça girando... e até tenho
que admitir que estou tentando me
convencer de que não me importo.

Eu resmungo em desgosto comigo
mesma e pego seus antiácidos
atrás do balcão. Volto para o seu
escritório e solto dois comprimidos
na palma de sua mão enrugada. —

Aí está você, oh, Capitão, meu
Capitão. Algo mais? Devo te
alimentar agora? Ou banho de
esponja?

Ele semicerra seus olhos azuis
em mim e resmunga algumas
obscenidades enquanto mastiga os
comprimidos.

— Melhor?

—

Sim.

Saia

daqui,

engraçadinha.

Sorrio e saio de seu escritório.

Pego minha bolsa e corro para

casa, em tempo recorde.

Quando

entro

no

meu

apartamento, envio um SMS com meu

endereço

para

Damon.

Ele

responde imediatamente com um

simples “ok”. Retiro meu jeans e

camisa e corro para o chuveiro,
onde me depilo e esfolio cada
centímetro do meu corpo. Não sei
por que diabos estou tão decidida a
ficar mais arrumada para ele, mas
quero ficar. Eu meio que quero
impressioná-lo um pouco. Tudo
bem, muito. Estou até os fios do
cabelo nessa porcaria. Isto não se
parece comigo, o que é irritante!
Mando para longe a minha irritação
e saio do chuveiro, me seco e passo
uma loção hidratante. Volto ao meu
quarto e vasculho meu armário, em
busca de algo rendado e sexy, até
que finalmente encontro uma tanga
preta minúscula e visto meu sutiã
combinando, que cai como uma
luva em meus seios fartos. As
noites de verão em Vegas te fazem
escolher roupas simples: menos é
mais. Eu rapidamente opto por um
short jeans e uma regata azul
petróleo; fecho as fivelas da minha

sandália gladiadora e verifico meu visual no espelho.

Aprovado. Corro até meu minúsculo banheiro e seco meu cabelo castanho ondulado. Eu nunca faço penteados. Ou é solto ou em um rabo de cavalo.

Sinceramente, nem sei mesmo como fazer toda essa merda sofisticada que qualquer outra mulher da minha idade faz. Pego meus cosméticos e delinear minhas pálpebras como de costume, passo rímel nos meus cílios e ignoro o blush, já que tenho certeza de que não vou precisar dele. Estalo meus lábios depois de aplicar o gloss e ondulo um pouco mais meu cabelo, em seguida, borrifo um pouco de perfume na minha gola e punho. Ouço uma batida na porta da frente e meu estômago aperta. Oh, meu Deus. Ele está aqui. Dou mais uma olhada no espelho e, em seguida,

faço uma curta caminhada até a
porta da frente. Abro e lá está ele.
Droga, acho que jamais vou me
cansar da visão dele. Ele continua
vestido com seu terno cinza e
sapato social de alto brilho. Seu
cabelo está um pouco menos
desgrenhado e está barbeado. Acho
que está vestido a rigor, também.
Gesticulo para ele entrar no meu
barraco de merda e sinto o cheiro
de seu perfume quando ele passa
por mim. Minha calcinha pega fogo.
Sou como um cão raivoso no cio.
Preciso me acalmar. Olho para
baixo e vejo que ele está
segurando um saco preto porta-
roupa nas mãos.
— O que é isso? — pergunto
arqueando a sobrancelha.
Ele sorri e abre o zíper do
saco. Um incrível vestido de
coquetel aparece. Posso não estar
por dentro da moda, mas até eu sei

o que é um vestido de coquetel
quando vejo um. Este é de um
ombro só, feito de cetim que parece
ser
um
vestido
bandage.

É
deslumbrante.
— Vou te levar para jantar e,
embora eu goste muito, muito
mesmo, desse short curto e da
regata, você não pode usar isso
onde vamos. — Ele tira do fundo do
saco porta-roupa um par de salto
agulha altíssimo e entro em pânico
imediatamente. Não tenho nenhum
par de sapatos de salto alto e
duvido que eu consiga andar
nesses.

Balanço
minha
cabeça
vigorosamente.

— O vestido é lindo, mas não
há a menor chance de eu usar
esses saltos.

Ele semicerra os olhos, o que
só aumenta o meu desejo por ele.

— Sim, você vai.

Cruzo os braços, indignada.

— Nem fodendo!

— E por que você não quer
usar os saltos?

Minha indignação esmaece e
meus ombros caem um pouco.

Pendo minha cabeça, me sentindo
estúpida. Que vergonha é essa?

Tenho vinte e cinco anos e nunca
usei um salto tão alto. Não posso
simplesmente colocar isso e sair
para jantar com ele. Vou quebrar
meu pescoço... ou, no mínimo,
constranger feio a nós dois, quando
eu sair cambaleando por todo lugar.

— Não sei andar neles —

murmuro, sentindo meu rosto
ruborizar. Olho sem graça para ele.

Ele enfia os saltos dentro do
saco e coloca tudo nas costas do
meu sofá. Dá um passo à frente e
me envolve em seus braços; sua
mandíbula roça suavemente contra
a minha bochecha enquanto ele
sussurra no meu ouvido.

— Não se preocupe com eles.

Você pode usar qualquer salto hoje
à noite, mas eu prometo que você
vai aprender a andar nessas coisas
extravagantes. Entendeu?

Suas palavras me deixam
trêmula. Ele fala muito sério, e
embora soe muito mandão e
homem das cavernas, encontro-me
balançando
a
cabeça
em
concordância. Há algo em sua
personalidade dominante que deixa
o meu interior em brasas, em
excitação pura e simples. Posso

sentir o calor entre minhas coxas.

Fico uma bagunça completa perto
dele e, juro por Deus, não sinto a
menor

vontade

de

mandá-lo

embora, ainda.

— Você está molhada para

mim, não é?

—

Mhmm

—

sussurro

sedutoramente.

— Eu sei. Posso sentir o seu

cheiro.

Putá merda, isso me dá mais

tesão.

Ele agarra a minha nuca com

uma das mãos e fecho os olhos

enquanto a outra passeia pelo meu

corpo, abrindo rapidamente o botão

do meu short. Em seguida, puxa o

zíper para baixo e, lentamente,
desce meu short até meus quadris.
É espaço suficiente para permitir-
lhe o acesso. Sua mão desliza para
dentro e eu gemo. Ele segura
minha nuca, mantendo a cabeça
apoiada em seu peito duro. A mão
começa a se mover para trás e para
frente, sobre meu centro.

— Abra os olhos.

Rapidamente, os abro. Nos
encaramos, enquanto ele mantém
seus movimentos. O calor puro e a
luxúria em seus olhos me tornam
voraz por ele.

— Vamos pular o jantar — digo
em tom suplicante, que soa
estranho até para os meus ouvidos.

— Eu sei o que planejo comer,
e você, o que quer? — Sua voz é
rouca e cheia de desejo.

— Você.

— Bem, sugiro que faça uma
bolsa, caso precise de algo.

Olho boquiaberta para ele. O
que diabos ele quer dizer? — Bolsa?
— Eu disse a você, Jo. Você é
minha. A noite toda. Vamos lá.
— Uau! Ok. — Engulo em seco
e corro para o meu quarto. Pego
uma mochila debaixo da cama e
jogo um monte de merda aleatória;
estou tão aturdida por ele que não
consigo nem pensar direito. Respiro
fundo e despejo a mochila na
minha cama. Vamos tentar de
novo. Deixo de lado o frasco de
aspirina e a lanterna de cabeceira.
Que porra é essa? Por que estou
correndo? Suspiro e balanço a
cabeça. Ele está sendo tão mandão
que nem pode esperar um maldito
minuto enquanto pego minhas
coisas. Caminho calmamente até
meu armário e pego uma calcinha
extra e outro sutiã. Tiro do cabide
outro jeans e top. Busco meu
anticoncepcional na mesinha de

cabeceira e a nécessaire e enfio
tudo na mochila. Após fechar o
zíper, a jogo no ombro e caminho
de volta para a pequena sala de
estar. Damon está esperando, o
epítome do macho delicioso, com
as mãos nos bolsos enquanto
casualmente
examina
meu
apartamento.

— Estou pronta.

—

Está?

—

Ele

pisca

maliciosamente, e apanha o saco
porta-roupa; em seguida, desliza a
mochila do meu ombro, transfere
para o seu e pega a minha mão.

— Estou.

CAPÍTULO NOVE

Zé ninguém

No
momento
em
que
chegamos ao apartamento de
Damon, nós dois estamos ansiosos
para chegar ao quarto. Ele aperta o
botão no elevador e as portas
deslizam abertas. Ele me puxa para
dentro,
soca
um
código,
e
começamos nossa subida para a
cobertura. No momento em que as
portas se fecham, ele tira meus pés
do chão e minhas costas são
prensadas contra a parede do
elevador. Seus lábios carnudos
cobrem os meus e sua língua

saqueia minha boca, avidamente.

Eu gemo dentro de sua boca e ele empurra seus quadris contra os meus. Seu pênis está lutando para ser libertado de suas calças. O elevador dá um balanço brusco e para; as portas se abrem. Meus pés são colocados de volta ao chão, em seguida, sou puxada pela mão, para segui-lo.

Ele

não

falou

absolutamente nada desde que saímos da minha casa e estou um pouco nervosa quanto a isso.

Normalmente, sem discussão seria uma coisa bem-vinda para mim, mas algo sobre o silêncio de Damon está me deixando nervosa. Ele abre a porta extravagante e me puxa para dentro. Sem hesitação, sou imediatamente arrastada para as

escadas. Solto minha mão da dele e me afasto.

— Ei, você está bem?

Ele suspira e esfrega a ponta do nariz entre o polegar e o dedo indicador.

— Sim. É só que... eu quero você. Preciso de você. — Ele exala alto e expira.

Nossa! O que ele quer dizer com precisa de mim? Se ele está insinuando algum tipo de coisa a longo prazo, não posso dar isso a ele. Por mais que eu sonhe em ser normal, namorar, me apaixonar e talvez até mesmo, mais à frente, ter uma ou duas crianças, isso não faz parte dos meus planos. Não sou o tipo de mulher que um homem namoraria e não tenho condições físicas e emocionais para mais perdas. Obrigada, mas me recuso. Levanto meu olhar até o seu, que mais parecem mel líquido com

tamanha intensidade, e algo me atinge, lá no fundo. Seus olhos estão cheios de necessidade e desespero. Por que eu? Sou uma Zé ninguém. Honestamente, ele não deveria sequer estar interessado em mim, de qualquer forma diferente, além de sexo casual, por uma ou duas vezes. Ele é muita areia para o meu caminhãozinho. Eu queria muito poder ser normal. Se alguma vez houve um homem que valesse a pena tentar, esse seria ele, não há nenhuma dúvida sobre isso na minha cabeça. Me recuso a estragar o clima, apesar disso. Sou uma grande covarde. É errado da minha parte, mas decidi contar a ele o que ele quer ouvir. É um meio para o fim, e caramba, eu quero o meu fim.

Amo o jeito que as veias de seus membros largos e musculosos se destacam. Minha nossa! Ele

envolve seus maravilhosos braços fortes em volta de mim e toca o nariz no meu pescoço, colocando um rastro de beijos quentes até a minha orelha.

— Enrole suas pernas em volta de mim.

Faço o que me é mandado e ele sobe as escadas de dois em dois degraus, me agarrando a ele. Aparentemente, este é o seu *modus operandi*; não que eu me importe. Um cara gostoso pode me levar lá em cima para uma boa transa a qualquer momento. Aproveito a oportunidade para perguntar sobre o nosso estranho dilema.

— Lembrou de algo? Qualquer coisa, de repente?

Ele faz uma longa pausa e, por um momento, acho que não tenha me escutado.

— Só uma coisa aparece de repente quando penso em você, e

você está prestes a descobrir o que
é — ele murmura em meu pescoço.
Dou um suspiro interno de alívio,
sabendo que a nossa busca por
respostas continua. Ele nos conduz
pelo corredor para o quarto, e chuta
a porta para abrir de novo; é
incrível que ele ainda não tenha
quebrado a maldita coisa. Ele me
leva para a cama e me deita nela.
— Espere. — Ergo a mão,
deixando-a descansar em seu peito
vibrando. Ele congela. Eu o encaro
e seu rosto fica branco, seu pulso
se acelera ainda mais, e sua pele
está pálida. Que porra é essa?
Insisto,
apesar
de
seu
comportamento estranho. — Você
não acha essa coisa absurdamente
estranha?
Tudo

isso

o

que

sentimos? Não é normal. Se me sinto ligada a alguém, eu não deveria me lembrar de já tê-lo visto ou de conhecê-lo? Parece esquisito, isso é tudo que estou dizendo. Tem certeza de que nunca foi voluntário ou deixou uma doação no centro de caridade?

Ele inala profundamente.

— Não. Nunca estive lá.

Balanço a cabeça e minhas sobrancelhas se unem. Isso está me deixando louca. Talvez me sinta como se, de alguma forma, eu lembrar de onde o conheço, a atração entre nós será válida.

— Talvez nós fomos amantes numa vida passada ou algo assim

— digo brincando, e dou de ombros; ele dá apenas um meio sorriso em resposta. Qual é o

problema dele? — Você tem certeza de que está bem? — Estreito meus olhos nele, com ceticismo. Ele está agindo de um jeito tão estranho que está difícil de acreditar que é porque ele está ansioso para me ter.

—

Eu ficaria melhor se pudéssemos parar de falar e tirar essas roupas. — Ele pontua sua declaração com uma leve palmada na minha coxa. Grito e ele me silencia com sua boca habilidosa. Então se afasta, deixando-me descontente com a perda de seus lábios contra os meus. Ele dá um tapinha no meu antebraço.

— Levante-os.

Obedeço e os levanto. Ele rapidamente empurra a blusa sobre a minha cabeça e a joga no chão.

Estou sentada na cama de sutiã,
shorts e sandálias. Ele junta minhas
mãos, e as coloca no meu colo.

— Feche os olhos, Josephine.

— É Jo.

— Não, não é — ele contrapõe.

O tom profundo e autoritário que
ele usa me deixa fascinada e o
desejando.

Ele

mordisca

meu

pescoço e perco toda a linha de
raciocínio.

De repente, um tecido macio
toca de leve o meu rosto. Deixo
escapar um suspiro quando ele
puxa o tecido agradável até meus
olhos e amarra confortavelmente
apertado.

Nunca

fui

vendada

durante o sexo e me sinto um

pouco apreensiva, mas sei que
posso confiar nele, e mais, toda
essa coisa de venda é muito
sensual. Estou em total escuridão
por
trás
do
pano
e
ouço
atentamente ele se mover. Ouço o
zíper e o arrastar de roupa. Uma de
suas mãos segura meu rosto e seu
polegar,
minha
bochecha.

Chegando por trás de mim, ele abre
meu sutiã como se ele já tivesse
feito isso um milhão de vezes. Para
ser realista, um homem como
Damon
já
participou,
provavelmente,

de
muitas
brincadeiras. Tremo só de pensar
nele com outra mulher. Ele desliza
meu sutiã para baixo, nos meus
ombros, e o ouço lançá-lo para o
chão. Então coloca uma mão em
cada um dos meus ombros e
gentilmente me empurra, até que
estou deitada de costas. Minhas
pernas balançam do lado de fora da
cama e ainda estou vestida da
cintura para baixo. Sinto suas mãos
deslizarem pelas minhas pernas,
então soltar uma sandália e depois
a outra. Elas escorregam com
facilidade e as ouço bater no chão
com um leve baque. Suas mãos
quentes envolvem uma das minhas
pernas e ele beija o peito do meu
pé, o que é delicado e erótico ao
mesmo tempo, enviando uma carga
de eletricidade da ponta dos dedos
até a minha virilha e meu estômago

se contrai, lá embaixo.

— Suspenda. — Ele toca meu quadril e apoio meus pés na barra lateral da cama, levantando minha bunda. Seus dedos engatam na cintura do meu short e calcinha, e logo são puxados para baixo, deixando-me nua. Seus lábios pousam na minha barriga, abaixo do meu umbigo, e solto um gemido ofegante. Ele deixa beijos molhados até o centro do meu tronco e depois afunda na cama, me montando. Segurando uma das minhas mãos, ele a puxa até os lábios, beijando a palma, depois o pulso e todo o caminho até a parte de baixo do meu braço, no cotovelo, que envia essa corrente familiar até a minha virilha, novamente. Meu braço é colocado acima da minha cabeça e ele faz o mesmo procedimento com a outra. Eu o sinto se mexer e sair da cama.

O que foi isso?

— Onde você vai?

— Calma. Paciência.

Posso

ouvi-lo

sussurrando

alguma coisa. Que raios ele pode
estar fazendo? Procurando um
preservativo, talvez? Sinto a cama
afundar, acima da minha cabeça, e
sua boca sussurra no meu ouvido.

—

Você

continua

pronta,

Josephine?

Sua respiração quente contra
minha pele me fez torcer e retorcer
involuntariamente. Posso sentir a
umidade entre as minhas coxas
aumentar e a minha necessidade
por ele crescer dez vezes mais.

—

Sim

—
respondo

ansiosamente.

— Diga-me.

— Eu estou pronta para você

— solto de uma só vez. Sinto uma estranha sensação de timidez ao dizer isso. Timidez é um conceito estranho para mim.

— Boa menina. Isso pode ficar apertado, mas não vai doer, eu prometo. Jamais te machucaria.

— Eu sei. — Sei? Meus braços são estendidos acima da minha cabeça. Posso senti-lo prender algo como uma algema em cada pulso. O material parece forte, mas é macio contra a minha pele. Há um súbito som indicando o fechamento e meus braços são esticados ao máximo, mas ele está certo, não machuca nada. Meu estômago parece estar cheio de borboletas. Ele pressiona os lábios na minha

bochecha; inclino-me em seu beijo
e toco o nariz nele. Estou carente
de contato. Quero sua pele na
minha. Tudo em cima de mim. Ele
me preenche de uma forma que
nenhum homem jamais preencheu.

Quando estou perto dele, parece
que nenhum outro homem existe
ou,

se
existe,

é
impossível

comparar. Talvez jamais exista.

Sinto o toque de sua perna ao meu
lado. Um dos meus pés é levantado
e um sapato de salto é deslizado. O
salto agulha. Ele guia o sapato
perigosamente alto no meu outro
pé.

— Eu disse que você usaria
esses saltos hoje à noite. Não
disse?

—

Disse

—

admito

calmamente.

— Dobre os joelhos pra mim,
amor. — Amor? Nunca fui chamada
assim antes. Ok, talvez por alguma
cantada barata de algum idiota,
uma ou duas vezes, mas nunca
assim; nunca de uma forma
verdadeira. Isso faz as borboletas
no meu estômago darem piruetas.
Flexiono os joelhos e puxo as
pernas para cima. Os saltos as
tornam semi-desajeitadas, mas ao
mesmo tempo, parece sexy. Estou
amarrada, nua, mas de salto agulha
e sinto muito tesão.

— Linda.

Um pequeno sorriso aparece
em meus lábios, com o seu elogio.
Suas duas mãos grandes e quentes
vão para as minhas coxas e eu
respiro instável em antecipação. As

mãos de Damon deixam minha pele
momentos depois de terem sido
colocadas, e eu gemo. Uma risada
profunda ressoa dele e isso me
irrita. Estou ficando impaciente
aqui. Amarrada, nua e esperando
pacientemente. Não acho que a
minha boceta pode ficar mais
molhada de excitação.

— Logo — é a sua resposta
para o meu gemido petulante — Em
breve.

Outra faixa macia, mas forte,
envolve uma coxa e depois a outra.

Putá merda! Ele está amarrando
minhas pernas para que fiquem na
posição. Não estou pronta para
isso! Como se lesse minha mente,
ele explica:

— Parece que você tem uma
ligeira incapacidade de seguir
instruções, quando a minha boca
está nessa sua boceta perfeita, por
isso, estou melhorando a situação.

Agora, você não pode se mover.

Respiro fundo e isso nada faz
para acalmar meu corpo ansioso.

— Você ainda está pronta para
mim, amor?

— Sim. Por favor.

— Vou ser o juiz disso.

Um dedo traça a fenda úmida
da minha abertura e eu tremo. Ele
suaviza a minha excitação seguindo
todo o caminho até a minha bunda
e eu estremeço levemente com o
toque intrusivo.

— Perfeito — ele ronrona. Suas
mãos agarram ambos os meus
tornozelos com força, e posso sentir
sua boca pairando acima do meu
núcleo necessitado. Seu hálito
quente
invade
minha
carne
hipersensível e arqueio as costas.
Bem, arqueio as costas tanto

quanto posso, já que estou presa à
cama. Seus ombros largos e nus sarram
contra o interior dos meus joelhos,
enquanto se inclina para a frente e
enche minha barriga e quadris com
beijos molhados. Sua língua deixa
um rastro quente ao redor do meu
umbigo.

Gemo

quando

meus

quadris lutam contra as restrições e
tentam avançar na direção dele. —

Você não tem paciência, amor.

Vamos ter que trabalhar nisso.

— Você quer dizer me torturar

e provocar até que eu pare? —

disparo como uma criança mau
comportada.

— Gostaria de ser amordaçada
também?

— Não — murmuro.

— Isso é bom. Eu, com

certeza, não gostaria de amordaça-

la. Essa sua boca faz alguns dos
sons mais sedutores que já ouvi
quando
estou
completamente
enterrado.

Que Deus me ajude! Esse
homem vai ser a minha morte. Seus
lábios pousam na parte interna de
um dos joelhos e ele planta um
beijo suave e prolongado, lá.

— Eu. — Ele se move mais
para cima, na minha perna trêmula
e planta outro beijo suave.

— Amo. — Ainda subindo, mais
um beijo e isso me faz puxar, em
vão, as minhas restrições.

—

Essa.

—

Os
lábios
permanecem contra a junta entre
minha boceta e minha coxa. Eu

gemo e arfo em desespero.

— Boca. — Sua língua macia

faz contato com meu clitóris e

então,

dá

uma

lambida,

dolorosamente

lenta,

do

meu

clitóris até a minha bunda, fazendo-

me suspirar e me contorcer. Seus

braços musculosos envolvem cada

uma das minhas coxas e me

mantém

ainda

mais

imóvel,

segurando minhas pernas em um

agarre

firme

e

sou

deixada

vulnerável, à sua mercê. Sua língua
gira ao redor do perímetro da
minha abertura e meu corpo
espasma ferozmente.

—

Mmmm

—

sussurro

apreciativamente.

Sua boca é a coisa mais divina
que já experimentei e, juro, eu
nunca me senti tão completamente
satisfeita sexualmente. Ele faz
outra passagem lenta de cima para
baixo e eu gemo. Seus lábios se
fecham em volta do meu clitóris e
ele alterna entre pancadinha de
leve com a língua e forte sucção.

— Damon — ranjo os dentes
de prazer.

Sua boca requintada deixa o
meu clitóris e sua atenção vai para
a minha abertura escorregadia. Sua

língua mergulha profundamente e,
em seguida, retira. Ele me trabalha
dessa forma... até que cada
respiração é um gemido. Mal
consigo
respirar
e
ele,
com
facilidade e habilidade, trabalha o
meu clímax. Sinto a construção do
meu orgasmo na parte baixa do
estômago. Ele para. Meu orgasmo
desliza por entre meus dedos e eu
choramingo. Um dedo mergulha
profundamente em mim. Ele o
retira e espalha minha umidade
sobre a minha bunda. Mais uma vez
hesito com a sensação intrusiva de
seu toque contra o lugar privado. Já
fiz muito sexo, mas o sexo anal não
é algo que eu já tenha me
aventurado. Ele pressiona um dedo
no botão apertado e faço o meu

melhor para relaxar. Um longo dedo
desliza no canal. Agora, um
segundo dedo. Seu toque sábio
constrói
meu
orgasmo
num
instante.

— Ahh. — Sugo o ar por entre
os dentes e gemo.

— Relaxe — ele diz, por entre
as minhas pernas.

A respiração dele contra a
minha carne incendeia minhas
terminações nervosas sensíveis.

Sua boca cobre meu clitóris
novamente

e

retoma

seu

movimento anterior de pancadinha
leve e sucção forte. Seus dois dedos
facilmente entram e saem em
pinceladas

curtas,
esfregando
contra a parede frontal da minha
boceta. O polegar circula o botão
apertado, virgem, da minha bunda
mais uma vez, antes de violar a
passagem do anel apertado de
músculos. Ofego em estado de
choque e meus olhos arregalam por
trás da minha venda. Puxo contra
as restrições que me mantêm
aberta para ele.

— Relaxa, amor — ele repete,
com a boca ainda pressionada ao
meu clitóris.

Estou tentando o meu melhor
para fazer o que me é dito. Ele
continua a me trabalhar de forma
tão completa; posso sentir meu
estômago se contraindo cada vez
mais. Seu polegar aplica apenas a
quantidade certa de pressão contra
a carne separada entre os dedos e
o polegar. É uma sensação exótica,

intrusiva e estimulante. Cada nervo
está queimando e sinto que eu
poderia entrar em combustão
espontânea.

— Nossa, Damon, não pare.

Não pare... — eu gemo alto.

Um rosnado baixo emana de
seu peito, enviando uma sensação
de vibração através da minha
virilha e me envia em um tremor,
entrando em erupção, em forma de
prazer culminante. Minhas pernas
tremem e tencionam enquanto sou
sacudida contra as restrições. Ofego
e leva um bom tempo antes que eu
seja capaz de puxar uma respiração
completa.

Ouço

um

ruído

novamente e ele afrouxa as
restrições que mantém cada perna
separada. Há um outro ruído, que
eu suponho ser o som da corda que

está apertada, e de repente estou
livre delas. Meus membros relaxam
e descansam inanimados sobre a
cama.

Ofego

e
trabalho
na

recuperação da minha compostura.

A cama afunda e posso sentir o
calor irradiando de seu corpo. Ele
monta em mim, com uma perna de
cada lado do meu corpo, e levanta
a minha nuca, retirando a venda.

Pisco para limpar a visão embaçada
e ele entra em foco, acima de mim.

Putá merda, sinto como se o
estivesse vendo pela primeira vez.

Seus olhos cor de âmbar estão puro
fogo e as bochechas, apenas um
tom rosado; seu cabelo quase-preto
está uma deliciosa bagunça. Quero
me sustentar em um cotovelo para
poder correr meus dedos nele, mas

ainda estou me recuperando do
orgasmo celestial. Seu peito está
nu e anseio tocá-lo. Ergo minha
cabeça o suficiente para olhar entre
as minhas coxas, e ele está tão nu
quanto eu. Sua esplêndida ereção
paira sobre o lugar que eu mais
quero.

Ele se inclina para baixo, enfia
um braço entre minhas costas e o
colchão e me levanta até seu peito,
trazendo-me

a

uma

posição

ajoelhada, que espelha a sua. A
cabeça de seu pênis, nu, está
inclinada contra o meu estômago.

Seu olhar é penetrante e intenso,
quase desconfortável. Procuro por
um alívio e o encontro olhando para
baixo, apreciando a visão de seu
comprimento pressionado contra
mim. Estou tão enfeitiçada... não,

distraída, o observando, que tenho
o primeiro pensamento negligente
que eu já tive com relação ao sexo:
imagino-me assumindo o controle.
Empurrando-o para trás, montando
nele e deslizando sobre aquele belo
pedaço de homem completamente
nu e exposto. Coloco essa ideia
idiota de lado e o encaro de volta.

Juro
que
ele
deve
saber
exatamente o que se passa na
minha cabeça, porque um sorriso
torto aparece em seus lábios. Ele
muda nossa posição, de modo que
fica sentado de costas para a
cabeceira da cama, parecendo o
dono do mundo. Ele gesticula com o
queixo para o criado-mudo. Estico-
me até o outro lado da cama, abro
a gaveta, pego um preservativo e

jogo para ele.

— Você sabe que não vou usar
essa coisa pra sempre. — Ele
levanta o preservativo e olho entre
ele e a camisinha. — Um dia quero
te comer sem nada. Você será a
primeira mulher com quem eu já
transei sem camisinha.

Puta merda, ele faz com que a
minha tentação fique ainda mais
difícil de resistir.

— Você já transou sem
camisinha?

Balanço a cabeça negando.

— Estou limpa — ofereço. Que
porra é essa? Por que parece que
estou tentando convencê-lo? Ele
arqueia uma sobrancelha. Jesus
Cristo, acho que ele, simplesmente,
vai aceitar a minha palavra.

— Eu também.

Eu acredito. Não sei por que,
mas acredito. Isso é uma grande
estupidez. Preciso colocar logo esse

preservativo ou vamos acabar
fazendo essa idiotice agora. Pego
de volta o preservativo e o abro
com os dentes. Ele me dá outro
sorriso torto enquanto puxo a
camisinha

de
dentro
da
embalagem.

— Um dia... em breve.

Eu
o
ignoro
e
rolo
o

preservativo sobre a ponta e deslizo
para baixo em seu eixo grosso. Ele
me encara e é um pouco enervante.
Quando a camisinha já está no
lugar, ele envolve seus braços em
volta da minha cintura e me puxa
para ele.

— Enrole suas pernas em volta
de mim — ele ordena, e eu
obedeço. Ele ainda está sentado e
agora estou montada em seu colo,
com minhas pernas em volta de sua
cintura. Olho entre nós e seu pau
está
projetado
para
cima,
descansando
contra
o
meu
estômago, posso sentir a pulsação
da ereção vibrando. Um braço sai
da minha cintura e sua mão agarra
meu cabelo. Ele me puxa para a
frente e repousa a cabeça contra a
minha. Espreito através de meus
cílios. Seus olhos estão fechados e
parece que ele está com dor. Eu
sabia que algo estava errado.

— O que há de errado? —

Seguro seu queixo angular, e o

forço a olhar para mim.

Seus olhos abrem lentamente.

Seu agarre em volta da minha
cintura aperta e ao mesmo tempo,

ele

me

levanta.

Seu

pênis

prontamente desliza para a posição

e com urgência, me puxa para

baixo, em cima dele, fazendo-me

arfar com a plenitude e a invasão.

Minha cabeça tomba para frente e

descansa em seu ombro.

— Não há nada errado, agora

— ele ronrona no meu ouvido.

Ainda segurando seu queixo,

viro a cabeça para me aninhar em

seu pescoço e deslizo meus lábios

em cada centímetro de pele

exposta que consigo alcançar.

Começo a balançar meus quadris

lentamente para trás e para a
frente,
esfregando
com
força,
contra
seu
pênis.

Ele
geme
enquanto me mexo por cima dele.
Quero acelerar, mas fazer assim o
está enlouquecendo. Posso dizer
que ele quer golpear em mim como
fez ontem.

— Caralho — ele ruge, então
me vira de costas, sua ereção
revestida ainda totalmente dentro
de mim.

Suspiro quando minhas costas
atingem o colchão. Como ele faz
isso? Seus dedos entrelaçam no
meu cabelo e puxam minha boca na
dele; nossos lábios se fundem e as

línguas emaranham-se. Posso sentir
meu gosto na língua dele, puta que
pariu, isso me excita de forma
selvagem.

— Me come — sussurro.

Ele puxa o corpo para trás,
retirando
lentamente
seu
comprimento molhado e brilhando.

Golpeia de volta e deixo escapar
um gemido alto. Ele retira mais
uma
vez.

Apenas

a
ponta
permanece dentro e golpeia mais
uma vez, roubando meu fôlego. Seu
olhar
fumegante
permanece
bloqueado no meu e quase derreto
no lugar. Eu o conheço, mas não

conheço. Eu o quero, mas não
quero. Preciso dele, mas não
preciso.

Seu
ritmo
acelera,
conforme retira e enfia, uma e
outra vez, enterrando seu pau duro
em mim, a cada impulso.

—

Ai,
caralho

—

gemo
enquanto
ele
golpeia,
incansavelmente, em mim. Minhas
unhas cavam em seus ombros. Sua
pele
fica
cada
vez
mais

escorregadia

de

suor;

gotas

escorrem por sua testa e quando

chegam na sobrancelha, pingam no

meu

esterno.

Seus

músculos

começam a retesar ainda mais,

quando ele grunhe e avança

duramente dentro de mim.

— Oh, puta que pariu, amor —

ele rosna com os dentes cerrados.

Minha barriga comprime e

meus músculos apertam o pau dele.

Minha boceta pulsa e espasma

quando outro orgasmo arrebatador

rasga dentro de mim. — Damon! —

eu grito. No momento em que seu

nome rasga pela minha garganta,

ele estaca dentro de mim, tanto

quanto pode. Então para, crava até

o punho, estremece repetidamente,
enquanto meu corpo ordenha seu
eixo, até a última gota de seu
prazer. Ele cai em cima de mim, e
embora seja muito pesado, respiro
profundamente,
coloco
minhas
pernas em volta dele e acaricio
suas costas com as pontas dos
dedos, enquanto nos acalmamos e
recuperamos o fôlego.

—

Você
usa
algum
contraceptivo? — ele murmura, sua
boca contra o meu pescoço.

Que
porra
é
essa?

Aparentemente, ele está falando
sério sobre não usar o preservativo.

— Uso — respondo com

sinceridade.

— Que tipo?

— Pílula.

— Sem preservativos, a partir
de hoje.

— Para de palhaçada! Você
não vai decidir por mim.

Ele beija meu pescoço e se
apoia nos cotovelos. Aqueles olhos
cor de âmbar me perfuram como
um bisturi enfurecido.

— Você pode não perceber isso
ainda, mas você é minha. Não é
porque estou dizendo. Você é
minha porque é assim que é. Sinto
que te esperei a vida toda. Antes
de nos conhecermos, naquela loja,
eu sonhava com você todas as
noites; me perguntava onde estava
e quando te encontraria. Agora que
a encontrei, você estaria louca se
achasse que eu a deixaria ir
embora. Não vejo necessidade de

proteção. Não quero absolutamente
nada entre nós. — Ele me beija a
ponto de perder o fôlego, antes de
se
retirar
e
desaparecer
no
banheiro.

Meu coração dispara no peito e
sei que estou boquiaberta. Respiro
fundo e conto até dez. O que isso
significa? Para mim? Para nós?
Existe um nós? Nem sei o que
pensar. Ele volta para o quarto, me
dando uma visão completa e
desinibida de seu glorioso corpo nu.
Observo-o descaradamente. Ele
engatinha na cama até mim e toma
seu lugar entre as minhas pernas
novamente. Seu peito cobre minha
barriga e sua cabeça repousa sobre
o meu peito, seus braços me
envolvendo e suas mãos grandes

descansando em minha bunda. Não consigo evitar, deslizo meus dedos por seu cabelo escuro, que parece seda entre eles. Suspiro profundo e exasperadamente. Não sei no que estou me metendo, mas não posso negar aquilo que ele disse. Eu também sinto que estive esperando por ele, mesmo sem conhecê-lo. Sinto a conexão que ele diz, e eu nunca conseguiria desejar outro homem do jeito que o desejo. Mas também sei que não sou do tipo que tem encontros; nem mesmo sei como ser a namorada de alguém.

— Nós mal nos conhecemos. O que você quer comigo? E não diga que quer descobrir se nós já nos conhecemos antes, porque isso seria uma mentira, daquelas bem cabeludas, e você sabe disso.

— Eu sei o suficiente sobre você e vou te contar qualquer coisa que queira saber. Pode ser pedir

muito de você, mas eu jamais me
arrependeria de tentar. Apenas se
dê uma chance. Me dê uma
também; concorde em ser minha.
Exclusivamente.

— Você está me pedindo em
namoro?

— Estou — ele responde
irritado.

Suspiro
dramaticamente

e
sinto seus músculos enrijecem
contra mim. Ele está nervoso?

— Eu não posso prometer
nada, mas vou pensar a respeito. —

Meu coração bate descompassado
no peito e posso sentir que o seu
está da mesma forma. Acho que
estou entre a cruz e a espada.

Estou assustada pra caralho e
animada ao mesmo tempo. Sinto
seus lábios se curvarem em um
sorriso e, por um momento, quero

gritar “sim!”. Ele é incrível e eu seria uma idiota se não gritasse a plenos pulmões. Estou tão fodida... Corro minhas mãos suavemente em seu cabelo e ele suspira contente, com a minha promessa de pensar no assunto; não demora muito, Damon cai no sono.

CAPÍTULO DEZ

Pequenos milagres

Pelo segundo dia consecutivo, sou acordada pelo toque incessante do meu celular.

— Argh! — reclamo e rolo para fora da cama macia de Damon, cambaleio até o meu celular e o atendo irritada. — O quê?

Sutton gargalha no telefone, o que só reforça a minha irritação.

— Bom dia para você também, MISS EUA.

Reviro os olhos. Eu nunca vou me resignar a esse maldito apelido.

Assim como ele não aprova o

Capitão também.

— O que é agora? — pergunto

rispidamente,

olhando

para

o

relógio. Nove horas. Droga, dormi

até tarde.

— Boa notícia, Jo.

Essas palavras me fazem

arregalar os olhos e despertar

numa fração de segundo. Meu sono

desaparece e espero a boas

notícias.

— Não venha hoje. Recebi uma

oferta na loja e vou aceitar. Alguém

quer comprar o lugar.

— O quê?! — eu grito. Não

posso acreditar nisso. Creio que

seja uma boa notícia para ele, mas,

na minha opinião, prefiro que o

maldito lugar permaneça vazio, em

vez de se transformar numa

glamorosa loja de mordanças ou algo assim.

— Isso que você ouviu. Tenho uma reunião com o comprador hoje. Então, depois te ligo e passo todos os detalhes.

— Está bem. — Desligo, derrotada. Odeio ter que sorrir quando quero chorar. Olho de volta para a cama e noto que Damon foi embora, mas nesse momento, isso é o que menos me importa. Só quero voltar a minha bunda nua e derrotada para a cama e dormir o dia todo. Suponho que a coisa mais responsável a fazer seria sair em busca de emprego, mas eu simplesmente não dou a mínima agora. Volto atordoada para a cama, puxo as cobertas até meus

ouvidos, fecho os olhos, e derivo.

— Josephine — ele sussurra.

Eu

me

assusto

e,

abruptamente,

sento

ereta,

colidindo minha testa bem na sua

boca.

— Ai, merda — grito e esfrego

a minha mão contra a minha testa.

— Você tem uma cabeça dura,

não é?

Abro os olhos e encaro Damon.

Eu suspiro.

— Oh, meu Deus, você está

sangrando. Merda, me desculpa.

Você me assustou. Fique aí. — Pulo

da cama e corro para pegar uma

toalha no banheiro. Umedeço o

canto com água fria e volto para

um pecaminosamente elegante,

mas sangrando, Damon. Ele está
sentado na beira da cama, com
seus
sapatos
brilhantes,
empoleirados no tapete. Eu me
posiciono entre os joelhos e
pressiono o pano no lábio cortado.
— Me desculpa — eu sussurro,
limpando cuidadosamente o sangue
de seu lábio inferior.

— Eu não queria te assustar.
Só achei que deveria acordá-la.
Você está dormindo quase o dia
todo.

Ergo o meu pescoço para ver o
relógio. Merda! Dormi quase o dia
todo. Já passa de uma da tarde.

Meu
estômago
ronca
descaradamente e ele ri.

— Eu achei que você poderia
estar com fome. Acho que estava

certo. — Suas mãos deslizam sobre meus quadris e se acomodam na minha bunda, me lembrando que ainda estou nua. Ainda segurando as polpas da minha bunda, ele me puxa para mais perto dele. Por que ele está vestido assim? Hoje é sábado.

— É sábado.

— Sim. E? — diz ele, enquanto seus lábios pousam na minha clavícula. Ele beija a lateral do meu seio.

— Por que você está vestido assim?

Ele aperta a minha bunda.

Deixo cair a toalha no chão e envolvo meus braços em volta do pescoço.

— Trabalho nunca tem fim pra mim. Não existe essa coisa de dia de folga. — Uma das mãos deixa minha bunda para segurar meu seio. Ele cobre o meu mamilo duro

com sua boca quente e eu arqueio.

— Não há descanso para os cansados e todo esse blá blá blá — ironizo, mais ofegante.

— Exatamente.

— Você vai machucar o lábio novamente, fazendo isso.

— Não consigo pensar num motivo melhor para machucar — ele murmura contra a minha pele, quando muda para o outro seio.

Então beija e suga o mamilo, e depois, me libera. — Obrigado.

— Por?

— Por ser uma enfermeira tão devotada. — Ele dá um sorriso brincalhão de derreter o coração, parecendo diferente anos-luz do homem sério com quem dormi ontem.

Eu daria qualquer coisa para entrar naquela bela cabeça dele.

— Você é um paciente alto nível, não posso reclamar — sorrio

de volta.

Ele respira fundo e suspira.

Olha lá de novo. Algo está
passando por aquela cabeça dele e
desejo com todas as minhas forças,
que ele se abra pra mim.

— O quê?

— Nada não, só achei que
deveria parar antes de pensar na
possibilidade de te amarrar na
minha cama pelo resto do dia — ele
responde,
tão
casual
quanto
possível.

Recuo e agarro minha barriga
enquanto me acabo de tanto rir,
coisa que não me lembro de algum
dia ter feito.

— Vo... você acha que pode
me manter na cama o dia todo? —
gaguejo por entre suspiros.

— Não me desafie, amor.

Agora, vá se vestir. Vamos comer.

— Sua mão grande dá uma palmada forte na minha bunda que faz um estrondo tão alto que eu hesito e levanto. Acho que terei o dia de folga, então, por que não almoçar com ele?

— Onde estão as minhas roupas? — Procuro pelo chão, meu short, minha calcinha e meu top, mas não os acho. Arqueio uma sobrancelha interrogativamente. Ele levanta da cama e enfia as mãos nos bolsos da calça.

— Ontem, antes de ir te buscar, pedi a Brian para ir às compras. Segundo ele, todo homem gay entende de moda. As coisas que ele e a vendedora escolheram chegaram hoje de manhã. Eu as trouxe aqui para cima enquanto você estava dormindo — Ele aponta com o queixo em direção a um conjunto de portas de correr de

vidro, abertas. — Estão no closet.

— Nossa! — Isso é uma coisa
tão surreal, que parte de mim diz
que eu deveria estar irritada com
sua petulância, mas estou tão
chocada com o fato de ele me
comprar qualquer coisa, que nem
sei o que responder.

— Por que você fez isso?
Acabamos de nos conhecer. Você
não pode simplesmente jogar um
monte de dinheiro e outras coisas
para mim. Eu não preciso de
esmola.

Ele dá de ombros, em seguida,
caminha até onde estou em pé,
ainda sem nenhuma peça de roupa
me cobrindo. Ele me puxa para si e
segura o meu olhar.

— Quero que entenda uma
coisa, Josephine. Minha palavra é
uma só, não volto atrás. Afirmo o
que eu disse ontem à noite. Quero
você. E seria louco se te deixasse ir

embora. Se você me der a chance
que disse que daria, vou te
conquistar. Você perceberá que isso
não é apenas uma ligação sexual.

Quero cuidar do seu bem-estar e te
fazer feliz. E para isso, não vou
pedir a sua permissão, Josephine.

— Ele me vira pelos ombros e me
conduz para o enorme closet, me
direcionando para um cabideiro
cheio de roupas.

— Não posso pagar por essas
coisas — digo baixinho, olhando
para longe. Tenho vergonha de
admitir o quão pobre eu sou. Não
tenho poupança e meus pertences
são limitados.

— A única coisa que eu quero
de você é você.

— Eu...

Ele interrompe o meu protesto.

— Você acha que não pode
aceitar isso de mim, mas vou te
provar que está errada. Por favor,

acredite em mim, Josephine.

A súplica em sua voz soa alta e clara. Droga! Não costumo me importar com as pessoas; por que estou tão emocionada agora? Tem que ser por causa dos últimos acontecimentos. O fechamento da loja se aproximando e mais o aniversário de morte dos meus pais, é isso que está me fazendo tão emotiva. Sim, é isso. Levanto minha mão e passo pela fila de roupas penduradas na minha frente. Lágrimas indesejáveis picam nos meus olhos. Ninguém jamais foi tão... bom para mim. Não que eu não mereça nada de bom, mas mesmo assim.

Ele
segura
meu

queixo,

obrigando-me a olhar para ele. —

Não chore, são apenas roupas.

Nada demais.

Limpo as lágrimas estúpidas
nos meus olhos antes que caiam.

— Ninguém nunca me deu
nada. Sutton me deu uma roupa
para trabalhar, mas ele foi um
verdadeiro idiota sobre isso. E
você... você está me dando essa
merda e é muito mais do que eu
mereço. Eu simple...

Seu agarre no meu queixo
aperta e fecho minha boca.

— Eu não quero ouvir isso de
você nunca mais, entendeu?

Dou um pequeno aceno de
cabeça.

—

Não.

Diga

que

você

entende. — Sua voz é dura e severa, e eu impulsivamente ouço e faço o que ele diz. Isso é além de irritante.

— Eu entendo.

— Você é uma mulher incrível que teve a vida fodida por causa de um idiota irresponsável. As ações desse homem te machucaram de maneiras inimagináveis. Eu quero fazer isso direito. Se essas coisas nunca tivessem acontecido, aposto que você teria tido uma vida muito diferente. Você merece o melhor e pretendo te dar essas coisas.

Oh. Meu... Deus. Este homem tem que ser a porra de um sonho.

Eu não mereço essa merda, mas ele acha que sim. Tenho que admitir essa coisa louca entre nós e seguir em frente.

Vou

me

arrepender se não fizer. Lágrimas
deslizam livremente agora. Ele as
seca e me abraça apertado. Não sei
como ou por que fui colocada no
caminho dele, mas estou feliz por
isso. Acho que ele pode ser a
melhor coisa que me aconteceu
desde o acidente. Passo as mãos
pelo rosto e respiro profundamente.

— Está bem — digo em tom
decisivo.

— Está bem? — Ele me segura
pelos ombros, afastando-me, para
olhar em meus olhos.

— Sim, está bem — eu repito.

— Tudo bem com as roupas?

— Tudo... já falei. — Dou de
ombros

e

agito

um

punho,

apontando em nenhuma direção

específica. — Quero dizer que está bem, serei sua... sua...

—

Namorada?

Você

vai

namorar comigo? — Seu rosto se ilumina, e puta que pariu, isso faz minha apreensão se dissipar no ar.

Ele é demais.

— Vou.

— Exclusivamente?

— Eu, obviamente, espero que sim — disparo.

— Bom, porque não vou compartilhar você com qualquer outro homem. — Ele me encara e absorvo a sensação de paz e satisfação em seus olhos. É cru e desarmante. — Jamais. Eu posso te fazer feliz.

Eu também acredito. Não sei como, mas algo dentro de mim me diz que ele pode e vai. Posso ser

uma idiota por acreditar nele, mas a alternativa não é uma opção. Vou dar a ele, a nós, uma chance.

— Eu sei que você pode —
digo baixinho.

Seus lábios se erguem num meio sorriso.

— Eu coloquei o resto na cômoda. — Ele aponta para uma cômoda ilha, como eu já tinha visto numa dessas revistas de casas sofisticadas. Há duas delas no meio deste closet, do tamanho de uma sala de estar.

— Há mais lá?

Ele sorri e assente. Olho em volta, intimidada. Não consigo, sequer, processar isso tudo. Eu tenho um armário minúsculo que está quase cheio. E a maioria das minhas roupas são de brechó, uma vez que me recuso a pagar muito por uma calça jeans ou um top.

Acho que, no mínimo, meu tempo

nas ruas me ensinou a ser simples.

— Sim. Embora eu goste da ideia de você ficar sem calcinha perto de mim, eu não vou te negar roupas íntimas — ele brinca. Bato em seu braço de brincadeira e ele me agarra, novamente, para me dar mais um beijo de tirar o fôlego. Ele se afasta e descansa sua bochecha contra a minha. — Preciso alimentá-la, e depois tenho algo que quero discutir, mas não tenha pressa, amor. — Ele me libera e dá uma palmada na minha bunda, então me deixa sozinha no enorme closet.

Preciso tomar banho antes de vestir essas roupas extravagantes. Saio do closet e vou para o banheiro estilo resort. Abro a porta do box.

— Que porra é essa? — eu gemo. Como liga essa coisa? Tem várias coisinhas de pulverizar e

alguns controles diferentes. Quem
foi o filho da puta que decidiu
estragar um simples banho com
essa coisa complicada? Mexo nas
torneiras até que a água quente
finalmente dispara, mas apenas do
chuveiro acima de mim. Graças a
Deus pelos pequenos milagres. Uso
os produtos dele que nem sei os
nomes e pouco me importa. Gosto
do cheiro do sabonete dele. Isso
me faz pensar nele. Vou ter que me
controlar para não cheirar o meu braço
durante todo o dia, como uma viciada
enlouquecida por crack. Rio das
minhas reflexões internas e me
seco. Caminho até o closet de novo
e abro uma das gavetas da
cômoda. Paraíso das calcinhas!
Deve haver dezenas de calcinhas
aqui de todos os tipos e cores.
Vasculho as roupas íntimas como
uma criança no Natal. Renda.
Algodão. Seda. Caleçons. Tangas.

Fios dentais. Biquínis. Suspiro e escolho uma caleçon de renda bege. Eu a seguro, me deliciando com o toque sedoso, e acho um sutiã de renda preto na gaveta ao lado. Abro outra gaveta e essa está cheia daquelas coisas de ligas com meias. Eu não sei que raios ele espera que eu faça com isso. Nunca usei essa coisa. As próximas duas gavetas têm lingerie, camisolas e pijamas de todos os estilos, tecidos e cores imagináveis.

— Uau — digo para mim mesma. Ando de volta para o cabideiro, examinando as roupas. Meus olhos param em uma túnica azul marinho de chiffon. Já vi um monte delas, mas não tenho nada parecido; é linda. Rapidamente encontro uma camiseta branca e deslizo em um belo short de linho branco com uma bainha balonê nos meus quadris. Eu deslizo a túnica

sobre meus ombros e a abotoei e,
de
repente,
me
sinto
estranhamente atraente. Talvez eu
esteja num desses programas de
pegadinhas e alguém vai sair de
uma enorme sapateira e estourar
minha bolha. Isso, realmente, não
pode estar acontecendo. Sento no
chão do closet e passo os dedos no
meu cabelo castanho ondulado,
tentando me controlar e entender
tudo isso. Inclino-me para a frente
e pego uma caixa na prateleira de
baixo do armário e abro a tampa.

— Jimmy Sh-suu? Hum. —

Puxo um salto metálico da caixa. É
lindo e muito mais chique do que
qualquer merda de segunda mão no
meu armário. Coloco a tampa de
volta e pego o resto das caixas. Eu
os enfileiro e tiro a tampa de todos

eles.

— Jimmy Suu. Jimmy Suu.

Jimmy Suu. Jimmy Suu. — Quem é este gato Jimmy?

— Damon! — grito como uma louca. Nada. — DAMON! — Ouço algo atrapalhado, e um segundo depois, Damon entra correndo no armário com os olhos arregalados.

Ai, merda. Eu o assustei.

— O que houve? Por que você está no chão? — Ele parece em pânico e me sinto uma idiota total. Eu grito com Sutton o tempo todo e ele comigo. Acho que é o hábito.

— Desculpe. — Eu me encolho.

Ele relaxa visivelmente.

— Eu só estava curiosa sobre isso. — Ergo uma sandália brilhante e as sobrancelhas dele arqueiam.

— Ok, mas duvido que eu possa te dizer muita coisa sobre calçados femininos.

Estalo a língua com seu

comentário espertinho.

— Não, eu estava querendo
saber sobre a marca. Quem é
Jimmy Suu?

Ele ri de mim e joga o salto
nele, que pega com pouco esforço.

— Tudo bem, sou um cara e
até eu sei que Jimmy Choo é um
designer. As mulheres adoram as
coisas dele — ele explica.

— Oh. Choo como chuchu.

Entendi.

Eles
parecem
caros.

Quanto custaram? — Calço um par
de sandálias de cortiça azul
marinho. Fico contente de ver que
tem alguns pares anabelas, já que
é o único tipo de salto que eu sei
como andar. Só tenho alguns pares
de sapatos e um par de sandálias
anabela.

Elas

são

realmente

confortáveis. Estou me sentindo

mimada de todas as formas agora,

e meio que estou adorando.

— Não interessa o preço — ele

responde

e

arqueio

uma

sobrancelha quando levanto.

— Quanto, Damon?

— Não interessa, Josephine.

Cruzo meus braços e me

sustento somente num pé, já calçado

com a sandália.

— Diga-me ou vou para casa

— eu ameaço.

Seus olhos se arregalam.

— Não, você não vai. Você

continuará aqui, comigo. — Ele

caminha até mim e meu monte de

sapatos, se abaixa e me joga por

cima do ombro. Grito e bato na

bunda dele, com a minha posição
de cabeça para baixo. Uma risada
baixa ressoa de sua garganta
enquanto ele me leva do quarto,
desce as escadas e vai para a
cozinha. Sorrio quando ele me
coloca de pé e me senta na
bancada.

— O que podemos fazer para
comer, mulher?

— Não vamos fazer bagunça.
Podemos ir para o The Diner.

— O que é isso?

— The Diner. É o nome do
restaurante. — Dou de ombros. —
Eu vou todos os dias lá, para tomar
café da manhã antes de ir
trabalhar. É barato e o café de lá é
o
melhor.

E
fazem
grandes
cheeseburgers, também.

— The Diner, então.

— Você tem que mudar suas roupas, no entanto. Lá não é o tipo de lugar para se ir de terno e gravata.

— Só se você me ajudar.

— Acho que posso fazer isso. —

Sorrio maliciosamente e sei que estou em apuros. Ele rosna quando me joga por cima do ombro e se dirige em direção às escadas.

CAPÍTULO ONZE

Vamos conversar

Eu explico onde é o The Diner e fazemos toda a viagem pela cidade em um silêncio confortável.

Sua mão atravessa o console de sua elegante BMW e reivindica um lugar na minha coxa. Ele me olha e a aperta enquanto sorri, expondo seus dentes brancos perolados.

Esse simples gesto derrete com sucesso o meu coração indiferente.

Damon mexe comigo de uma forma

que

eu

não

consigo

pensar

coerentemente a respeito. Sou mal-

humorada, mas até que estou me

divertindo. Eu não me sinto tão

sozinha com ele. Sinto como se eu

pertencesse a algum lugar, com

alguém. E isso é uma revelação na

droga do meu mundo.

Ele estaciona bem em frente,

salta e caminha para o meu lado do

carro, para abrir a minha porta.

Alguém me belisque. Ele tem que

estar brincando. Ninguém nunca

abriu

as

portas

para

mim.

Permaneço sentada, admirando o

quão incrível ele parece usando
jeans, camiseta branca justa e tênis
converse. Ele é lindo, seja de terno
e gravata ou com roupas casuais
simples. Seus entusiasmados olhos
cor âmbar parecem brilhar ao sol e
seu cabelo grosso e escuro esvoaça
na brisa leve.

— Você vai sair ou devo trazer
sua comida para o carro?

Desvio o meu olhar fixo e saio.

—

Desculpe,

eu

estava

apreciando a vista.

Ele segura minha mão e
entrelaça nossos dedos. Eu congelo
e ele me puxa para perto.

— Isto é o que os casais
fazem. Eles dão as mãos. Almoçam
juntos. Você irá se acostumar com
isso. — Ele aperta a minha mão.

Entramos no The Diner e

aponto para minha cabine habitual.

Nós deslizamos no banco gasto e
eu aceno para Noni. Ela pega meu
gesto com o canto do olho,
enquanto coloca gelo em um copo,
e vejo quando seu queixo cai. Sim,
Noni, eu trouxe um homem comigo.

Ela saca o bloco de pedidos e o
lápiz e quase vem correndo em
nossa direção.

—

Oi,

Noni

—

digo

casualmente.

— Oi, boneca. — Ela olha para
Damon e o encara. Que diabos,
Noni? Ele é um pouco jovem para
você. Noni deve estar na casa dos
cinquenta, mas acho que ela
poderia ser um puma. Eu não
duvido. Ela é uma bela mulher de
meia-idade. Seu cabelo castanho

escuro

está

generosamente

grisalho, mas lhe cai muito bem.

Pés de galinha emolduram a área em volta de seus olhos castanhos amendoados, mas no geral, ela envelheceu graciosamente, o que é realmente alguma coisa para uma mulher que trabalhou duro como garçonete durante toda a sua vida adulta.

— Noni, este é meu...

—

Namorado

—

Damon

interrompe, estendendo o braço para a frente. Noni aceita e eles se cumprimentam.

— Damon, esta é Noni. Nos vemos tanto quanto eu vejo Sutton.

— Damon Cole. É um prazer conhecer a pessoa que alimenta

minha mulher no café da manhã. —

Damon pisca para ela, mostrando
seu sorriso encantador.

Reviro os olhos, enquanto
assisto o rosto de Noni perder a cor
e suas mãos tremerem. Sério? Meu
Deus... controle-a.

—

Damon

Cole

—

ela
murmura. Minha nossa, isso é
embaraçoso.

— Ótimo, então — eu digo,
fingindo
entusiasmo
enquanto
tamborilo os dedos em cima da
mesa.

—

Agora

que

as

apresentações foram feitas... estou morrendo de fome, e você? — Olho para Damon.

— Vou querer o mesmo que você. — Homem esperto.

— Ótimo, boa pedida. Então serão dois cheeseburgers com bacon, um duplo para o carinha aqui, com alface, tomate e cebola, tudo picadinho, e maionese para mim, e...

—
Arqueio

uma sobancelha para Damon.

— Mostarda — ele acrescenta.

— Mostarda para ele, duas porções de fritas e duas águas. Sem limão. — Encerro nosso pedido com um sorriso e Noni vai embora, ainda escrevendo.

— Há quanto tempo você vem aqui?

Eu respiro fundo e penso no
passado.

— Desde que comecei a
trabalhar na livraria, então... há
sete anos, acho.

Ele assente.

— Lugar agradável.

— Então, o que você queria
conversar comigo?

Ele começa a abrir a boca, mas
é cortado pelo meu maldito celular.

Pego o telefone e vejo o nome de
Sutton na tela. Puta merda, o
velhote é o único que sempre me
liga. Isso prova o quão medíocre
minha vida realmente é. Era. Tanto
faz. Deslizo meu polegar sobre a
tela e atendo.

— O que é, Capitão? — Olho
para Damon e o vejo franzir os
lábios e apertar a ponta do nariz. O
que foi dessa vez?

— Você já conversou com seu
namorado?

Faço uma carranca pelo seu
tom.

— Ele não é meu namorado! —
disparo no telefone. Olho de
relance para Damon. Ele está puto.
Que se dane. Seus olhos estreitam
em mim e me sinto presa na
cadeira. Preciso desligar o telefone
e explicar.

— Bem, se ele ainda não é seu
namorado, será quando eu te disser
que foi ele quem comprou a loja.
Esse homem parece estar decidido
a impressionar você, MISS EUA.

— Te ligo de volta — murmuro
e deligo rapidamente.

— Não sou seu namorado, é?

Eu

o

encaro

inexpressivamente. Não sei nem o
que diabos fazer com o que Sutton
disse

sobre

Damon

ser

o

comprador. Por que ele faria isso?

Nem sei o que dizer a ele. Noni

interrompe nossa silenciosa troca

de olhares, coloca nossos pratos na

mesa e quase tropeça nos próprios

pés, tentando se afastar de nós.

— Você comprou a loja?

Ele olha por cima de sua

comida.

— Conversaremos sobre isso

quando voltarmos para a minha

casa. — Sua voz é firme e

intimidante.

Devo ter realmente irritado-o.

Mas continuo de qualquer maneira.

— Não, eu quero conversar

sobre isso agora.

Ele fecha os olhos e respira

fundo. Quando os abre, seu olhar

me queima por dentro.

— Não. Vamos discutir isso

quando voltarmos, Josephine. — Ele
acena dois dedos no ar para pedir a
Noni para fechar a conta e, quando
ela entrega a ele, traz duas caixas
para
viagem.

Ele
coloca
as
refeições dentro e joga uma nota
de cem dólares sobre a mesa,
desliza para fora da mesa e me
arrasta em direção ao carro.

Nossa viagem de volta é
silenciosa, mas longe de ser
confortável. Quando entramos no
elevador,

ele
enfia

o
dedo
furiosamente no painel. Por que
diabos ele está tão calado? Preciso
explicar por que eu disse aquilo a

Sutton e ele precisa explicar o que
está acontecendo com a loja. O
elevador para e as portas se abrem.
Ele ainda não disse uma palavra.
Ele toma minha mão e me puxa.
Então, abre a porta da frente e me
puxa atrás dele. Tento me afastar,
mas seu agarre é apertado.
Gostaria que ele apenas parasse e
disse alguma coisa. O silêncio é
enervante.

— Você não vai dizer nada? O
que está acontecendo?

— Amor, estou prestes a te
contar tudo o que você precisa
saber. Confie em mim. — Estou
sendo arrastada pela escada tão
rápido,
que
meus
pés
mal
conseguem
acompanhá-lo.

Entramos na biblioteca e fico ainda mais confusa. Sério que vamos nos sentar e discutir sobre as coisas na porra da biblioteca, como dois colegas de trabalho?

— Tire suas roupas, Josephine

— ele ordena em voz baixa,
exigente.

— O quê? — Franzo minhas
sobrancelhas.

— Tire suas roupas ou eu vou
tirá-las para você, mas duvido que
elas sirvam depois que eu terminar.

Fico

congelada

no

lugar,

chocada e confusa com suas
palavras. Eu não entendo por que
ele apenas não fala sobre essa
merda.

— Muito bem — ele bufa e dá
passadas largas, parando na minha
frente. Ele agarra o tecido delicado
da minha túnica azul marinho e a
rasga.

— Minha blusa! — suspiro.

Suas mãos vão para a barra da
minha camiseta e ele a rasga

também. Que porra é essa? Suas
mãos destrutivas vão para o cóis do
meu short e ele também é rasgado!
Porra! Sou deixada de calcinha e
sutiã diante dele.

— Conversar parece muito
mais produtivo do que rasgar
roupas, você não acha? — falo
entre dentes.

—

Pronta
para
falar,
Josephine?

O quê? Estou tão confusa.

Franzo as sobrancelhas novamente
e começo a balançar a cabeça.

— Vamos conversar, amor —
ele ronrona no meu ouvido.

Oh, merda. Meu estômago vira
e agita quando entendo o que ele
tem a intenção de fazer. Não posso
dizer que eu não quero isso. Eu
poderia ter um, dois ou até três

orgasmos.

Ele

abre

meu

sutiã

e

facilmente o retira, jogando-o no chão. A renda delicada da minha calcinha não é páreo para a sua força bruta. Ele a destrói com um puxão forte.

— Agora podemos conversar.

Não consigo dizer nada. Estou sem palavras e excitada por este incrível homem de muitas faces. Seus dedos tocam de leve meu cotovelo e me guiam para trás de uma das enormes cadeiras aveludadas.

— Inclina-se e prepare-se, amor.

Preparar-me para quê? Minhas
mãos ficam trêmulas e me inclino
para frente, sobre a cadeira,
conforme instruído. Espreito por
cima do ombro e o vejo tirar as
roupas. Meu núcleo aperta em
antecipação. O calor entre minhas
pernas queima como fogo ardente
enquanto
minha
excitação
se

constrói. Sua grande mão pousa na
parte de trás do meu pescoço e dá
um breve aperto, antes de deslizar
na direção da minha espinha. Um
dedo desliza entre as bochechas da
minha bunda e persiste, deslizando
para baixo, na costura da minha
abertura. Fecho os olhos e me
deleito com a sensação de seu
toque. O rasgar do papel alumínio
chama a minha atenção e fico
contente que a discussão sobre o

preservativo tenha sido guardada para um outro momento. A cabeça de sua ereção cutuca a minha abertura. Ele cuidadosamente e delicadamente orienta a ponta para dentro. Suspiro profundamente em antecipação. Ele avança, mas só um pouco.

— Quem é você, Josephine? — ele pergunta, com a voz ainda calma, mas cheia de sensualidade. Percebo que ele está jogando.

— Sou sua namorada — eu respondo, me sentindo um pouco orgulhosa.

— Se você é minha namorada, então o que eu sou, Josephine? — ele enfatiza sua sentença e me enche com todo o seu comprimento, de uma só vez.

Suspiro e involuntariamente fico na
ponta dos pés. Suas mãos fortes
seguram meus quadris com força e
me esforço para respirar. Ele retira
lentamente.

— Diga-me.

Mais uma vez, ele golpeia em
mim, roubando meu fôlego da
maneira mais deliciosa. Meu corpo
aperta de prazer.

— Meu namorado — minha voz
sai fraca e ofegante.

— Diga isso de novo — ele
ordena.

Obedeço quando recebo outra
estocada forte.

— Ah! Meu namorado.

Ele recua e avança de novo. A
cabeça do pau batendo nas minhas
partes mais profundas, enviando
pequenas
dores
requintadas
através do meu ventre.

— De novo. — Ele respira

ofegante.

— Meu namorado! — eu grito.

Sua velocidade aumenta e ele

me leva ao clímax num instante.

Uma das mãos sai do meu quadril e

massageia meu seio. Ele geme em

apreciação. Sinto seu corpo retesar

quando seu orgasmo se aproxima

junto com o meu. Arquejo e começo

a ver um borrão. Meu estômago

aperta. Meu canal contrai, sugando

seu pênis perfeito. Uma descarga

elétrica de prazer cru rasga em

minhas veias enquanto o orgasmo

me consome. Ele para, enterrado

profundamente, e estremece; um

gemido gutural ressoa através de

seu peito. Seus dedos afundam na

minha carne, enquanto nossos

corpos são submetidos, em perfeita

sincronia, a um êxtase de tirar o

fôlego. Ele descansa sua testa nas

minhas costas, retira-se de dentro

de mim e me coloca de pé, de
frente para ele.

— Eu não quis dizer aquilo —
digo rapidamente. — Eu só disse
por causa de Sutton. Não quero
ouvir qualquer piadinha dele.

— Eu nunca te negaria. Por
favor, não me negue.

Oh, meu Deus, agora estou me
sentindo

como

uma

completa

babaca. Ele parece magoado e a

culpa é minha. Que importância

tem se Sutton souber? Posso lidar

com aquele velho bundão. Nem tem

como

eu

esconder

o

meu

relacionamento com Damon para

sempre.

— Por que você comprou a
loja? Vai transformá-la em algum
bar ou algo do tipo?

— Olhe ao seu redor — ele
ordena.

Eu obedeco. Olho por toda a
biblioteca. Por todas as fileiras e
fileiras de livros ao meu redor.

Volto meu olhar para ele e ergo
uma sobrancelha. Então, o que ele
quer que eu veja?

— Os livros são o que você
ama. Eles são o que você conhece.
Obviamente, são a sua paixão. Não
quero que você perca isso; você já
perdeu o suficiente. — Sua voz é
baixa e suave em meu ouvido.

Meu coração aperta e dói no
meu
peito.

Sinto
lágrimas
ameaçando cair.

— O quê? — sussurro, mal

conseguindo

pronunciar

as

palavras.

Aqueles olhos cor de mel

penetram em mim. Ele agarra meu

ombro com uma das mãos e passa

as costas da outra no meu queixo.

— Você já perdeu o suficiente.

Eu comprei a loja para você. Quero

que você a administre. Está nas

suas mãos agora.

— Você não a comprou

achando que pode ter qualquer tipo

de controle sobre mim?

O canto de seus lábios se

eleva em um pequeno sorriso.

— Eu estaria mentindo se

dissesse que a compra da loja não

me beneficiou de alguma forma. —

Seus ombros largos sobem e

descem enquanto ele encolhe os

ombros. — Mas percebi que esse é

o caminho para o coração da minha

mulher. Então, comprei o lugar.

Sem hesitar, envolvo meus
braços em sua cintura e respiro um
suspiro profundo de alívio.

— Eu... eu...

— Shh. — Ele levanta um dedo
e o pressiona nos meus lábios, me
silenciando. — Eu disse que ia dar o
que você merece. Deixe-me te
mostrar isso. — Ele se inclina,
envolve minha cintura e tira meus
pés do chão, me puxando com força
contra seu peito definido e nos
conduz pelo largo corredor, para o
quarto.

Sinto-me como se estivesse
em algum tipo de torpor eufórico e
tenho que admitir que nunca me
senti tão sortuda na vida. Não
parece como se tivéssemos nos
conhecido ontem. Sua generosidade
não parece uma caridade. Parece
como... algo bom, verdadeiro e
belo, e é meu enquanto eu aceitar

o que ele oferece. Não posso recusar. Não em meu juízo perfeito.

CAPÍTULO DOZE

Algo para se orgulhar

— Não entendo. Por que eu?

Você é bom demais para uma pessoa como eu.

Ele me abaixa na cama e sobe por cima de mim, para deitar ao meu lado, envolvendo os braços em volta do meu corpo nu e me puxando para seu peito. Está se tornando, rapidamente, o meu lugar favorito no mundo. Me sinto segura aqui. Me sinto... bem em estar aqui. Exatamente aqui, em seus braços. Isso é tão confuso. Espreito por cima do meu ombro para Damon e vejo seu olhar queimando em mim.

— Não consigo explicar. Eu te vi... e tudo se encaixou, pela primeira vez na minha vida. Sinto

como se agora eu respirasse. Você é que é boa demais para alguém como eu. Não te mereço. Acredite em mim.

Por que ele disse isso? Mesmo ouvindo tudo o que ele disse, sinto dor por ele. Viro-me em seus braços para encará-lo.

— Você... você é incrível em todos os sentidos! Como poderia achar que não me merece? Só espero que, por algum milagre, eu realmente possa ser o que você pensa que sou.

— Sei que estou certo sobre você. Sinto isso. Minha intuição nunca falha.

— Você é meio arrogante e muito mandão, gostoso

—
pondero
provocativamente.

Ele

ergue uma sobrancelha e dá um sorriso torto de derreter calcinha.

Porra, estou em apuros. Como é que a minha calcinha não entrou
combustão

espontânea

ainda??

Nunca imaginei que pudesse me sentir tão feliz ao lado de alguém.

Eu poderia facilmente me apaixonar por ele. Minha nossa, talvez eu já esteja.

Seus

dedos

deslizam

até

minhas costelas, em seguida, me fazem cócegas nas axilas.

— Paraaaaaaaaaaaaa! — grito como um animal ferido e me debato.

— Ah, minha Josephine não aguenta cócegas — ele brinca e

continua. Eu contorço-me e bato nele.

— Por favorrrrrr! — eu grito.

Suas mãos deixam minhas axilas, conforme ele eleva seu enorme corpo e passa uma perna em cima de mim, me rolando de costas. Então, monta em cima de mim e puxa meus braços acima da minha cabeça,

me

mantendo

imóvel com facilidade. Meu sorriso desvanece quando olho para cima, naquelas fumegantes poças de mel.

Gosto de estar aqui. Divirto-me com ele. Não sei mais como ficar sem ele. E se isso não der em nada? E se acabar?

— O que há de errado? — Um profundo vinco marca sua testa, mostrando preocupação evidente.

Suspiro

e

pigarreio

para

confessar meus receios. Sinto que
posso e devo conversar com ele
sobre isso.

— Estou com medo — admito
o meu receio honestamente e vejo
quando ele franze os lábios. —
Estou apavorada de me apegar a
você; ficarei destruída se alguma
coisa acontecer a nós ou a você.
Não tenho condições de perder
mais nada. Eu não sobreviveria. —
Não faço contato visual, e isso me
faz admitir minhas preocupações
particulares mais facilmente.

— Olhe pra mim — ele exige.

Direciono meu olhar para o
dele sem hesitação. Ele libera meus
braços e os traz para baixo,
pressionando minhas mãos em seu
peito nu. Sua pele é quente e
bronzada; seus músculos ondulam

e
salientam
quando
ele
se
movimenta
ou
fala.
Ele
é
inebriante. Eu não poderia sonhar
com um homem mais bonito. Ele
segura minhas mãos no lugar,
contra seu peito, enquanto nossos
olhares se prendem.
— Nada vai acontecer. Não
deixarei
nada
nem
ninguém
estragar isso. Você não tem
nenhum motivo para se preocupar.
Não te deixarei perder mais nada.
Você acredita em mim?

Eu acredito nele. Sei que é
completamente
estúpido,
mas,
tenho que ser honesta, algo no meu
coração me diz que acredito nele.

Concordo com a cabeça.

— Diga, Josephine — diz ele
com firmeza.

— Eu acredito em você.

Ele respira fundo e retoma a
sua posição ao meu lado.

— Que bom.

— Podemos comer agora?

Realmente

quero

o

meu

hambúrguer antes de voltar para
casa.

Seu agarre me aperta.

— Nós podemos comer, mas
você vai continuar aqui comigo.

O jeito que ele falou tem o

tom mais claro de finalidade que já
ouvi. Não posso, simplesmente,
ficar aqui o tempo todo. Tenho que
verificar meu e-mail, pagar minhas
contas, lavar roupa e outras merdas
que pessoas normais fazem em
casa.

— Não tenho escolha. Tenho
que... alimentar meu peixe. — O
quê? De onde veio isso? Por que
estou mentindo, dizendo que tenho
um peixe? Por que é tão difícil
dizer: “não, eu tenho que ir para
casa porque tenho coisas para
fazer”? Gemo internamente pela
minha
mentira
e
falta
de
capacidade de me separar dele.
Estou tão fodida...

— Ah, é, você tem peixe? —

Ele soa cético. Ele não é idiota; ele

sabe que eu não tenho a porra de
um peixe, ou de um cão ou gato, ou
qualquer outra coisa que precisa de
alimento, amor e atenção.

—

Tenho.

Um

desses

baratinhos que vivem num aquário
pequeno de vidro.

Ele me rola de costas para
encará-lo e me encolho um pouco
por dentro; sei que ele sabe que
estou mentindo.

— Qual é o nome dele?

Desvio o meu olhar quanto
tento arrumar um nome. Merda.

Merda. Merda.

— É... hum... eu o chamo
apenas de Peixe. — Dou de ombros
e finjo descascar minha unha. Que
confusão. Não sou mentirosa e,
aparentemente, deveria me recusar
a mentir para Damon. Dou uma

olhada e vejo o sorriso malicioso
em seu rosto.

— Ok, tudo bem. Vou com
você. — Ele me libera e levanta da
cama.

Observo sua bunda deliciosa
enquanto ele caminha em direção
ao closet. Merda. Ele não pode ir
comigo. Vai querer saber onde está
o maldito peixe. Ele não vai aceitar
“não” como resposta. Tenho que
achar um jeito. Saio da cama e me
junto a ele no closet, e ele não para
de me olhar enquanto começo a
vasculhar minha, recém-adquirida,
coleção de calcinhas. Pego um fio
dental azul de renda e o visto.

Porra, ficou perfeito. Damon vem
até mim e para próximo à minha
bunda enquanto escolho um sutiã.
Suas mãos me alcançam e seguram
meus seios enquanto ele rola cada
um dos meus mamilos entre o
indicador e o polegar, deixando-os

duros. Fecho os olhos e recosto a
cabeça em seu peito.

Seus lábios tocam de leve o
meu ouvido.

— Você é uma mentirosa de
merda, amor.

Suspiro com a declaração
quando ele belisca um pouco mais
forte ambos os mamilos. Seu peito
treme por causa da risada. Imbecil.
Zombo dele e suas mãos caem dos
meus seios. Ele está caindo na
gargalhada agora.

— Ei! Cala essa boca! — Visto
o sutiã e me viro para ele. Sua mão
segura o abdome tanquinho de
tanto que ele ri. Coloco as mãos
nos quadris e faço uma carranca —
Já acabou o show? — disparo.

Ele continua rindo feito um
doido.

— Um peixe? Quer dizer, de
verdade? Amor, saiba que você é
uma mentirosa de merda. Porra,

isso foi engraçado. — Ele se
acalma, respira fundo e dá um
passo na minha direção com os
braços estendidos.

Não vou abraçá-lo. Bobo.

Desvio

dele

e

continuo

me

vestindo.

— Ah, qual é, não fica
emburrada. Está tudo bem. Eu
entendi. Você precisa ir até a sua
casa, mas eu quero que você fique
comigo tanto quanto possível.

— Tudo bem. — Bufo de raiva.

— Além disso, você precisa
dormir aqui essa noite. Tenho uma
surpresa para você amanhã de
manhã bem cedo.

Eu giro para encará-lo. Ele é
lindo até só de cueca boxer.

— Amanhã é domingo; o que

poderíamos fazer de manhã bem cedo?

— Não entendeu ainda que é surpresa, gatinha linda?

Reviro os olhos. Ele está alegre demais desde que concordei em namorar com ele e acho que estar alegre significa também que ele é bem espertinho.

— Tá, que seja. Vamos. Tenho contas para pagar, e-mail para verificar e tenho certeza de que a minha

lata

de

lixo

cheira

magnificamente. — Coloco uma blusa de algodão de manga cavada e um jeans e dou uma rodadinha em frente ao enorme espelho.

Cacete, minha bunda ficou um espetáculo nessa calça. Tenho que concordar com Brian. Os gays,

aparentemente, têm uma ótima
noção de moda.

Damon dá uma palmada na
minha bunda; sem dúvida ele está
pensando a mesma coisa que eu.

— Preciso dar um aumento
para o Brian — ele resmunga para
si. Dou uma risada silenciosa. Ele
gosta da minha bunda. Homens e
sua obsessão por bundas. — Vamos
lá, amor. Quanto mais rápido
chegarmos

lá,
mais
rápido

voltamos. Vamos.

Sorrio e pego sua mão. Eu,
particularmente, não aprecio a ideia
de voltar para a minha espelunca,
mas tenho que ir. Já estou fora de
casa há muito tempo. Sei que ele
me quer aqui esta noite e,
honestamente, eu também. Já
estou envolvida. E quem não

estaria? Ele é o homem dos sonhos
de qualquer mulher. Todas ficariam
loucas por ele. Eu não sou
diferente.

Enfio a chave na fechadura,
abro a porta e sou imediatamente
recebida pelo cheiro repugnante da
sobra da salada de atum que joguei
fora há dois dias.

— Puta que pariu, que fedor! É
o atum! — Corro até a lixeira,
arranco o saco, dou rapidamente
um nó e o arremesso para fora,
pela porta de entrada. Vou jogar
essa merda azeda na lixeira quando
formos embora.

— Oh, merda, por favor, abra
as janelas. — Damon caminha pela
minha
espelunca,
abrindo
as
janelas que ele encontra pela
frente.

— Nossa, que nojo. Tem um peixe morto na lata ou o quê? — Eu o vejo sufocar a risada às minhas custas e o encaro.

— Aham, muito engraçado — digo sem rodeios. Movimento-me pela minha casa, arrumando por alto a bagunça que encontro pelo caminho. Pego Damon observando cada movimento meu. Checo minha correspondência e rasgo a maioria, já que tudo o que costumo receber é lixo. Abro a minha conta de luz e quase caio quando Damon me gira e tira a pilha de contas da minha mão. — Ei! Isso é particular! — Tento pegar de volta, mas ele as segura fora do meu alcance. — O que você está fazendo? Devolva minhas correspondências! — Droga! É melhor ele não abrir todas. Ou então verá o quão atrasada estou com os pagamentos da conta de celular e luz e... vou morrer de

vergonha.

Ele abre o meu condomínio.

Estou mortificada. Sinto a porra do meu orgulho morrer e secar aos meus pés. Viro-me e caminho na direção do meu sofá vagabundo.

Sento e meus ombros caem em derrota. Posso ouvi-lo folheando minha correspondência e só quero cavar um buraco e morrer. Estou atrasada com praticamente todas as contas, pois meus dois últimos contracheques foram para o lixo.

Eu, literalmente, os rasguei e joguei fora. Sabia que Sutton não tinha dinheiro para me pagar, e a loja é realmente a minha paixão, então pensei que, já que ele não está recebendo um centavo, eu também não deveria receber. Foi um sacrifício que fiz na esperança de ganhar mais tempo e, quem sabe, talvez, salvar a loja. Fiquei com as contas atrasadas no processo.

Fracassei em tudo.

Ele contorna o sofá e senta ao meu lado. Cruzo meus braços sobre os joelhos e me inclino para frente para esconder o rosto no colo. Sua grande mão vai para as minhas costas e esfrega pequenos círculos entre meus ombros.

— O que mais está atrasado?

Suspiro, mas sei que ele não vai me deixar mentir.

— Algumas coisas — respondo com o rosto enterrado no colo e o som sai abafado.

— A loja?

Ele, aparentemente, já me conhece bem. Nunca fui tão transparente com qualquer outra pessoa. Essa abertura e merda emocional são tão fora da minha zona de conforto.

—

Sim

—

admito

com

relutância. — Sutton não retirou um

centavo recentemente porque a

loja realmente não pode pagar. Eu

sabia que ele não tinha dinheiro,

então não descontei meus dois

últimos contracheques.

— Você não vai mais se

preocupar

com

nada

disso,

entendeu?

Ergo

minha

cabeça

rapidamente.

— O quê? Você não vai pagar

minhas contas atrasadas, Damon!

Eu ainda tenho um pouco de

orgulho.

Seu olhar sério e mandíbula

travada me dizem que estou

prestes a lutar contra isso também.

Droga! Não consigo ganhar nada com ele.

— Eu também, e minha mulher

se

preocupando

com

dinheiro

quando tenho muito, não é algo

que eu possa me orgulhar. Vou

cuidar das suas finanças. Fim de

discussão.

E aí está. Batalha perdida.

Ótimo.

— Está bem. — Não consigo

nem olhá-lo nos olhos. Isso é um

novo nível para mim. Ninguém

nunca pagou minhas contas. Sinto-

me uma completa fracassada.

— Ei, não se atreva a sentir

vergonha. O que você fez, deixando

seu dinheiro para o Sutton, é

admirável. A maioria das pessoas

são egoístas demais para fazer uma

coisa dessas. Você está cuidando do Sutton e da loja. Você é uma mulher incrível, quer perceba isso ou não.

Oh, não... por favor, de novo não. Lágrimas. Mais uma vez. Qual é o meu problema? Meu lábio treme e eu posso senti-las chegando.

— Só não queria ver a loja fechar. Tentei de tudo. Juro que tentei. — Enxugo as lágrimas que deslizam pelo meu rosto. Tento desviar o olhar de Damon, mas ele não me permite. Sua mão segura meu queixo e me obriga a olhar para ele, com lágrimas e tudo. Perfeito. Tenho menos orgulho e dignidade a cada minuto.

— Vamos colocar tudo nos eixos a partir de amanhã. Não se preocupe mais.

Limpo o meu rosto e respiro fundo. Me inclino para ele e o beijo com tudo o que tenho. Quero que

ele saiba que sou muito grata a ele.

Não sei como tenho tanta sorte e sou muito cética em relação a isso, mas estou feliz por tê-lo mesmo assim. Posso até não ser capaz de me orgulhar da minha vida, mas estou muito orgulhosa de dizer que, pela primeira vez, tenho algo para chamar de meu. Tenho algo que sinto que posso confiar. Tenho Damon. Ser dele é algo que eu posso me orgulhar, e eu estou orgulhosa.

CAPÍTULO TREZE

Aperitivo

No momento em que terminamos de cuidar das coisas na minha casa, era hora de jantar. No caminho de volta para a casa dele, eu me ofereço para cozinhar e ele

fica feliz por me ter de volta em sua
cozinha. Acho que o pobre coitado
gostou
da
caçarola
de
cheeseburger.

— Temos que parar no
mercado.

Preciso

de

alguns

ingredientes que você não tem. Eu
já olhei.

— Certo, que mercado? —

pergunta ele, de um jeito tão

genuíno que quase me sinto mal

por rir.

Olho para ele e um bufo me

escapa quando tento disfarçar a

vontade de gargalhar. Ele, de fato,

não sabe nada sobre fazer compras,

né?

—

Supermercado,

Damon.

Sabe, aquele lugar onde se vende
comida — eu ironizo.

Ele desvia o olhar da estrada
por um segundo e me encara. O
que só reforça a minha diversão.

— Você não sabe comprar um
mantimento, não é?

Ele me olha com aquele
mesmo olhar acanhado que sempre
me encanta.

— Ah, você não sabe. O meu
elegante e amante gostosão não
sabe como se compra mantimentos no
mercado, né mesmo? — digo com uma
voz ridícula de criancinha.

— O caralho que eu não sei
comprar mantimentos.

— Mhmm, é óbvio que sabe.

Então,

entre

no

próximo

supermercado

que

encontrar...

gostoso.

—

Rio

baixinho

novamente.

— Deixa comigo. Vou te
mostrar o quão gostoso eu sou
quando voltarmos, engraçadinha.

Meu estômago revira. Bem, na
verdade, vibra de emoção pela
ameaça. Sei que ele cumprirá o que
disse e agora estou ansiosa para
comprar logo o que preciso e ir
embora!

— Promessas, promessas...

Ele

entra

em

um

estacionamento de supermercado e
encontra uma vaga. Assim que ele

abre a porta e eu saio, recebo uma palmada forte na bunda e grito, ali mesmo no estacionamento.

— Continue me provocando, amor. Amanhã você não será capaz de andar.

Minha nossa! Meu estômago foi de uma simples vibração a uma reviravolta alucinante e agora sinto o desejo de encorajá-lo. Ele pega minha mão e entrelaça nossos dedos. É uma sensação gostosa, como se fizéssemos isso há um milhão de anos e fosse apenas uma parte de quem eu sou. Ele está certo quando diz que, quando me viu, sentiu como se estivesse começando a respirar. Faz parecer que respirar, viver e todas as coisas boas estão certas no mundo; parece a realização de um sonho e morro de medo de acordar.

Caminhamos pelos corredores e pego as coisas que precisarei

para fazer o nosso jantar.

— O que você vai cozinhar? —

ele pergunta, colocando diversos itens no carrinho de compras. Ele parece uma criança numa loja de doces.

— Filé de frango à Cordon

Bleu. Meu pai fazia muito, mas nunca teve a chance de me ensinar, então aprendi sozinha. Tento fazer igual ao dele. Acho que chego bem próximo.

— Ah.

Ah? Sério? Sem piruetas para o meu Cordon Bleu especial? Droga.

Acho

que

meu

homem

tem

preferências

por

mulheres

e

comidas simples. Sorrio por dentro e continuamos caminhando pelo mercado. Assim que pegamos todas as coisas que preciso e Damon paga, voltamos para a cobertura para que eu possa fazer o jantar. Inspecciono todos os aparelhos, engenhocas e panelas. Essa cozinha é realmente um sonho; eu poderia cozinhar aqui todos os dias.

— Ei, posso cozinhar aqui todos os dias? — medito em voz alta.

— Você quer vir pra cá todos os dias?

Oh, merda. Que vergonha. Ele me quer aqui todos os dias? Não quero que nenhum de nós tenha o espaço pessoal invadido.

— Porque se fosse por mim...

— Damon contorna a ilha, no meio da cozinha, e caminha na minha direção, o conflito estampado em seu lindo rosto — eu te manteria

aqui o tempo todo. Seja como
minha mulher ou minha prisioneira,
isso não importa. Ainda assim te
manteria. Bem. Aqui. — Ele
tamborila um dedo na bancada e
minhas sobrancelhas se erguem,
em confusão. Ele não faria isso!
Espere. Provavelmente sim.

— Você faria isso, né?

Um sorriso maroto aparece em
seus lábios e ele me agarra pela
cintura e me coloca em cima do
balcão.

— Você está aprendendo
rápido, meu amor.

Adoro ouvir quando ele fala
assim.

— Eu amo isso — sussurro
ofegante, seus dedos deslizando
levemente dentro da minha coxa.
Meu corpo responde ao seu toque
rapidamente, e sinto o calor da
minha excitação por ele deixar
minha carne escorregadia.

— Você ama o quê?

Sei

que

ele

está

me

provocando, mas me derreto toda

com o toque magistral de suas

mãos trabalhando meu corpo.

— Quando você me chama de

amor. — Meus olhos rolam para

trás quando as pontas dos dedos

exploram mais acima da minha

coxa, perto da junção entre as

minhas pernas. Inalo bruscamente

quando suas mãos vão para trás de

ambos os joelhos, me abrindo mais

amplamente para acomodar seus

quadris.

— Diga isso de novo.

Eu posso sentir sua respiração

quente no meu rosto e meu corpo

cantarola em resposta ao seu

toque, sua voz e seu cheiro. Estou

completamente à sua mercê e
adoro.

— Amo quando você me
chama de amor — repito.

Seus dedos brincam no meu
centro vibrante e deslizam para
baixo do meu short.

— Posso sentir o quanto você
gosta. — Seu polegar começa a
esfregar
pequenos
círculos,
lentamente, no meu clitóris e gemo
quando minha cabeça tomba para
frente, e descansa em seu ombro
musculoso. — Diga-me por que
você gosta quando eu te chamo de
amor.

Eu não consigo pensar, só
sentir. Sinto o cheiro dele e a
sensação.

É
extasiante.

A

velocidade da fricção aumenta e
meu coração acelera.

— Ah... eu só... gosto —
gaguejo.

Seus movimentos diminuem e
me sinto frustrada.

— Uh-uh. Diga-me.

Droga! Ele vai me torturar até
que eu diga.

— E... eu não sei! Eu só gosto.

Seus movimentos diminuem
ainda mais e quero chorar e bater
nele, tudo ao mesmo tempo.

— Diga-me, Josephine — ele
rosna em meu ouvido.

— Porque isso me faz sentir
como se eu fosse realmente sua! —
choramingo.

— Não se esqueça disso
também — ele ruge quando me
empurra para trás, me deitando no
balcão. Minhas costas atingem a
superfície de granito com um
baque. Nem sei como, mas, quando

me dou conta, estou sem meu short
e calcinha, e a boca inspiradora de
Damon está em minha boceta
negligenciada.

— Oh, meu Deus, oh, Damon

— eu gemo. Minha cabeça rola de
um lado para o outro e a sua
pecaminosa língua desliza dentro e
fora, para cima e para baixo. Nunca
gozei tão rápido. Sinto meu
estômago
comprimir.

Minhas

bochechas parecem que estão
pegando fogo. Minhas extremidades
estão zumbindo com uma sensação
de formigamento que viaja por todo
o meu corpo. — Ah! Damon! —
grito seu nome e vejo estrelas.

Convulsiono sem parar em cima do
balcão.

Estremeço

e

tremo

enquanto puro prazer rola através
de mim.

Damon fica em pé de sua
posição agachada entre as minhas
coxas, com um impertinente sorriso
no rosto.

— Nem pense em se gabar,
cara!

— Só diga mais uma vez. Por
favor, amor — ele ronrona e ele dá
o recado. Eu sou patética.

— Isso me faz sentir como se
eu fosse realmente sua.

— De quem? — ele provoca.

— Sua — murmuro.

— Mais uma vez. De quem? —

Ele coloca um dedo atrás da orelha
para zombar que não está ouvindo.

—

Sua.

Agora

cai

fora,

gostoso.

Ele ri e, em seguida, pressiona
seus lábios carnudos nos meus. Eu
mal o beijo e ele resmunga pela
minha revolta.

— É melhor você me beijar,
mulher.

— Não! Não é justo como você
me manipula. — Faço beicinho
como uma criança mimada e
mascaro a minha melhor carinha
triste.

— Vamos, mulher. Pare de
fazer beicinho e faça o meu jantar.
Exatamente assim como você está
agora.

— Pensei que você tivesse
acabado de jantar — atiro como se
fosse um campeonato de jogo de
sedução.

Ele
pisca
e
minha
tendência sabichona se evaporar no

ar. Puta merda. Ele é tão bom
nesse jogo. Suspiro profundamente
e limpo o balcão, onde ele teve o
seu... aperitivo. Volto a preparar o
nosso jantar, nua da cintura para
baixo. Quando termino de colocar
nossa comida no prato, exijo vestir
minha calcinha enquanto janto.

Comer

uma

refeição

quente

enquanto minha parte de baixo
está sem roupa é quase... perigoso.

Damon viu o meu jeito quando eu
mencionei as consequências de
uma vagina queimada.

Corto no meu prato um pedaço
de Cordon Bleu e encho a boca. Está
de matar, assim como meu pai
costumava fazer. Damon dá a
primeira
mordida

e

mastiga

lentamente. Espero que ele goste.

— Isso está incrível. Você é
uma cozinheira fantástica.

Seu elogio me deixa radiante
como uma adolescente apaixonada.

— Eu gostaria de ter podido
conhecer seus pais. — Ele olha para
o prato e rola a haste do garfo
entre o indicador e o polegar,
fazendo com que os dentes do
garfo girem.

— Eu também gostaria que
você os tivesse conhecido — eu
admito. De verdade. Eu gostaria
que eles pudessem ter conhecido
esse homem lindo que está se
enraizando tão facilmente em meu
coração. Gostaria que pudéssemos
ter aqueles malditos jantares de
família aos domingos, que a
maioria das pessoas teme. Eu
mataria para ter uma noite de
carteado em família, na qual nos

reuniríamos

para

jogar

com

dinheiro falso. Desejo que eu não fosse tão fodida, então talvez eu me permitiria ter marido e filhos...

Desligo-me rapidamente dos meus pensamentos

estúpidos

quando

sinto formar um nó na garganta.

Minhas emoções andam fora de controle, ultimamente. O resto do jantar passa em silêncio. Tenho a sensação de que essa merda emocional envolvendo família é uma zona desconhecida para nós dois.

— O jantar estava excelente.

Obrigado.

Sorrio

quando

ouço

esse

simples elogio que vai direto para o
meu coração, me dando uma
sensação
calorosa,
que
estou

começando a gostar. Bastante.

Sorrio para a pilha de pratos que
estou carregando para a máquina
de lavar. — De nada. Obrigada por
me deixar cozinhar em uma cozinha
de verdade. Eu adorei.

— Meu amor, você é a única
mulher que já cozinhou uma
refeição aqui, e, se depender de
mim, será a última.

Eu congelo no lugar e olho
para ele com os olhos arregalados.

— O quê?

Ele dá a volta no balcão e para
bruscamente ao meu lado.

— Nada. Deixe eu te levar
para a cama. — Ele tira o prato sujo

da minha mão e fecha a máquina
de lavar louça, então envolve o
braço em volta da minha cintura.
Sua mão repousa sobre meu quadril
e subimos as escadas em silêncio.
O que ele acabou de falar? A
única? O que dizer sobre isso? Eu
quero ser a única mulher que já fez
uma refeição na cozinha dele? Meu
coração está acelerado. Sinto-me
um pouco perdida.

—

Não
pense
demais,
Josephine. Eu não queria te
assustar.
Respiro
profundamente,
aliviada. Meu lado racional diz que
isso
tudo
é
completamente

estranho e está acontecendo muito rápido; afinal de contas, acabamos de nos conhecer. Ele simplesmente insinuou de eu morar aqui... ou algo assim. Mas o meu coração está feliz pra cacete. Estou tão confusa... Eu preciso dormir. O sono deve ajudar a arejar minha cabeça. Sem dizer uma palavra, ele nos leva para o banheiro e liga o chuveiro do tamanho de um lava-jato.

— Você tem um chuveiro complicado — digo, enquanto retiro a roupa e o deixo me puxar para dentro do box. Ele nos posiciona sob o spray quente e inclino a cabeça em seu peito; eu poderia muito bem cair no sono assim.

— Cansada?

—

Cansada.

Satisfeita.

Completa. E totalmente saciada.

Acho que preciso dormir um pouco.

Ele me segura em seu peito
enquanto suas mãos alcançam o
gel de banho. Ele aperta um pouco
em suas mãos e faz espuma. Então,
espalha o sabão pelo meu corpo
cansado; desfruto do cheiro do gel
e da sensação de suas mãos em
mim. Sua mão ensaboada desliza
entre
as
minhas
coxas
e
gentilmente me limpa. Estremeço
um pouco com a sensação dolorida
que ganhei pelo nosso sexo na
biblioteca.

— Dói?

— Um pouco — admito.

Ele faz um barulho baixinho de
desaprovação.

— Parece que eu preciso ter
mais cuidado com a minha mulher.

— Quem sabe... Talvez não.

Ele me olha com tanta ternura,
que me consome.

— Deixe que eu decida sobre
isso.

Dou ao meu cabelo uma
lavagem meia-boca, enquanto o
observo

ensaboar

seu

cabelo

bagunçado. Seu olhar afetuoso
permanece em mim, e observa
enquanto passo o condicionador e,
em seguida, enxaguo meu cabelo.

Sáímos do banho e nos enxugamos.

Ando com pressa para o closet para
pegar algumas roupas; sinto frio
depois de um banho fumegante.

Damon vai atrás de mim.

— Se você está com frio, amor,
eu te esquento. — Seus lábios
pousam no meu ombro e ele nos
guia, nus e úmidos, para a cama.

Ele puxa o edredom e deitamos.

Minhas costas contra seu peito. Ele envolve o seu corpo nu no meu e o calor entre nós me aquece em pouco tempo. Os arrepios vão embora e o tremor dos meus dentes cessa. Respiro fundo e me aconchego mais perto dele. Minhas pálpebras se tornam chumbo e sinto o sono me dominando.

— Eu amo isso — murmuro vagamente.

Seus braços em volta de mim apertam e os lábios beijam a borda da minha orelha.

— Espero que sim — ele sussurra e relaxo ainda mais.

CAPÍTULO CATORZE

Aprendendo a ser uma dama

— Acorde, linda.

— Uh-uh. Vá embora — eu resmungo com a cara enterrada no travesseiro. Por que ele está me acordando tão cedo num domingo?

A surpresa! Viro rapidamente para cima, na cama. Avisto-o vestindo calça e camisa social, com as mangas arregaçadas. A aparência de seu cabelo, que é a sua marca, está um aglomerado escuro de desleixo, que nenhum outro homem poderia usar de forma impecável.

Observo o rosto barbeado e resmungo baixinho. — Você se barbeou.

Ele sorri, sem dúvida se divertindo com o meu humor.

— Venha. Temos uma manhã movimentada. Muitas decisões para tomar, por isso, vamos lá, mulher, ou vou te amarrar e bater nessa sua bunda linda.

— Eu não sei. É tentador — confesso em voz alta.

Sua cabeça balança em sinal de desaprovação.

— Se você nos fizer atrasar para

esta

reunião,

eu

juro,

Josephine, você vai ficar muito mais dolorida do que já está.

Minha nossa, ele tem a capacidade de me deixar com tesão em meros dois segundos.

— Ok, tudo bem. O que vamos fazer, afinal? — Rolo para fora da luxuosa cama e, cambaleando com as pernas rígidas, vou até o closet. Sinto-o me seguir. Ando até o cabideiro e deslizo cada cabide.

— É surpresa — diz ele simplesmente.

Ótimo, uma surpresa. Com Damon, poderia ser qualquer coisa. Suspiro e puxo um vestido de verão amarelo

pálido, sem mangas e o enfio pela cabeça. Inclinando-me para a minha nova coleção de sapatos de salto, procuro outro par de anabelas. Damon observa.

— Você precisa aprender a andar de salto alto. Você é minha mulher. Iremos a festas e eventos sociais por toda a cidade, e você terá que usar saltos. Agora, coloque estes. — Ele se inclina e pega um par de saltos que me fazem estremecer.

Olho de volta para ele e revivo uma ferramenta de comunicação há muito tempo perdida: meu sorriso inocente suplicante. Usava-o com papa e tinha grande sucesso. Agora, experimento-o com Damon.

— Não! Coloque-os.

— Vou tropeçar e cair. A maioria das garotas aprende a andar de salto na adolescência. Eu nunca tive essa lição. — Tudo bem, eu sei. Golpe baixo jogar na cara os pais mortos, mas eu realmente não quero usar estes.

Seu queixo retesa e ele claramente

está

perdendo

a

paciência comigo.

— Você vai aprender agora.

Coloque. Eles. Já — ele range os dentes cerrados.

Eu os pego da mão dele com tanta relutância e desdém quanto consigo.

— Tudo bem! — eu cuspo, sento no chão, sem me preocupar em ser elegante, e enfio um pé depois do outro nos saltos de tiras.

Tenho que admitir, eles ficaram ótimos. Viro meus pés de um lado para outro e fico de pé. Uau! Eu meio que me sinto uma babaca completa.

Ele ergue uma sobrancelha e cruza os braços.

— Acho que não são tão ruins quanto você pensou.

Abro um sorriso tímido, pela

primeira vez em toda a minha
porcaria de vida. Fiz tempestade
num copo d'água. Eles não doem e
meu equilíbrio é bom. Quem foi o
filho da puta que disse que para
usar salto tem que aprender a ser
uma dama?

— Sinto-me meio idiota —
murmuro baixinho. — Eles não são
ruins. São elegantes e muito
confortáveis.

Damon sorri triunfantemente e
zombo
internamente
da
sua
arrogância descarada.

— Nada de esfregar isso na
minha cara, gostosão!

Ele assente rindo e me puxa
para abraçá-lo. Beija a minha testa
e fecho meus olhos, inalando seu
perfume. Sabonete e um pouco
apimentado. Eu gosto.

— Vamos lá. Termine de se
arrumar para comermos e irmos
para a surpresa.

Corro para o banheiro, penteio
meu cabelo e aplico a maquiagem
em questão de segundos. Não me
passa

desapercebido

que

me

dediquei mais em aplicar a minha



maquiagem. Impressionar Damon
parece

ser

minha

prioridade,

ultimamente. O que é um absurdo e

o oposto de mim, mas tudo o que

tenho feito nos últimos dias é

totalmente diferente de mim. Dou

mais uma olhada no espelho antes

de sair da suíte para encontrar meu

gostosão na porta da frente.

— O que estamos fazendo aqui? A loja fecha aos domingos. —
Olho para o elegante perfil de Damon enquanto ele estaciona na frente da loja.

— Exatamente. Vamos lá. —
Ele dá um tapinha na minha coxa e salta da picape.

Ainda
acho
estranho
um
homem como ele dirigir uma picape. Não importa. Ele abre a minha porta e me agarra pela cintura para me levantar da grande picape. E cuidadosamente me coloca de pé; apesar do meu nervosismo, fiquei chique de salto. E quem foi o infeliz que disse que Josephine Geroux não pode usar salto alto muito bem? Ele segura minha mão e caminhamos, de mãos dadas, para a loja.

— Quem... o que... — Fico

boquiaberta enquanto olho ao meu redor. Observo meia dúzia de homens carregando tudo para fora da loja pela porta dos fundos. Estou tão atordoada que nem sei o que pensar.

— Está nas suas mãos agora.

Tudo está sendo reformado e atualizado. Você precisará montar estoque e falar com o decorador.

— O q... e...

Damon sorri e me dá um tapinha nas costas.

Estou

sem

palavras.

Não

consigo acreditar no que estou vendo. Durante anos, eu implorei a Sutton para descobrir uma maneira de reformarmos a loja. Tudo foi reformado da pior maneira. Nosso piso é uma merda, o nosso teto é

de merda, o nosso mobiliário é uma
merda, nossas prateleiras; tudo.

— Temos coisas novas? —

sussurro me inclinando na direção
dele.

— Sim.

Eu tenho que sair daqui. Não
consigo fazer isso. Dou meia volta
nos meus saltos, como se já tivesse
feito isso um milhão de vezes, e
corro em linha reta para a porta,
passando sem parar por ela. Meu
lábio treme e eu poderia sufocar
com o nó na garganta.

— Josephine! — Damon grita
atrás de mim.

Sinto-o me seguir; não leva
muito tempo para ele me alcançar,
enquanto corro pela calçada, para
longe da loja. Não entendo por que
ele está fazendo isso. A loja nem é
um empreendimento lucrativo ou
algo parecido. Estou chocada e
grata, mas tem que ser uma

pegadinha. Nada que é perfeito
acontece do nada.

— Para de correr! Se você
quiser as coisas antigas, mando
colocar tudo de volta.

Balanço

a

cabeça

negativamente e continuo lutando
para conter as lágrimas. Eu odeio
chorar, porra. Só faço isso uma vez
por ano, pelo que me lembro, mas,
desde que conheci Damon, tenho
chorado a cada cinco minutos.

Quando foi que eu me tornei um
maldito bebê chorão?

— Ei! — Sua mão grande
agarra o meu braço e interrompe a
minha fuga. — Fale comigo — ele
exige.

O

vinco

entre

suas

sobrancelhas é profundo, e de repente me sinto uma grande idiota. Mais uma vez. Droga. Eu deveria estar cobrindo seu rosto de beijos e expressando minha eterna gratidão, mas, em vez disso, eu o fiz pensar que não gostei.

— Como você fez isso? Aqueles homens? Hoje é domingo.

Ele libera meu cotovelo e põe as mãos nos quadris quando vê que não vou fugir.

— Esta equipe trabalha pra mim o tempo todo. Eles vão receber pelas horas extras, confie em mim.

— Eu... isso é muito bom pra ser verdade. Você é bom demais para ser verdade — murmuro.

O polegar e o indicador dele levantam

meu

queixo,

me

obrigando a encará-lo. — Você está errada, meu amor. Apenas estou fazendo o que eu quero, para você; para te fazer feliz. Então, você não vai perder a loja; comprei-a para que você possa administrá-la. Se você e Sutton puderem chegar a algum acordo, ele poderá ficar na folha de pagamento também. E quanto a eu ser bom para você? Eu só quero que você me queira e precise de mim, tanto quanto eu quero e preciso de você.

— E se... eu não conseguir fazer isso dar certo?

— A loja ou nós?

— Ambos — eu admito. —

Acabamos de nos conhecer.

Seus olhos cor de âmbar são luminescentes à luz do sol, e eles assumem um semblante que eu ainda não tinha visto, o de paz.

Estou

plenamente

e

irrevogavelmente fascinada por ele.

Seu polegar acaricia meu queixo

suavemente,

fazendo

círculos

delicados, um após o outro, e

começo a relaxar sob seu toque.

— Você não está tentando me

comprar ou me prender a você, me

chantageando com a loja, está?

— Não. A livraria é a sua

paixão, e tenho fé que suas ideias

para atrair clientela são boas.

Quanto a nós? Só posso responder

por mim, mas sinto como se eu te

conhecesse desde sempre. Sei que

podemos dar certo, porque falhar

não é uma opção.

— Como você consegue ser tão

confiante o tempo todo?

Sua mão cai do meu queixo.

Dou um passo à frente, em seu

espaço, e envolvo meus braços em

sua cintura. Seus braços também me envolvem e sinto que agora posso respirar, após o nó na minha garganta.

— Sou confiante quando sei que estou certo, e estou certo sobre você.

— Você é a melhor coisa que já aconteceu na porcaria da minha vida.

Seus braços me apertam quase dolorosamente e sinto seu coração bater mais rápido. Eu o espreito através dos meus cílios e ele parece que está passando mal. Oh, merda, eu fiz o único namorado que já tive sentir náuseas.

— Você está passando mal? — pergunto enquanto me retiro do seu aperto.

Ele nega com a cabeça.

— Não, não, eu estou bem.

Você só me assustou quando saiu correndo. Pensei que tivesse te

chateado. — Ele entrelaça seus
dedos nos meus e me puxa para a
frente. — Vamos lá, a loja está
esperando!

Damon se inclina e me beija
docemente,

em

seguida,

caminhamos de volta para o caos

que está a livraria, onde um

homem de aparência rude está de

pé

com

alguns

outros

trabalhadores.

— Dê-me um minuto, eu tenho
que falar com o gerente do projeto.

— Puta merda, Jo — murmuro
para mim mesma, olhando ao
redor. A loja parece enorme sem
nada dentro. Tenho tantas ideias
incríveis para o lugar, para torná-lo
mais atraente e sedutor para essa

geração mais jovem de leitores.

Admito que ainda estou muito

chocada com tudo isso, mas

extremamente feliz. Amo essa loja.

Damon estava certo quando disse

que o caminho para o meu coração

seria por este lugar, porque agora,

francamente, eu amo esse homem

pelo que ele fez! Eu poderia passar

o resto da minha vida tentando

expressar minha gratidão, mas

ainda seria pouco. Simplesmente

não há nenhuma maneira de

agradecê-lo o suficiente por aceitar

a mim e ao meu pequeno mundinho

de merda. Ainda não entendo por

que diabos ele está tão agarrado a

mim, mas, neste momento, não me

importa julgar e ser racional. Ele é

a primeira coisa boa que me

aconteceu em muito, muito, muito

tempo e, meu Deus, pretendo cair

dentro dessa felicidade. Não há

garantias de quanto tempo isso vai

durar.

Só

de

pensar

na

possibilidade de terminarmos nossa

relação, me faz querer me encolher

e me esconder, mas tenho que

deixar essa preocupação de lado.

Pelo menos, por agora.

CAPÍTULO QUINZE

Vó

Damon tem estado muito

calado desde que saímos da loja. E

me

sinto

horrível

por

não

demonstrar mais sobre o quanto

aprecio o que ele fez. Porra, eu

quero que ele saiba; preciso que

ele saiba. Aquele lugarzinho no

peito que me deixa empolgada e
sentimental
quando
ele
faz
determinadas coisas não sente
nada disso agora. Está um pouco
dolorido e não gosto nada disso;
sinto que o aborreci. Ele se fechou
para mim e eu tenho que consertar
isso.

Ele disse que, aos domingos,
visita a avó no lar de idosos, então
eu relutantemente concordei em ir
com ele. Conhecer a avó dele está
me
deixando
nervosa.

Nunca
namorei ninguém, por isso conhecer
a família é apavorante. Ele me
disse
que
ela

é

realmente

maravilhosa, mas não consigo

deixar de me sentir uma pilha de

nervos.

Estacionamos numa bela casa

de repouso, então ele desliga o

motor e contorna a picape para me

pegar. Ao abrir a minha porta,

sinalizo com o dedo para ele se

aproximar. Dando um passo à

frente, seguro-o pela camisa e o

puxo para mim. Segurando seu

queixo angular e me inclinando,

pressiono os lábios com força nos

dele, tentando transmitir o que

sinto.

— Obrigada — murmuro em

seus lábios.

Uma grande mão viaja até

meu pescoço e em volta da minha

nuca, entrelaçando em meu cabelo.

Ele geme em minha boca e

aprofunda o beijo, devorando-a

profundamente. Sua língua úmida
desliza pelos meus lábios e para
dentro. Recebo com prazer seu
beijo
exigente,
gemendo
e

saboreando o gosto. Ele se afasta e
me deixa querendo mais.

— Temos mesmo que visitar a
vovó? — resmungo igual a uma
criança.

Ele ri e me levanta da picape

— É vó. Apenas vó.

— Eu sei, eu sei, tanto faz. —

Aliso meu vestido para baixo nas
minhas coxas e bunda. Ele estende
o braço para mim e pego sua mão.
Respire fundo, Jo, você consegue.

— Vó?

Nós entramos em um quarto
que seria melhor classificado como
uma suíte. Este é o lar de idosos
mais extravagante que já vi. Nunca

vi nenhum, na verdade, mas esse parece mais um hotel cinco estrelas do que um lugar para pessoas idosas definharem. Há duas janelas grandes na parede ao fundo com cortinas florais bem abertas, que permitem a entrada de luz natural.

Fotografias

emolduradas

estão

apoiadas em cada superfície. Olho para cada uma delas, enquanto caminhamos mais para dentro. Elas parecem ser todas de Damon, uma garota, e um outro homem. Quem são essas pessoas?

Uma

mulher

idosa

de

aparência frágil está em uma cama hospitalar. Ela é magra, com suave cabelo branco, curto, e há um vaso de rosas sobre a mesa lateral. Sinto

uma

súbita

vontade

de

sair

correndo, agora. Eu não quero estar

aqui; ela parece como se fosse

morrer amanhã.

— Vó? — Damon chama

baixinho, suponho que seja para

não assustá-la.

Ela senta-se reta e abre os

olhos; posso ver agora que essa

mulher está longe de morrer! Seu

corpo parece fraco, mas há luz em

seus

olhos;

ela

parece

especialmente jovem no olhar. São

de um azul cristalino que brilha

quando ela vê Damon diante dela.

— Rapaz, traga seu traseiro

até aqui e abrace sua avó!

— Vó, hein? — murmuro.

Seus olhos pousam em mim e

me

sinto

em

pânico.

Suas

sobrancelhas

se

erguem

em

questionamento e, no momento

certo, meu gostosão responde.

— Vó, esta é a minha

namorada,

Josephine

Geroux.

Josephine, esta é minha avó,

Bernice Cole.

Estendo a mão para ela e a

agito delicadamente. Ela olha para

Damon e zomba.

— Você não repita esse nome

horrível. Bernice! Dá para acreditar

que meus pais fizeram isso comigo?

Seu radiante olhar azul pousa
em mim e, juro por Deus, me
apaixono instantaneamente. Esta
mulher parece uma versão mais
velha de mim. Posso me ver nela.

No minuto em que seus olhos
abriram, eu senti isso. Ela é mal-
humorada e eu a adoro. Já me sinto
em casa. É estranho, mas sou grata
por me sentir à vontade. Sorrio em
resposta ao seu comentário sobre o
nome dela.

— Você está certa, é uma
merda de nome — admito.

Seu sorriso se propaga mais e
sua
dentadura,
excessivamente
grande, me faz rir ainda mais alto.

—

Gostei
dessa
garota,

Damon. Onde você a conheceu?

Seu sorriso é como o paraíso.

Ele observa a avó e eu nos dando bem, como velhas amigas, e seu humor muda drasticamente.

— Numa livraria. Ela estava lutando com um ladrão.

Ele está exagerando e contraio o rosto em resposta. Rei do drama.

— E então? — A vó me olha com expectativa.

Levanto as sobrancelhas e olho ao redor em confusão.

— O quê? — questiono.

— Você chutou a bunda do ladrão?

Seguro minha barriga e inclino para frente em um ataque de riso.

Damon segue o exemplo com uma alta gargalhada. Suspiro e enxugo as lágrimas dos cantos dos olhos.

— Ele está mentindo pra você; eu só espantei o bundão da loja.

Mas peguei o livro de volta, apesar

disso — digo com orgulho.

— Muito bem! Excelente!

Definitivamente, estou louca

por essa mulher. Posso ver porque

Damon tem uma tolerância para as

minhas besteiras. Sua avó é minha

irmã gêmea, só que mais velha.

Sinto-me um milhão de vezes

melhor

sobre

essa

coisa

de

namorada conhecer a família. Acho

que gosto dessa rotina de domingo;

eu poderia ficar com a vó o dia

todo.

— Ei, eu poderia passar aqui

para te visitar amanhã? Posso te

fazer o almoço e trazer? — Minha

boca tem vontade própria e as

palavras escapam antes que eu

pense melhor. Que diabos deu em

mim?

Então, seu rosto se ilumina e
não me arrependo da minha oferta.
— É um encontro, mas só se
você me trouxer um saco daqueles
amendoins doces. Você sabe, os
grandes, macios e laranjas. Este
meu neto não me traz nada dessas
coisas. — Ela mostra a língua para
ele e dobra suas mãos magras no
colo.

Meu sorriso amplia.

— Quer saber? Vou te trazer
uma caixa cheia deles, se você me
contar tudo sobre o gostosão aqui.
— Aponto meu polegar para Damon
e ele resmunga.

— Nem pensar. Claro que não.

Vocês duas, nada de conspirarem.

O resto da nossa visita a avó
passa rápido demais para o meu
gosto e realmente franzo a testa
quando ele diz que temos que
deixá-la descansar. Nos despedimos
e prometo que voltarei amanhã.

Damon e eu andamos de mãos
dadas até a picape.

— Foi tão ruim quanto você
pensou?

—

Não

—

admito

com

relutância.

— Então você quer dizer que
eu estive certo duas vezes hoje?

— Sim — murmuro.

Ele dirige de volta para o
apartamento e relaxo no lugar, me
preparando para o “seu” homem
das cavernas acariciar o ego. Ele
esteve certo duas vezes seguidas;
exagerei nas duas vezes e me senti
uma completa idiota.

— Então o que eu ganho por
estar certo?

Encaro-o como se ele tivesse
enlouquecido e vejo seu sorriso

torto. Meu orgulho não é páreo
para esse maldito sorriso. Ou seus
olhos cor de mel, ou seu olhar
acanhado, e especialmente aquele
extraordinário pau... Parece que eu
estou à sua completa mercê
praticamente o tempo todo. Quer
saber? Isso pouco importa. Sou
louca por ele. Não posso negar,
nem mesmo para mim.

— É surpresa. — Ele sorri ainda
mais intensamente e sinto vontade
de rastejar para cima dele, por
cima do console da picape, quando
ele resmunga para mim.

— Não me provoque, mulher.

— Eu não estou te provocando,
amor. Você merece muito, depois
do que fez hoje.

Ele me encara e seu olhar é
caloroso e terno. Não quero nada
mais do que expressar a minha
gratidão, da melhor maneira que eu
sei. Sexo. Longo, sensual, cheio de

desejo e com muito tesão. Planejo
fazer exatamente isso.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Par perfeito

Caminhamos de mãos dadas
pelo hall de entrada do prédio de
Damon, indo diretamente para o
elevador, quando Howard nos faz
parar.

— Chefe?

Damon para e se vira para
Howard, que gesticula. Damon me
arrasta com ele para a mesa do
segurança.

—

Oi,

Howard,

algum

problema?

O homem de meia idade me
olha apreensivo e sinto que eu
deveria lhes dar um pouco de
privacidade. Não preciso ou quero

saber o que ele tem a dizer. Afasto-

me

gentilmente,

mas

Damon

aperta minha mão, me detendo.

— Errr, bem, Edward veio aqui,

mais cedo.

Damon cerra a mandíbula,

demonstrando irritação. Quem é

Edward e por que sua vinda aqui

irritou Damon?

— Chefe, ele estava bêbado

novamente. Fez uma grande cena.

Levei meia hora para convencê-lo a

ir embora.

Damon assente com força.

— Obrigado, Howard. Cuidarei

disso.

Carvalho, seu humor está de

volta a ficar calado e tenso. Preciso

descobrir quem é esse cara, mas

vou esperar até que surja uma

oportunidade; agora não é o

momento. Agora é hora de me
esforçar ao máximo para deixar
Damon feliz de novo, porque,
embora ele seja um tesão, o
Damon irritado tem que ir embora.
Entramos no elevador e ele dá um
soco no código, com uma força
adicional. Sei que não deveria me
preocupar, mas não consigo evitar.

—

Você
está
bem?

—

pergunto, fazendo círculos em sua
mão, com meu polegar, de forma
tranquilizadora. Ele me olha e a
raiva nos olhos dele me assusta.
Estou assustada por muito pouco.
Já vi e fiz o meu quinhão de
merdas, mas o tipo de raiva que
vejo em seus olhos é a do tipo que
faz um homem matar alguém. Isso
me assusta.

— Estou. — Sua resposta é curta e grossa e uma mentira deslavada, mas opto por deixar para lá.

O elevador chega e as portas se abrem. Ele caminha para o hall de entrada me carregando junto.

—
Eu preciso dar um telefonema. Estarei no escritório. Sinta-se em casa. — Ele se inclina, me dá um beijo casto nos lábios e vira, andando pela cobertura, em direção ao escritório.

Estou de pé, sozinha na enorme sala de estar. É fria e pouco convidativa. Não gosto dessa merda moderna. Dirijo-me para a cozinha e fuço pelos armários. O que fazer para o jantar? Hmm. Um barulho alto de algo quebrando emana do

final do corredor e eu congelo no lugar. Que diabos foi isso? Tiro meus saltos e os deixo ao lado da ilha de cozinha, e caminho em silêncio em direção ao barulho. Ouço gritos abafados. Continuo pelo corredor largo. A gritaria me guia até o final dele, onde vejo uma porta entreaberta. Dou um passo até a porta e espio por ela.

— Eu te disse que foi a última vez! Disse que não teria mais! —

Damon grita ao telefone. Puta merda, ele é intimidante quando está irado. Seu punho bate em cima da mesa de madeira maciça. —

Quem diabos você pensa que é, vindo na minha casa?!

Ele

está

praticamente

berrando agora, e meu coração dispara. Meu lado racional grita pra eu me mexer, para fugir, mas meu

corpo está congelado no lugar.

— Sim, bem, da próxima vez que eu te ver em qualquer lugar perto da minha casa, juro que eu mesmo te mato. Você nem terá que se preocupar em chamar o seu pessoal, porque vou vencer todos eles. Acho que eu já deveria ter feito isso, de qualquer forma, seu desgraçado filho da puta! — Ele bate o telefone na base e passa as mãos trêmulas pelo cabelo.

Pobre Damon. Foi aquele tal cara, o Edward. Minha mão se move involuntariamente e abre a porta do escritório. Sua cabeça se vira na minha direção, onde estou de pé e mantemos o nosso olhar bloqueado por um bom tempo. Meu gostosão está tremendo e perturbado. Nem sei quem é esse

Edward, mas já o odeio. Ando até onde ele está, de pé atrás de sua mesa. Sinto um desejo instintivo de confortá-lo; é reflexivo e parece ter surgido do nada.

Sua grande estrutura se joga pesadamente na cadeira.

— Eu não quero falar sobre isso — afirma categoricamente. Sua voz está um pouco rouca de tanto gritar.

Suspendo meu vestido para que eu possa montar no colo dele com facilidade. Mesmo que meu coração esteja acelerado, não quero nada mais do que acalmá-lo. Quero resolver qualquer problema. Quero fazê-lo se sentir melhor. É um absurdo, eu sei, mas é isso que quero. Inclino para frente e, suavemente, beijo a ponta do queixo dele, meus braços em volta de seu pescoço, e me agarro nele com firmeza. A proximidade de

nossos corpos parece acalmar o
clima tenso, e seus braços vêm ao
redor da minha cintura e ele me
abraça.

— Eu não quero te assustar, e
foi isso que eu fiz — ele diz
baixinho.

Passo meus dedos pelo seu
cabelo escuro e espesso e me
inclino para trás, o suficiente para
olhar nos olhos dele.

— Eu não tenho medo de você.

Alívio inunda seu rosto e isso
quebra ainda mais a porcaria do
meu coração endurecido; uma
pontada
clara
de
simpatia

reverbera através do meu peito. Eu
me inclino e beijo seus lábios com
uma intensidade desenfreada. Suas
mãos deslizam para cima das
minhas

costas

para

se

emaranharem no meu cabelo. Ele envolve rapidamente meu cabelo ondulado em torno de seu punho fechado. Nosso beijo é interrompido quando meu cabelo é puxado, fazendo com que minha cabeça se incline para trás. Sua boca brinca no meu pescoço, os lábios quentes e úmidos me beijando apaixonadamente.

Seu

punho

aperta no meu cabelo, me fazendo gemer. Ele me libera e aproveito a oportunidade para fazer o que quero. Esfrego-me uma vez contra sua ereção, em seguida, deslizo de seu colo. Beijo seus lábios mais

uma vez, antes de ficar de joelhos
diante dele. Ele parece um homem
de comando, e estou tanto ligada
quanto
amedrontada,
com
a
percepção de que gosto dele por
cima de mim. No comando. No
controle.

Empurro o meu medo de lado
para um momento posterior. Meus
dedos vão para o cinto dele e
habilmente o desafivelo, desabotoo
e abro o zíper da calça para libertar
seu pau impecável. Ele surge e se
projeta para fora em direção ao
meu convite. Fecho a mão ao redor
de sua circunferência e acaricio da
base até a ponta e de volta à base.
Repito o movimento e o observo
atentamente. Seus olhos estão
semicerrados, mas permanecem em
mim. Me aproximo mais de sua

cadeira e lhe dou um último olhar antes de deslizar a língua da raiz à ponta. Minha língua gira ao redor da larga cabeça de seu pênis e ele geme. Sinto seu corpo ficar tenso e então relaxar. Eu o levo em minha boca e fecho os lábios em torno de seu comprimento suave e sedoso. Um gemido gutural vibra por ele quando o enfio profundamente na minha boca, na parte de trás da minha garganta, depois para a frente novamente. Tiro-o da boca e beijo a ponta, coletando uma solitária gota de umidade. Lambo o resíduo dos meus lábios e aprecio o gosto. O cheiro e o gosto dele são uma combinação inebriante que faz meu ventre apertar deliciosamente. Levo-o profundamente em minha garganta passo após passo. Acaricio a base do pênis enquanto meus lábios deslizam firmemente em torno dele; minha língua dá leves

pancadinhas, ocasionalmente, na
ponta e massageia a zona sensível
na parte de baixo do seu eixo.

Sua

mão

acaricia

minha

bochecha e sobe para a minha

cabeça,

onde

seus

dedos

entrelaçam em meus cabelos. Eu o

chupo com fervor até que o sinto

aumentar e retesar na minha boca,

então suavizo meu movimento e

engulo toda a sua liberação quente.

Seus quadris projetam para frente

enquanto ele derrama na minha

boca.

Lambo

lentamente

seu

comprimento, deixando-o limpo.

Nunca fiquei tão excitada na
minha vida. Estou desesperada
para tê-lo dentro de mim. Ele lê a
minha linguagem corporal e levanta
de seu assento, erguendo-me junto.
Envolvo minhas pernas em volta de
sua cintura e o abraço como se
minha vida dependesse disso,
então ele sobe rapidamente as
escadas. E, de novo, chuta a porta
do quarto e me coloca, com
reverência, na cama. Rapidamente
ele tira a roupa e depois, mais
rápido ainda, tira meu vestido, sutiã
e calcinha. Então se ajoelha entre
as minhas pernas e corre dois
dedos para baixo, mergulhando-os
na minha boceta. Ele morde o lábio
e seus olhos reviram em êxtase.
— Puta que pariu, amor, você
está muito molhada — ele ronrona
sedutoramente.

Meu corpo se contorce em
resposta ao seu toque e a sua voz

em meu ouvido. Ele enfia seus dois
dedos na boca e chupa, limpando-
os. Inclina-se sobre a cama para
alcançar a mesinha de cabeceira,
retira um preservativo e rasga,
abrindo-o. Sinto-me compelida e
possuída pela minha necessidade
de senti-lo. Eu o quero em mim e
dentro de mim. Isso quebra minhas
próprias regras, mas não quero
absolutamente nada entre nós.
Seguro as mãos dele e tiro a
camisinha.

— Nada entre nós — digo sem
fôlego.

Sua cabeça inclina para trás e
sua atenção volta para mim; luxúria
pura queima em seu olhar e me
deixa
sentimental
e
devassa
embaixo dele.

— Por favor — eu imploro.

Ele se inclina para a frente e
prende meu corpo tremendo com
sua estrutura intimidante.

— Tem certeza? — pergunta
ele, hesitante.

Faço que sim com a cabeça,
afirmando que quero. Ele, puro e
simples, sem nada e meu.

Ele
respira
pesadamente
quando posiciona a cabeça larga na
minha entrada. É o primeiro contato
que compartilhamos de pele íntima
contra pele íntima, e meu corpo fica
em chamas. Ele permanece no
lugar, pronto para me penetrar. O
que ele está esperando? Ele está
tremendo e posso dizer que ele
está se contendo, se segurando.

— Você tem que me dizer se
estou te machucando.

Eu aquiesço.

— Não, diga isso. Prometa que

vai me dizer.

— Prometo. — No momento
em que eu digo o que ele quer
ouvir, ele avança para frente,
enfiando sua ereção profundamente
em mim. Ofego e cravo as unhas
em suas costas.

— Que delícia, amor, você é a
primeira.

Nunca
transei
sem
camisinha.

Saber que somos os primeiros,
um do outro, pelo menos de
alguma forma, faz meu coração
inchar.

— Eu também.

Ele geme sua apreciação no
meu ouvido e suga meu lóbulo. Ele
morde levemente e meu corpo
retesa em resposta. Aperto ainda
mais em torno de seu pênis e ele
perde todo o controle. Ele agarra

meus quadris e me prende nele
com força. Minhas pernas são
empurradas para cima, e colocadas
em seus ombros. A cabeça dele
penetra mais profundamente em
mim. Puxo o ar entre os dentes.
Seu poder sobre mim é quase
paralisante, mas não estou com
dor. Luxúria pura domina seu olhar.
Seu pau é retirado e empurrado
para dentro, cada vez com mais
força, e com uma ferocidade que
rivaliza
com
qualquer
animal
selvagem.

— Ah, Damon.

Uma gota de suor rola de seu
cabelo, pela testa e finalmente
escorre de seu nariz para pousar no
meu tórax.

— Eu preciso de você — ele
ofega.

Minhas mãos apertam os
travesseiros ao lado da minha
cabeça.

Uma
sensação
de
formigamento corre nas minhas
veias e inunda meus sentidos. Tudo
o que posso ver é ele. Tudo o que
eu posso sentir é o cheiro dele.
Tudo o que eu posso ouvir é ele.
Tudo o que eu posso provar é ele.
Tudo se resume a ele. Sinto-me
completamente dele e a sensação é
como nenhuma outra que eu já
senti. Eu quero ser dele. Quero que
ele precise de mim, como ele disse.
— Você me tem — gemo,
enquanto
ele
continua
me
penetrando
profundamente,

impulso após impulso. Posso sentir,
a cada estocada, a veia de sua
ereção quando passa pela borda da
minha abertura lisa.

— De novo — ele exige com os
dentes cerrados. Seus olhos cor de
mel parecem labaredas enquanto
ele me encara. Suor brota dos meus
poros e faz com que o atrito entre
nós fique inexistente. Os nossos
corpos deslizam em sincronismo,
com
fluidez
completa.

Nos
encaixamos.

Parecemos
duas
peças.

Duas
peças
que
se

completam perfeitamente.

— Você me tem — repito com
toda sinceridade que o momento
permite. Meu corpo ganha vida de
uma maneira nova e cantarola com
meu
orgasmo
iminente.

Cada
músculo aperta e formiga, e foco
meu olhar no dele.

Observamos
nossos
respectivos
orgasmos
se
desenrolarem e nos consumirem.

Seus quadris retesam enquanto ele
goza
dentro
de
mim.

Calor
preenche
minha

boceta

que

ordena seu pau, extraindo até a

última gota de seu clímax. Nossos

corpos estremecem e oscilam

repetidamente, em êxtase. Ele

empurra minhas pernas de seus

ombros e cai completamente suado

e exausto. Seu peito sobe e desce

rapidamente

enquanto

trabalha

para recuperar o fôlego. Empurro

meus

dedos

por

seu

cabelo

encharcado. Minha própria exaustão

toma conta de mim; meus olhos se

fecham e me sinto completamente

satisfeita, de uma forma que eu

nunca conheci.

— Estamos destinados a ficar

juntos — ele sussurra.

CAPÍTULO DEZESSETE

Especial

Beijos são distribuídos pelas
minhas bochechas, nariz, queixo,

testa

e

pescoço,

fazendo-me

despertar do sono.

— Hum — eu resmungo de

forma incoerente.

Damon ri baixinho.

— Tá na hora do jantar,

vamos.

Acho que eu deveria deixar de
ser uma ninfomaníaca e sair da
cama para fazer algo para o meu
gostosão comer. Se transar com ele
for sempre assim, então terei
prazer
em
abastecê-lo

com

bastante carboidrato e proteínas.

Ele é um garanhão e precisa comer.

Esforço-me para abrir os olhos.

Damon está lindo, vestindo short de
jérsei, camiseta branca e descalço.

Ronrono minha aprovação. Ele

balança a cabeça e sorri aquele

sorriso

torto

que

me

deixa

morrendo de tesão por ele.

— Eu devo ter criado um

monstro.

— Talvez — medito quando

passo por ele, completamente nua.

Sinto que seus olhos me seguem e

me viro para encará-lo quando

entro no banheiro. — Se importa se

eu fizer xixi em paz?

Seu olhar acanhado cai no

lugar certo, na sugestão, e fico

satisfeita comigo mesma. Ele é tão

bonitinho

quando

parece

completamente envergonhado.

— Estou brincando. Não quero

fazer xixi. Você tomou banho sem

mim?

Ele continua a me acompanhar

até o banheiro gigantesco.

— Você estava desmaiada e

essa é a única hora que a sua boca

suja está fechada, então imaginei

que seria melhor saborear o

momento, enquanto eu podia.

Viro-me para enfrentar o meu

gostosão de cabelo escuro. Seus

braços estão cruzados sobre o peito

largo. O sorriso em sua boca é toda

a evidência que preciso para ver

que ele está num estado de espírito

brincalhão. É totalmente diferente

do homem furioso que encontrei no

escritório mais cedo.

— Espertinho, não? Bem, que
pena. Estava pensando em algo
especial
quando
tomássemos
banho.

Tudo
bem,
não
tem
problema, quem sabe de uma
próxima vez?

— Puta que pariu, mulher! Eu
disse para não me provocar. — Ele
caminha na minha direção e joga o
meu corpo nu por cima do ombro e
anda direto para o chuveiro,
completamente vestido. Ele abre as
torneiras de água fria, que caem na
minha bunda e nas costas.

— Ponha-me no chão! — grito
em protesto.

— Você tem sido uma menina
má, precisa ser punida — ele rosna

comicamente, tentando ao máximo
parecer malicioso.

— Não! Está fria! — Bato na

sua

bunda

sobre

o

short

encharcado, mas sua grande mão

me bate de volta, e logo parecemos

adolescentes, competindo por tapas

na bunda. — Ai! Ponha-me no chão!

— Vai me provocar mais? —

ele esbraveja entre gargalhadas,

irradiando alegria.

— Tá bom! Chega! Não

provoco mais! Eu juro.

Satisfeito

com

a

minha

“bandeira branca da rendição”, ele

me desliza para baixo na frente do

seu corpo. Então estica o braço

para ajustar a temperatura da
água. O calor atinge minha pele
enquanto ele me segura rente ao
corpo. Enfio os dedos no cós de seu
short e o puxo para baixo. Água cai
em seu corpo e escorre pelo rosto.

Inclino-me e avidamente bebo a
água do queixo com barba por
fazer, em seguida, puxo sua
camiseta encharcada, pela cabeça.

Nossos
lábios
colidem.

Nos
devoramos. Puxo seu lábio inferior
totalmente entre os meus dentes e
seu gemido envia uma vibração de
eletricidade pelo meu corpo. Ele
segura minha bunda com as mãos
e, em um movimento tranquilo, me
ergue para ele. Minhas costas
colidem contra a parede de azulejos
quando ele me empala com seu
pau duro.

— Você gosta disso, amor? —

ele rosna, pegando um punhado do meu cabelo na mão e puxando com tanta força que minha cabeça sem vergonha bate contra a parede. Ele me

prende,

seu

corpo

me

segurando no lugar facilmente, enquanto seu pênis me golpeia forte, rápido e profundamente, mais e mais.

Gemo e sua boca cobre a minha, me silenciando. Sua língua se aprofunda ao roubar o meu fôlego. Meu coração bate fora de controle. Ele interrompe nosso beijo e golpeia em mim com ainda mais força.

— A quem você pertence? —

ele exige no grito.

Isso é tão intenso... que sinto

que posso gozar apenas com suas
palavras. Minha boceta contrai
delicadamente.

— Diga! — ele berra.

— Você! — eu choramingo
fracamente.

— Mais uma vez!

— Você! Eu pertenço a você!

— grito sem fôlego.

Ele empurra duro uma vez,
duas, três, quatro vezes mais e
congela, em seguida, seu corpo dá
uma guinada, retesa e acalma. Meu
orgasmo me atinge. Reviro os olhos
e arqueio nele. Meus mamilos
sensíveis e endurecidos pressionam
em seu peitoral e sinto prazer na
sensação. Seu pau derrama todo o
seu calor em mim enquanto
desfrutamos
do
nosso
clímax
culminante. Ele me mantém no

lugar até a minha respiração voltar
ao
normal.

Quando

ele,
calmamente, se retira de dentro de
mim, uma pequena pontada de dor
irradia através do meu ventre.

Reflexivamente, estremeço e puxo
uma lufada de ar.

— Machuquei você? — ele

sussurra,

sua

grande

mão

segurando meu queixo.

A preocupação em sua voz é

clara.

Sinto-me...

valorizada;

querida. E tenho a coragem de

assumir, estou adorando. Sei que

não há a menor possibilidade de ele

já me amar. Somos um casal há tão

pouco tempo. Ainda nem sei sua
cor favorita, filme ou bebida. Eu
nunca tive o amor de ninguém,
exceto dos meus pais, e nem me
lembro
com
clareza
como
costumava
ser.

Memórias

desvanecem com o tempo, mas
essa sensação é familiar e juro que
se parece com amor. Não digo nada
enquanto olho em seus ardentes
olhos cor de mel.

Sua outra mão se move para o
meu
rosto,
os

polegares
reverenciando todo o meu rosto.
Ele descansa sua testa na minha e
fecha

os
olhos,
respirando
profundamente. Neste momento,
algo é declarado entre nós. É
indescritível e desarmante, mas de
alguma
forma
me
deixa
completamente
em
paz.

Nos
abraçamos sob a água, até que seu
estômago ronca alto e nós dois
caímos na gargalhada; o momento
é quebrado.

— Vamos, gostosão. Vou fazer
o jantar.

Ele dá um tapa de leve na
minha bunda quando me afasto
para lavar meu cabelo e corpo. Sim,
ele é definitivamente um homem

que gosta de bunda. Terminamos o
banho e nos secamos antes de
descer para a cozinha. Entro
rapidamente na cozinha, como uma
mulher numa missão. É um prazer
trabalhar neste espaço. Gosto de
cozinhar, mas nunca tive uma
cozinha ou ferramentas adequadas
para realmente exercer meus dotes
culinários.

Ele para atrás de mim e planta
um
beijo
carinhoso
no
meu
pescoço.

— O que você gostaria de beber?

— ele murmura contra a minha
pele.

— Mmm, tem vinho?

Ele se afasta e abre a
geladeira monstruosa.

— Não, sinto muito. Não bebo

muito, por isso não tenho álcool em
casa.

—

Talvez
devêssemos
comprar. Não sei quanto a você,
mas às vezes, eu gosto de beber
um pouco — falo, enquanto
tempero nossos bifes na tábua de
carne.

—

Eu
preferiria
se
não
comprássemos.

Seu tom mudou e paro o que
estou fazendo para virar de frente
para ele.

—

Por
quê?

—

Minha

curiosidade vence o meu bom senso

e quero saber.

Ele

se

movimenta

pela

cozinha, pegando talheres e pratos

para colocar a mesa. Seus ombros

musculosos

encolhem

com

indiferença.

— Meu pai é um bêbado, foi a

vida inteira. Eu só não ligo para

essa merda.

Nota

mental:

álcool

está

proibido. Acho que não é grande

coisa, nem bebo com muita

frequência, de qualquer maneira.

Eventualmente, gosto de cerveja ou

até uma taça de vinho, mas muito

esporadicamente. Sem mencionar

que é caro.

— Oh. — É a única coisa que consigo inventar. Qual é o meu problema? Devo abraçá-lo? Não! Eu odiaria essa merda. Decido deixar

pra lá e mudar de assunto. — Então, o que tenho que fazer amanhã na loja?

— Isso é fácil. Já cuidei dos detalhes para amanhã com Dave, meu gerente de projeto.

A decoradora estará aqui amanhã, às nove horas, para combinar algumas coisas com você.

Coloco os bifés para grelhar e escorro as batatas.

— Espere, vou me encontrar com a decoradora aqui? — Despejo as batatas fumegantes numa tigela com a manteiga, o leite e o alho e amasso tudo enquanto continuo

nossa conversa.

— Vai. A loja é agora uma zona de obras e não quero que você se machuque ou fique rodeada de operários com tesão. — Sua explicação parece razoável, com exceção da parte dos operários com tesão. Ele parece um pouquinho ciumento, mas não quero nem abordar esse assunto agora.

Termino de preparar o jantar e comemos,

continuando

uma

conversa leve, principalmente sobre a loja. Enquanto estou limpando a louça e pensando em sugerir algo que casais fazem, como assistir a um filme, o celular de Damon toca.

Ele olha para a tela e cerra o maxilar, incomodado.

— Tenho que atender — ele diz sem rodeios e segue para o escritório.

Convencida a não escutar, me concentro na limpeza da cozinha. Quem está ao telefone tem a ver com esta pessoa, Edward; tenho certeza disso. Passo o tempo passeando pela biblioteca, escolho um livro de uma das muitas prateleiras, de forma aleatória, e caminho para o quarto dele. Abro o livro e a lombada estala, gemendo em protesto. Este livro nunca foi aberto. Sua lombada, que nunca foi danificada, fala por si só. Meus olhos leem preguiçosamente a primeira página antes de o sono me vencer e eu desistir de ler.

CAPÍTULO DEZOITO

Oi, mamãe

Acordo sentindo como se alguém tivesse me atropelado com um ônibus e nem posso culpar o sexo selvagem por isso. Estou adoecendo. Estou ferrada. Viro para

o outro lado e, por entre o lençol
amontoadado, vejo um bilhete em
cima da mesinha de cabeceira.
Estico o braço e o pego. Numa
porcaria de rabisco, o gostosão
escreveu uma mensagem curta e
doce.

Você está tão perto e ainda assim já sinto saudades. :)

Olho em volta à procura de
algum sinal de Damon, mas não
encontro
nenhum.

Visto-me
rapidamente com a calça de pijama
dele e uma camiseta branca e
arrasto meu corpo dolorido escada
abaixo. Ouço um barulho vindo da
cozinha.

Caminhando
até
lá,
encontro Damon olhando para o
forno como se fosse o maior
mistério do mundo.

— O que você está fazendo? —

Forço a voz, o som parecendo muito semelhante ao de uma fumante de oitenta anos.

Ele se vira como se eu tivesse gritado “assassino sanguinário”.

— Você parece horrível! — Ele corre até mim e coloca a mão na minha bochecha. — Você está com febre. Tem que voltar para a cama.

— Por que você estava encarando o forno?

Ele olha por cima do ombro e parece envergonhado de novo. Que fofo.

— Ah, bem, estava pensando que talvez eu pudesse fazer o café da manhã, mas receio não ser tão hábil aqui como você.

Dou uma risada, apesar da dor de garganta.

— Gosto do quão elegante você está, até parece muito melhor do que é.

— E o que é isso?

— O que você deveria ter dito
era: “não sei cozinhar porcaria
alguma, então, nada de café da
manhã”.

Ele ri e me vira pelos ombros
para me levar de volta pelas
escadas.

A
campainha
toca,
parando nós dois. Eu achava que
convidados só podiam subir depois
de
serem
anunciados
pela
segurança.

— Deve ser Carry. — Ele libera
meus ombros e corre até a
extravagante porta da frente,
abrindo-a e dando um passo para o
lado.

Algo

repentinamente

me

atinge profundamente. Oh, merda,
não. Carry é estupidamente linda,
parece até a Barbie, a não ser pelo
bronzamento artificial ridículo. Ela
sorri timidamente para Damon.

— Entre. — Ele faz um gesto
para frente e ela passa por ele,
balançando exageradamente os
quadris. Cadela! Ela nem me nota
de pé perto da escada em meu
pijama grande demais e sem sutiã.

Meu

cabelo

é

uma

bagunça

despenteada e me sinto horrível.

Enquanto isso, essa cadela parece
que está tentando ganhar a porra
de um concurso de beleza.

—

Quando

recebi

sua

mensagem, fiquei contente em te encaixar na minha agenda. Então, no que vamos trabalhar, Damon? — questiona ela, com tanta insinuação quanto é possível.

Tenho um desejo louco de enfrentar

essa

Barbie

de

bronzamento falso e estrangulá-la.

— Ahã — limpo a garganta e chamo sua atenção para mim.

— Carry, gostaria que você conhecesse a minha namorada, Josephine. Na verdade, é com ela que você vai trabalhar no projeto. Ela é a responsável por todas as coisas relativas à loja, então você terá de responder a ela.

Sua insinuação de responder a mim me faz sorrir por dentro. Este

homem está tentando afetar o meu
coração de uma forma feroz e, que
Deus
me
ajude,
ele
está
conseguindo. Sorrio calorosamente
quando ele se afasta da garota
propaganda
bronzeadas
artificialmente.

Ele vem até mim e coloca a
mão
na
minha
bochecha
novamente.

— Amor, você está com febre.

Isso terá que esperar, ok? — Ele se
inclina
e
beija
minha

testa

escaldante.

Capto um vislumbre da MISS
bronzamento artificial atrás dele e
ela parece como se estivesse
sentido cheiro de algo podre. Seus
lábios, excessivamente rosa, se
enrugam e parecem uma vagina,
excessivamente usada e abusada.
Que nojo! Não consigo resistir.

— Você deveria parar de fazer
essa cara. Sabe, causa rugas e tudo
mais.

Ela enruga ainda mais o rosto
e engulo uma risada. Damon vira
ao meu lado para encará-la e ela
instantaneamente abre um sorriso
falso.

— Vamos ter que remarcar,
Carry. Josephine não está se
sentindo bem. Tenho certeza de
que ela vai te ligar para marcar
outra
reunião

quando

estiver

melhor. — Sim, claro, que tal nunca,

piranha?

— Ok, sem problema. Avisarei

a minha secretária que você ligará

para reagendar. Tchau. — Ela se

vira

em

seus

saltos

altos

envernizados e saia lápis, de cor

creme combinando, e sai da

cobertura.

No momento em que a porta

da frente se fecha, ele me ergue

em seus braços como um bebê, me

carrega e coloca na cama, e alisa o

meu cabelo para trás com imenso

cuidado. Ele se senta ao meu lado

com um sorriso arrogante no rosto.

Suspiro dramaticamente e reviro os

olhos. Já sei o que está por vir.

— Meu amor, você está com
ciúmes?

A entonação da última palavra
faz com que o meu nível de raiva
aumente novamente.

— Não sou mais ciumenta do
que você, Senhor “fique longe dos
operários”. — Imito uma voz
ridícula e machista, e ele aponta
um dedo severo para mim.

— Ei, eu só estou preocupado
com a sua segurança! Você pode
furar seu pé num prego ou algo
parecido.

Dou uma gargalhada um pouco
mais forte por sua desculpa
esfarrapada e minha garganta arde
mais com o resultado.

— Ai — resmungo, segurando
meu pescoço.

— Tudo bem, chega de brincar.
Vou trabalhar aqui em casa hoje
para poder cuidar de você. Vou te
dar um remédio. Descanse agora.

— Ele se inclina e me beija, apesar
do meu potencial contágio, e isso
me
deixa
com
a
sensação
vagamente familiar de ser cuidada.
Valorizada. Amada. Ele se levanta
da cama e desaparece do quarto.
Retorna com um copo de água
numa das mãos e um comprimido
de ibuprofeno na palma da outra
mão.

— Tome isso. Beba toda a
água, se puder. — Ele me entrega o
remédio e a água. Jogo o
comprimido na boca e, em seguida,
bebo toda água.

— Agora descanse. — Meus
olhos obedecem. Eu descanso.
Durmo profundamente até que
eu sinto uma língua escorregadia
deslizando na minha bochecha e

franzo as sobrancelhas. Porra, por
que ele está me lambendo?

— Psiu!

— Hmm?

— Acorde — ele sussurra, e
depois meu rosto é lambido
novamente. Eca!

Forço meus olhos a se abrirem
e, quando os abro, grito e me
arrasto para chegar para trás,
batendo contra a cabeceira.

— Que coisa é essa? — grito, e
imediatamente lamento a minha
reação; a gritaria só detonou mais
ainda a minha garganta.

— Não se espante — Damon
alerta. — É só um filhote. Ele
gostou de você e estava beijando o
seu rosto. — Ele puxa a bola de
pelos de cor prata e cinza em seu
peito e o acaricia atrás das
pequenas orelhas desgrenhadas.

— Você comprou um cachorro?

— Sei que pareço incrédula. Essa

cobertura ultra moderna ficaria ótima com um cachorro cagando no chão. Não acredito que ele comprou um maldito cão. — Pensei que você tivesse saído para comprar remédio para a sua pobre doente.

— Não, eu o peguei pra você.

Bem, acho que ele me pegou. Ele é órfão — Damon explica. Por que ele tem que usar a palavra “órfão”?

Agora sinto como se o cachorro e eu fôssemos velhos amigos. Que ridículo. Ergo uma sobrancelha em questionamento e ele explica.

— Um dos caras da equipe o encontrou perto da caçamba de lixo da loja. Era apenas ele, sem identificação ou qualquer coisa. A esposa de Dave é veterinária, então ele a chamou e ela verificou o carinha. Ela disse que ele é um tipo de mistura de Schnauzer. — Ele tira um saco de papel pardo de trás das costas. — Olha, eu trouxe o

café da manhã e medicamentos,
também. Pastilhas para a garganta,
chá e vitamina C...

—

Obrigada

—

digo

asperamente, agarrando o saco. —

Mas, Damon, não posso ter um
cachorro no meu apartamento.

Ele dá de ombros em resposta
à minha objeção.

— Ele pode ficar aqui.

Coloco uma pastilha na boca e
estreito meus olhos para ele. Estou
sacando aonde ele quer chegar.

— Se eu concordar em adotar
essa... coisa, ele terá que ficar aqui
e é lógico que eu teria que ficar
aqui também.

Um sorriso vitorioso se espalha
por seu lindo rosto e sei que estou
ferrada.

Ele

levanta

a

coisa

desgrenhada e manipula suas patas

minúsculas em um gesto de oração.

— Oh, por favor, seja a minha

nova mamãe. Você não quer me

adotar? Não sou fofinho, mamãe?

Tento e não consigo disfarçar o

riso.

— Você sabe que soou

completamente bobo, né?

Damon coloca o cachorro no

meu colo e eu, relutantemente,

acaricio seu pelo. Ele é tão macio e

meio fofinho. Na verdade, ele é

muito fofinho. Eu o levanto até meu

rosto

para

examinar

mais

atentamente

e

me

encontro

encarando seus minúsculos olhos
cor de chocolate.

— Quantos meses ele tem?

— A esposa de Dave disse que,
provavelmente, entre oito a dez
semanas.

Faço beicinho. Não acredito
que ele é tão novinho e tão
sozinho. Sinto-me horrível por esse
homenzinho. Ele merece um lar e
sei que posso cuidar dele. Nem sei
a primeira coisa sobre cuidar de um
cão,
mas
acho
que
posso
improvisar.

— Hemingway — digo para a
pequena bola de pelos nas minhas
mãos. Suas pequenas orelhas
levantam em resposta. Eu o coloco
no meu colo e acaricio sua pequena

cabeça.

— O quê?

— Esse é o nome dele.

Hemingway.

Damon zomba e eu lhe atiro

um olhar mortal. Idiota!

— O que há de errado com

Hemingway?

Ele balança a cabeça de um

lado para o outro.

— Você pode chamá-lo de

Hemingway, mas eu vou chama-lo

de Hemi. Como o motor de carro. —

Ele é irredutível, posso dizer. Tem

que ser coisa de homem.

— Ok. — Olho para baixo para

Hemingway e coço atrás de suas

orelhas. — Papai diz que vai te

chamar de Hemi, apesar de sua

óbvia inteligência e sofisticação.

Hemingway solta um pequeno

latido agudo e quase o deixo cair.

Damon segura a barriga e solta

uma profunda gargalhada.

— Ele é um filhotinho, não vai

te machucar.

Atiro outro olhar mortal em

sua

direção

e

aconchego

Hemingway no peito. Ele inclina um pouco a cabeça para cima e lambe meu rosto novamente. Derreto em uma poça de hormônios femininos e instinto animal.

— Então, consegui ganhar alguns pontos por te trazer um cachorrinho? Mulheres gostam de cachorrinhos.

Olho para ele e me pergunto, por um breve momento, se toda essa história é papo furado. Aposto que foi ele quem comprou este cão por um preço absurdamente caro de um desses criadores de cães de luxo. Mas, quando olho dentro dos pequenos olhos cor de chocolate de Hemingway, reconheço a solidão e o medo de um órfão. Tem que ser verdade o que Damon diz. Pobre rapazinho. Ele ganhou pontos.

Muitos e muitos pontos. Ele resgatou Hemingway de quem sabe

o quê, e acho que tenho alguém
para... amar?

— Pontos — afirmo e inclino
para a frente para beijá-lo. —

Muitos e muitos pontos.

O rosto de Damon fica ainda
mais vitorioso e juro que seu peito
não poderia inflar mais. Nossa...

Homens e seus orgulhos. Isso é a
ruína da sociedade.

— Oh, droga. Eu disse a sua
avó que levaria balas de amendoim
para
ela
hoje!

—

Aninho

Hemingway no peito e deslizo para
fora da cama.

— Você está doente — Damon
protesta enquanto me segue para o
banheiro.

— Sinto-me muito melhor —
minto. Enfio uma toalha de banho

macia na pia e cuidadosamente
coloco Hemingway nela. Ele se
enrola e deita. Sorrio, sentindo um
pouco
de
orgulho
da
minha
ingenuidade.

— Tem certeza? — Ele estende
a mão para verificar a minha
temperatura e eu bato nela no
caminho.

— Eu estou bem, de verdade.
Você me trouxe todos os itens
essenciais; estarei cem por cento
num instante. Vá trabalhar um
pouco, ou o que quer que tenha
que fazer. Estarei de volta depois
de visitar sua avó. Eu prometi a ela.

—
Certifico-me
de
parecer

suplicante nessa última parte. Sei
que ele não iria querer aborrecer a
avó.

Ele suspira e sei que ganhei
essa batalha.

CAPÍTULO DEZENOVE

Faz sentido

Digo
adeus
a
Damon,
deixando-o
no
escritório
para
trabalhar um pouco, então saio
correndo
da
cobertura
com
Hemingway enfiado na dobra do
meu cotovelo e uma caneca de chá
para

viagem.

Entramos

no

elevador, no qual descemos até o primeiro andar e localizo a BMW de Damon, que realmente desejo não ter que dirigir-la. Tentei argumentar, mas ele empurrou as chaves para mim e fez cara feia. Abro a porta com um clique no elegante chaveiro e deslizo no banco de couro macio.

— Que maravilha! — murmuro.

Acomodo Hemingway no meu colo e ligo o carro. Partimos em direção à loja, à procura de balas de amendoim para a vó. Acho que vi essas

coisas

na

loja

de

conveniência

perto

do

meu

apartamento.

— Fique aqui — digo à bola de
pelo e toco levemente seu nariz.

Ando depressa para dentro da loja
e bingo: uma prateleira cheia de
coisas doces. Quando o caixa me dá
a conta, abro a bolsa para pegar a
carteira e quase caio dura. Um
maço de notas de cem dólares está
enfiado aleatoriamente dentro dela.

— Ahã... minha senhora?

Saio

do

meu

choque

atordoante e pago o doce. Em

seguida, corro de volta para

Hemingway e a BMW. Não perco

tempo; com o movimento do meu

polegar, ligo para o Damon. Ele

atende no primeiro toque.

— Alô?

— Você enfiou mil dólares na

minha bolsa!

— queixo-me. Sei que pareço
uma idiota. Quem reclama com o
namorado por ele ser tão generoso?

— Preciso te lembrar da nossa
conversa sobre ser orgulhosa?

Eu gemo. Deveria saber que
nem todo o protesto do mundo fará
diferença. Meu namorado rico não
vai me deixar argumentar, e sou
grata por isso, não me interpretem
mal. Não há dúvidas sobre o quanto
aprecio tudo o que ele tem feito por
mim, mas não gosto de me sentir
um caso de caridade ou um fardo. É
complexo, acho.

— Não. Obrigada — respondo.

Estúpida, estúpida, estúpida. Ele
está apenas sendo gentil.

— De nada. Você pode querer
ir ao petshop com Hemi. Ele vai
precisar
de
todas

essas

parafernálias de filhotes.

Olho

para

Hemingway

aninhado confortavelmente no meu

colo e percebo que não faço a

menor ideia do que um filhote

necessita, além de comida, água e

um lugar para cagar.

— Tá bom, vou cuidar disso.

Vejo você mais tarde.

— Tchau, meu amor.

Vinte minutos mais tarde,

manobro a BMW no estacionamento

e,

cuidadosamente,

enfio

Hemingway dentro da minha bolsa.

O cãozinho é tão dócil que nem

sequer acorda com o chacoalhar

dela.

— Vó? — Bato na porta da

suíte aberta e fico feliz ao ver que

ela não está cochilando. Ela estica
o pescoço para espiar a porta e seu
rosto se ilumina num radiante
sorriso, me lembrando de seu neto.

— Josephine! Você trouxe a
mercadoria?

—

ela
pergunta
baixinho, discretamente.

Balanço

a
cabeça
num
movimento engraçado, brincando, e
balanço a sacola plástica para ela.
Ela a toma da minha mão e
abre um enorme sorriso enquanto
conta os sacos de doces que eu
trouxe.

— Oh, querida, você fez o meu
mês feliz! — ela murmura.

Estou orgulhosa por ter lhe
agradado. Parece estúpido ficar

feliz por ter trazido doces, mas
parte de mim realmente quer que
ela goste de mim. Acho que é,
provavelmente, a mesma parte que
sabe que eu poderia facilmente me
apaixonar
perdidamente
por
Damon.

— Então, como está se
sentindo hoje?

Ela acena, enquanto enfia uma
bala de amendoim na boca.

— Estou muito bem. Corri
alguns quilômetros hoje de manhã,
o que sempre me faz sentir mais
ágil. — Ela pisca para mim,
segurando o saco de doces e eu
não consigo evitar de me apaixonar
ainda mais pela velha. Ela tem uma
disposição incrível que me identifico
muito. Quero lhe dizer o quanto.

— Aposto que você nunca
engoliu merda de ninguém, não é?

— comento, passando uma bala para a sua mão.

— Bem, sou branca, feita de papel e venho enrolada em um tubo de papelão? — ela pergunta, indiferente.

— Não.

— Então, não. Se eu engolisse merda de qualquer um, acho que seria melhor ser chamada de papel higiênico.

Quase engasgo com meu amendoim e a velha bruxa se escangalha de rir da minha cara.

— Touché. Touché, vó.

Continuamos a comer os doces e abro minha bolsa a cada minuto, ou mais ou menos isso, para verificar Hemingway. Ele está dormindo, aninhado na escuridão da minha grande bolsa. Já gosto desta pequena bola de pelos. Ele é tão fácil de agradar.

— Então, quem são essas

pessoas nos porta-retratos? — Vou até um que está na mesa lateral e o levanto para mostrar a ela.

— Ah, nesse é a meia-irmã de Damon, Elise. E nesse porta-retrato prateado é meu filho, Edward. E esse ao lado, o marrom, é o Damon, na sua formatura do colegial.

Edward. Edward. O cara que deixou Damon puto ontem à noite. Ele disse que o pai é um alcoólatra. Faz sentido. Decido pressionar para conseguir informações.

— Acho que Damon e Edward não se dão muito bem, né? Ela bufa baixinho, de raiva.

— Eles nunca se deram bem, querida. Amo meu filho, mas não sinto o menor orgulho das coisas que ele já fez. Quando Damon nasceu, a mãe não podia sustentá-lo, então ela o entregou para Edward criá-lo. De cara, Edward

também não queria Damon, mas fiz com que meu filho assumisse suas responsabilidades. Eu não o criei para fazer as coisas que ele fez, mas tentei consertar as coisas erradas quando elas surgiram.

Ela pende ligeiramente a cabeça enquanto fala sobre o pai de Damon e sinto a sua dor. É óbvio que ela lidou com mais do que qualquer mulher deveria. Sinto necessidade de animá-la e acho que sei o truque.

— Ei, quer ver o que Damon me deu?

Ela concorda com a cabeça, então eu alcanço a minha bolsa e retiro Hemingway de dentro. Sua pelagem cinza se destaca em todas as direções e ele semicerra os olhos contra a luz, em seguida, começa a balançar o rabinho feito doido, quando vê a vó. Ela suspira e fica radiante quando vê a bolinha de

pelo, logo estendendo as mãos
para recebê-lo. Quando entrego o
cachorro, ela o abraça e beija o
topo da sua pequena cabeça em
forma de maçã.

—

Oh,
isso
é
bem
característico de Damon. Usar um
cachorrinho para ganhar o seu amor
e carinho. Esse menino tem
instintos animais como nenhum
outro. É por isso que ele é tão bem
sucedido, sabe? — Ela afirma,
obviamente orgulhosa de seu neto.
Continuamos conversando por
mais algum tempo, então decido
que é melhor ir embora. Apesar de
chupar todo o pacote de pastilhas
para
a
garganta,

já

estou

começando a senti-la arranhar de novo, e também não faço a menor ideia de quantas vezes filhotinhos comem e fazem suas necessidades, e ainda tenho que ir a um petshop, para, então, voltar para a casa de Damon. Despeço-me da vó e prometo visitá-la novamente em breve.

— Então, será que você poderia ajudar a sua nova mãe e me alertar sobre que parafernálias tenho que comprar para você? Não? Ok, Hemingway. Vamos descobrir isso juntos. — Sento-me no banco do motorista, segurando a minha bola de pelos perto do rosto. Nos encaramos, olhos verdes nos castanhos, nariz no focinho. Ele

aguenta firme. Coloco-o de volta no lugar, no meu colo, e dirijo para uma mega loja petshop. É do tamanho de um supermercado e as pessoas carregam seus animais de estimação para fazer compras juntos. Me surpreendo ao me dar conta de que estou animada para lhe comprar algumas coisas de filhote, sejam elas quais forem. Questiono-me se ele já teve alguma coisa. Comida de filhotes em pequenas tigelas de cachorro, uma cama para dormir, uma mão para acariciar seus pelos... olho para baixo, para ele, e o lugar no meu peito, onde julgo que meu coração repousa dormente, se aquece e dói um pouco pelo pequeno Hemingway.

— Vamos comprar algumas porcarias — digo para o meu homenzinho sonolento quando saio do carro. Entro no petshop e, num

impulso emocional, compro com o
dinheiro de outra pessoa. Encho
dois
carrinhos
com
toda
a
parafernália que um cão pode ou
não usar. Acho que comprei um
pouco de tudo. Ele agora tem desde
biscoitos vitaminados em forma de
cachorrinho a um carrinho de bebê.
Uma porra de um carrinho de bebê!
Sei que vou ouvir um monte de
merda por comprar um carrinho
para o cachorro, mas e se eu quiser
levá-lo em um longo passeio como
diz na etiqueta? Ele pode se cansar
com o calor de Vegas. O carrinho é
útil. E é exatamente isso o que vou
dizer a Damon. Pago minhas
compras com o maço de notas de
cem dólares de Damon e carrego
tudo para a BMW.

— Agora que já fizemos um
belo estrago, vamos ver o seu novo
papai e lhe mostrar todas essas
merdas. O que você me diz,
Hemingway?

Ele olha para mim, então abre
um bocão e boceja. Beijo sua
pequena cabeça e o coloco no
banco do passageiro, para a viagem
de volta para a cobertura de
Damon. Estaciono em seu espaço
reservado e ligo para o celular dele.

— Oi, linda — meu gostosão
fala em tom meloso.

— Oi, hum, você poderia me
ajudar a subir com as sacolas?
Estou sentada no carro.

Eu o ouço rir no telefone e de
repente fico tímida e emotiva sobre
o divertimento e o excesso das
minhas compras.

— Já estou descendo.

Desligo e encho um braço de
coisas,

incluindo

o

pequeno

Hemingway.

— Uau. Um cão precisa de

tudo isso?

Viro-me e vejo meu grande

homem de cabelos escuros em pé,

atrás de mim. Ele é tão bonito que

me derreto instantaneamente. Dou

um passo até ele e me estico para

beijá-lo.

— Senti-me mal por ele. Acho

que eu comprei um monte de

merda. Olhe a carinha dele! — Enfio

Hemingway nos braços de Damon.

Ele pega o filhote nas mãos

grandes e fala balbuciando como

um bebê.

— Oh, coitadinho. Ele parece

tão tristonho — ele balbucia. Ai,

meu Deus. Espero que eu não

pareça idiota como ele quando falo

com o cão.

— Aposto que ele te acha o maior idiota da cidade, conversando com ele assim. E o nome dele é Hemingway. Ele poderia ser um gênio literário como seu xará, por tudo o que você sabe — digo, completamente sarcástica.

— Sim, você está certa. Talvez eu devesse beijar sua bunda peluda. Vamos lá, vou levar as sacolas para cima. — Ele joga o braço sobre meus ombros e caminhamos até o elevador, como um casal de verdade e com um cachorrinho de verdade. É um novo conceito na minha vida de merda. E eu gosto disso. Muito.

CAPÍTULO VINTE

Perda familiar

— Se você tivesse lido as instruções como eu te disse...

— Não preciso de instruções. É um pequeno carrinho de cachorro.

Não pode ser tão difícil de montar.

Acho que você comprou com defeito. Está faltando um parafuso.

Seguro o celular no ouvido e faço cara feia para a sua teimosia.

Ele toca e toca e Sutton não atende. Isso me preocupa. Ele sempre me atende. Por que não está atendendo? Meu coração, geralmente vazio e frio, aperta forte

no

peito

e

bate

descontroladamente.

— Alguma coisa está errada.

Posso sentir. Preciso ir lá. Tenho que ver como ele está. — Estou em pânico.

Damon levanta e me agarra pelos ombros.

— Respira fundo. — Sua voz é exigente e reconfortante ao mesmo

tempo.

Fecho os olhos e inspiro



profundamente pelo nariz e pela
boca.

— Agora, vamos até a casa
dele e ver se ele está lá. Venha
aqui. — Ele me puxa para seus
braços e me abraça apertado.

É calmante, mas apenas um pouco.

Sinto no meu íntimo que algo está
errado. Beijo Hemingway e o coloco em
seu novo cercadinho.

— Tenho certeza de que ele
está bem. Talvez esteja no banho
ou algo assim.

Gostaria que ele estivesse
certo, mas meu sexto sentido nunca
falha e sinto que algo está errado.

— Só se apresse, ok?

Ele acelera e nós fluímos pelo
tráfego, até chegar à casa de
Sutton.

— Vire aqui. É a terceira casa à

direita. É aquela cinza com quatro portas.

— Entendi.

Damon chega e para, mas já estou fora do carro, correndo até a porta de Sutton com a minha chave na mão. Ele me deu uma cópia há alguns anos, para um caso de emergência, e essa parece ser uma maldita emergência.

Toco

a

campainha

três

vezes

e

imediatamente começo a bater na porta com meu punho fechado.

Damon chega ao meu lado quase que instantaneamente.

— Capitão! Você está em casa?

Bato na porta e toco a

campainha mais três vezes. Ouço
um estrondo dentro da casa e, num
movimento rápido, abro a porta. A
corrente da tranca emperra e
Damon a arrebenta empurrando
com o ombro, fazendo a porta bater
contra a parede. Corro pela casa e
derrapo até parar no velho piso de
madeira.

—

Ah,

Merda!

Capitão!

Capitão! Oh, não. O que aconteceu?

— Derrapo pelo chão, de joelhos,

me dobrando até ele. Ele está em

uma

posição

desconfortável,

deitado no chão na sala de estar. O

estrondo que ouvi foi o maldito

telefone. Ele o puxou para baixo, de

cima da mesinha. Seu rosto está

deformado e algo está muito

errado.

— Oh, meu Deus. Chame a ambulância! — grito freneticamente para Damon. Ouço-o falar com um atendente. Coloco a brilhante cabeça careca de Sutton no meu colo e limpo a saliva do canto de sua boca.

— Oh, por favor. Por favor. Aguarde firme. Você está bem. Você vai ficar bem, Capitão. Não se preocupe. A ajuda está chegando. Só, por favor, aguarde aí — eu imploro a ele. Seus olhos brilhantes rolam sem rumo e sei que isso é horrível; algo ruim aconteceu. Aperto a mão dele e ele não responde.

Damon se agacha ao meu lado e pressiona dois dedos no pulso de Sutton e flashes de algo alarmante surgem na minha cabeça, mas não consigo identificar. Sinto-me tão fora de controle nesse momento.

Estou tremendo, minha adrenalina
está bombeando rápido nas veias.

— Onde eles estão? — eu
grito, à beira das lágrimas.

— Eles estão vindo, amor.

Estão chegando.

O som das sirenes é uma coisa
bem-vinda.

Ouçoo-os

se

aproximarem,

até

que

uma

ambulância e dois carros de polícia
param na frente da casa. Dois
paramédicos entram com grandes
bolsas pretas na mão.

— Senhor, senhora, somos do
corpo de bombeiros. Por favor, para
trás. — Eles se ajoelham para
ajudar Sutton. Retiram a cabeça do
meu colo e começam a dizer um
monte de merda em termos

médicos.

Não faço a menor ideia do que eles estão dizendo e isso me deixa furiosa.

— O que está acontecendo? O que diabos há de errado com ele?

— grito com eles.

Eles me ignoram e continuam trabalhando nele. Damon envolve-me em seus braços e me puxa para trás. Sinto como se estivesse observando tudo de cima. Como isso aconteceu? Por que não cheguei aqui mais cedo?

Um terceiro paramédico se vira para mim, colocando uma mão reconfortante no meu braço.

— Minha senhora, preciso lhe fazer algumas perguntas para que possamos ajudá-lo melhor.

Neste momento, a polícia e os paramédicos se misturam, me deixando totalmente confusa. Eles me fazem uma série de perguntas e

não consigo responder nem a metade delas. Como vou saber o que ele comeu ou se teve qualquer sintoma estranho hoje? Não falo com ele há dias, desde que me ligou para contar sobre a loja. E se ele estiver caído aqui todo esse tempo?

E se ele estivesse esperando por mim? Talvez seja por isso que ele estava tentando alcançar o telefone. Coloquei minha mão na boca, completamente mortificada só de pensar que ele pode ter precisado de mim e eu estava comendo porcarias de balas de amendoim e fazendo compras. O poço de lágrimas e um nó na garganta me fazem perder o ar.



Tento respirar profundamente, mas

o nó não deixa o ar passar. Vejo
pontos coloridos e me sinto
balançar e inclinar para Damon.
— Merda! — É tudo o que ouço
Damon gritar e, num piscar de
olhos, ouço uma vibração nos
ouvidos. Tudo fica escuro.
— Amor, acorda — diz Damon
com uma voz calma.
Acordo agitada, plenamente
consciente
do
que
está
acontecendo. Ouço as sirenes à
nossa
frente
enquanto
nos
dirigimos em alta velocidade para o
hospital, logo atrás da ambulância
de Sutton.
— Você desmaiou. Está tudo
bem; eu fiquei com você o tempo

todo. Como está se sentindo?

Ignoro sua pergunta fazendo
outra.

— Ele está bem? Eles disseram
se ele ficará bem? — Observo seu
perfil do banco do passageiro
reclinado. As notícias não são boas.

— Estão achando que ele pode
ter tido um AVC. Ele apresenta
alguns sintomas característicos de
acidente vascular cerebral.

Sinto

minha

adrenalina

impulsionar de novo, enquanto o
pânico me domina mais uma vez.

Corro minhas mãos pelo cabelo e
olho fixamente para a ambulância à
nossa frente.

Estacionamos na entrada da
emergência e corro para o pronto-
socorro. Damon segura firme na
minha mão e corremos por dentro
do prédio.

— Stanley Sutton. Ele acabou
de ser trazido pela ambulância —
falo ofegante.

— Desculpe, minha senhora,
você precisa aguardar na sala de
espera. Alguém virá falar com você
assim que puderem.

Bato o punho na mesa da
enfermeira e me afasto.

— Droga!

— Ei, respire fundo, ok? Você
tem que tentar manter a calma —
Damon me consola, passando as
mãos pelos meus braços. — Não
sabemos de nada ainda. Ele está
em boas mãos aqui.

Eu o deixo me levar até uma
cadeira no canto da sala de espera.
Ele senta sua grande estrutura
larga na cadeira desconfortável e
me puxa para o seu colo. Eu
cooperro, sentando em suas pernas
cruzadas e me aninhando em seu
colo. Aconchego meu rosto em seu

pescoço e as lágrimas e o pânico me invadem. Uma hora se passa como se fossem dez. Um médico aparece na entrada oposta da sala de espera onde estamos.

A enfermeira que nos disse para esperar, que ele viria falar conosco, aponta na minha direção.

— Sutton?

— Sim, sim. Como ele está? — pergunto apressadamente.

— Você é da família?

— Sim, ela é a neta dele —

Damon responde com autoridade, antes que eu possa sequer pensar em falar.

O médico assente.

— Ok. Conseguimos estabilizar o seu avô e ele está sendo levado para a UTI, no terceiro andar. — Ele

senta na cadeira vazia à nossa
frente e o medo me toma. Isso não
é bom. Ele olha para a minha mão
esquerda e, em seguida, volta para
o meu rosto.

— Srta. Sutton, seu avô teve
um derrame que causou um dano
cerebral significativo. Os exames
mostram
que
ele
tem
uma
hemorragia cerebral considerável.
Nós fizemos tudo o que estava ao
nosso alcance para ajudá-lo. Agora
temos que esperar e ver como ele
reage nas próximas vinte e quatro
horas. Sinto muito por não ter
notícias mais promissoras para te
dar. Você pode subir e ficar sentada
lá com ele. Ele está semiconsciente
e, provavelmente, muito confuso.
Irei

verificá-lo

novamente

em

breve, para saber como anda a

evolução do quadro dele. — Ele

estende a mão, pega a minha e

aperta. — Sinto muito, Srta. Sutton.

Fico encarando o médico em

transe. Ouvi o que ele disse, mas

não

registrei

nada.

Um

AVC?

Hemorragia cerebral? Como isso

aconteceu? Nem sei exatamente o

que é um AVC. Porra!

Damon me levanta de seu colo

e me guia até um elevador.

— Josephine, olhe pra mim. —

Ele coloca as duas mãos no meu

rosto e me obriga a encará-lo. —

Estou aqui. Eu não vou a lugar

nenhum. Vou me certificar de que

você fique bem.

O mesmo flash familiar passa
por mim. Todo esse pesadelo me
fez reviver o acidente: as sirenes,
os paramédicos, o hospital, os
médicos, as enfermeiras... O terror
de agora se embaralhando com
todo aquele de quase vinte anos
atrás. Sinto que não vou conseguir
suportar todo esse peso. Caminho
com Damon para o posto de
enfermagem. Pareço um zumbi;
meus olhos estão abertos, mas não
vejo
nada.
Estou
pensando
claramente,
mas
meus
olhos
recusam-se a se mover ou se
concentrar em algo. Olho fixamente
para o chão.

— Sutton? — Damon pergunta
a uma enfermeira.

— Quarto 328.

Damon nos guia para longe e meu olhar permanece fixo no chão enquanto caminhamos. Entramos em um quarto que é muito mais escuro do que o corredor. Ouço o som das máquinas, e isso me tira do meu torpor. Olho para cima e vejo Sutton deitado imóvel no leito hospitalar. Ele está ligado a todos os tipos de merda. Fios por todo corpo. Não faço a mínima ideia de para que servem, mas a visão deles dá calafrios. É ruim. Muito, muito ruim. Damon me leva até ele e, nervosamente, me empoleiro em sua cabeceira. Ele para de pé ao meu lado, quando estendo a mão e acaricio o rosto envelhecido de Sutton. Minha garganta aperta dolorosamente. Pego sua mão frágil e enrugada nas minhas mãos.

Tenho muito cuidado para não
enroscar na mangueira intravenosa
do soro.

— Capitão, por favor —

murmuro através das lágrimas. —

Por favor, não vá. Ainda não. Não
me deixe. — Balanço a cabeça e as
lágrimas fluem livremente pelo meu
rosto.

Ele

fica

me

olhando

confusamente

através

das

pálpebras pesadas. Acho que ele
quer me dizer alguma coisa, mas
ele está fraco demais. Sua pele
está pálida e sem vida. Sinto-me
em pânico; não sei como lidar com
isso. Posso ter tido uma relação
disfuncional de merda com Sutton,
mas ele é tudo o que eu tenho. Ele

tem sido um pai para mim e
podemos
até
fingir
que
nos
odiamos, mas nós temos uma
ligação especial. Sou grata a ele
por ter me tirado das ruas. Eu
entrei e praticamente exigi um
emprego e ele me deu uma chance.
Usei o meu salário da loja para
comprar as lápides que os meus
pais tanto mereciam. Pude comer
comida decente pela primeira vez
desde que eu era uma garotinha,
antes do acidente. Consegui um
teto para morar e comprei uma
cama de verdade para dormir. Ele
me deu uma oportunidade e essa é
uma dívida que eu jamais poderei
pagar. Sua mão aperta um pouco a
minha quando ele fecha os olhos.
Uma gota vermelha escorre de seu

nariz e meu choro se torna
incontrolável. Sei que essa é a
última vez que vejo seus olhos
abertos e sinto meu coração partir
com o sentimento muito familiar de
perda.

Damon me puxa para ficar de
pé e então para seu peito e me
envolve em seus braços. De uma só
vez, facilmente, ele me levanta em
seus braços e eu enterro meu rosto
molhado de lágrimas em seu
pescoço. Ele caminha para um
pequeno sofá perto da janela e se
senta, balançando minhas pernas
em seu colo e me embalando nele.
Enfermeiros entram e logo a sala se
enche com a equipe médica que
trabalha, em vão, para reanimá-lo.

— Ele não vai sair dessa, né?

— murmuro através de soluços
copiosos.

— Não, amor, acho que não.

Inclino-me com força em

Damon e me afogo em lágrimas e
tristeza. Perdi Sutton, meu Capitão.

CAPÍTULO VINTE E UM

Desespero perigoso

Três semanas e nada mudou.

Eu deveria saber disso, é claro, mas de alguma forma eu esperava que a morte de Sutton não doesse tanto quanto a morte dos meus pais. Fui ingênua em pensar uma coisa dessas. Ele foi minha referência paterna por sete anos. Estávamos juntos seis, às vezes, sete dias por semana. Fazíamos a maioria das refeições juntos. Ele sempre me respeitou e nunca me julgou. Ele sabia que eu era maluquinha, mas nunca me jogou na cara. Eu o amava por isso, mesmo sem perceber. Quase tive um troço quando descobri que ele me deixou tudo: sua casa, carro, seguro de vida... tudo. Eu sabia que ele foi

afastado de sua filha e neta por
anos,
graças
a
um
desentendimento entre ele e a ex-
esposa.

Nunca
perguntei
os
detalhes e ele nunca compartilhou;
não era da minha conta. Mas nunca
esperei ser sua herdeira no lugar
delas.

Agora, só consigo ficar olhando
para essa papelada toda. Tenho a
escritura da casa, o título do carro,
e uma pasta arquivo, cheia até a
borda, de documentos importantes,
dos quais eu não sei nada a
respeito... nada. Não sei o que
fazer com isso. Não vou conseguir
morar na casa dele, mas não
parece certo vendê-la. É uma bela

casa, mas é de Sutton, não minha.

Damon tem sido incrível;

minha

salvação

contra

o

já

conhecido desespero perigoso que
está batendo à minha porta. Sua
presença é o remédio que alivia
minhas feridas. Tenho me agarrado
a ele nas últimas semanas e ele, de
bom grado, está carregando o fardo
da infeliz namorada de luto. Sinto
que ele é tudo o que eu tenho
neste mundo, e, embora isso
pareça extremamente intimidante,
ele é mais do que suficiente. Ele é
tudo. É isso. Ele é único. Como sei
também que ele é meu próprio
reflexo. Se alguma vez duas
pessoas foram destinadas uma à
outra, essas somos nós. Nunca
acreditei nessa coisa de amor à

primeira vista e nesse papo furado
de alma gêmea, até agora. Até ele.
Tenho ficado na cama o tempo
todo. Todo trabalho na loja foi
interrompido, com a morte de
Sutton. Damon insistiu que eu não
me preocupasse com o projeto,
então, não tenho. Até pensei em ir
à loja, mas só o pensamento me
dói de uma forma que rouba o ar
dos meus pulmões e me faz querer
cair
de
joelhos.

Estou
completamente ferrada.
— Amor? — Damon entra no
quarto com um copo de suco de
laranja na mão.

Seguro Hemingway e viro de
lado para encará-lo. Meu bebê
calmo não se abala nem um pouco.

— Eu te amo, Hemingway. —
Enterro meu rosto em seu pelo

macio e ele lambe meu queixo, me
fazendo sentir o cheiro de seu
hálito doce de filhotinho.

— Ei, linda.

Eu zombo de seu elogio. Estou
longe de estar bonita agora. Estou
pálida e sem cor, sem um pinga de
maquiagem;

meu

moletom

e

camisola estão sujos e meu cabelo
está opaco e sem vida. Parece que
estou na cama há um mês.

— Não estou bonita.

— Você está sempre linda pra
mim e a minha opinião é a única
que conta.

Sorrio docemente para o meu
gostosão e desejo, do fundo do
meu coração, que eu não estivesse
tão ferrada agora.

—

Desculpa

—
murmuro

quando distraidamente acaricio o
pelo felpudo de Hemingway. — Eu
não sei o que há de errado comigo.
Não estou sendo muito justa com
você.

A cama afunda quando Damon
engatinha e deita ao meu lado,
totalmente vestido de calça e
camisa sociais habituais. Seus
afetuosos olhos cor de mel me
observam
de
perto
e
ele
rapidamente afasta duas lágrimas
perdidas que deslizam pelo meu
rosto.

— Escute. Você é a pessoa
mais importante na minha vida.
Está sofrendo agora e precisa de
mim. Nada me deixa mais feliz do

que saber que você precisa de mim.

Faz eu me sentir importante e... a-amado.

Ele gagueja a palavra “amado” e meu coração dispara, então se enche com mais amor do que eu jamais poderia lhe expressar. Pode ser o desgaste emocional causado pela morte de Sutton que me deixou assim, ou talvez seja apenas o que acontece quando você se apaixona. Tentei decifrar esse enigma a semana toda. Desde que o conheci, comecei a me sentir bastante chorona, sorridente, com expectativas e um monte de merda que nunca senti antes. Tenho até um cachorrinho doce que amo e mimo muito.

Ele

me

olha

esperançosamente,

com

sua

adorável

expressão

tímida,

deixando minhas emoções fora de controle. Mais lágrimas fluem pelos cantos dos meus olhos e posso afirmar que ele está nervoso por ter mencionando aquela palavra com “a”.

— Tenho pensado nisso e quero que você consulte um médico. Você está deprimida. Já marquei a consulta para amanhã de manhã.

— Eu te amo — confesso com uma voz que corresponde com a sua expressão tímida. É baixa e fraca, mas não menos poderosa. Seus olhos lentamente se fecham e ele exala uma respiração profunda, como se

estivesse

segurando-a. Então, se inclina e
segura meu rosto com suas duas
mãos grandes, pressionando os
lábios ternamente nos meus. Beija-
me com paixão, saudade e um
alívio que é palpável. Se um beijo
pudesse dizer o que ele sente, este
gritaria “eu te amo”.

— De novo — ele diz baixinho,
com os olhos ainda fechados.

Farei o que ele diz. Vou
repetir. Eu poderia dizer isso um
milhão de vezes e nunca me
cansaria de dizer a ele.

— Eu te amo. — Dessa vez
minha voz é mais confiante.

Ele puxa outra respiração
profunda,

como

se

estivesse

absorvendo a minha confissão,
então desliza para fora da cama e

fica de pé, de costas para mim. O
que ele está fazendo? Vejo-o
abaixar a cabeça, desabotoar a
camisa e tirá-la. Sua calça se junta
à camisa no chão, e então ele se
vira para me encarar. Seus olhos de
cor âmbar parecem diferentes,
estão mais intensos, com mais
tesão e... apaixonados. Posso
enxergar
naqueles
olhos
a
profundidade do que o meu
gostosão
está
sentindo.

Permanecendo em silêncio, ele
retira o Hemingway da cama e o
coloca na sua caminha de cachorro,
no chão. Espreito sobre a lateral da
cama e vejo que o meu bebê
mimado está acomodado e voltou a
dormir.

Damon rasteja de volta para a
cama e me beija castamente, antes
de puxar a camiseta pela minha
cabeça e jogá-la no chão. Seus
dedos deslizam até o cós da minha
calça de moletom larga, que logo é
descartada no chão também. Desde
que as roupas íntimas se tornaram
um incômodo, parei de usar tanto
calcinha quanto sutiã para dormir.
Sendo assim, fiquei diante dele,
completamente nua. Ele segura
minhas pernas para cima, por trás
dos meus joelhos e me espalha
amplamente
para
ele,
suas
bochechas estão coradas num rosa
claro, insinuando sua excitação. Sei
que me espelho a ele; posso sentir
um calor sutil no meu rosto. Meu
corpo
vibra

em

antecipação,

quando o vejo tirar a cueca boxer

cinza justa. Sua ereção surge livre

em toda a sua glória e aponta

pesadamente na minha direção.

Minha boca enche d'água para

tomá-lo profundamente e sentir seu

gosto na minha língua. As mãos

dele descansam em meus joelhos

dobrados

e

ele

olha

desesperadamente

dentro

dos

meus olhos.

— Mais uma vez — ele ordena.

Eu satisfaço a vontade do

homem pelo qual me apaixonei

completamente.

— Eu amo você.

Ele parece quase com dor

quando eu confesso meu amor por
ele e vejo seu peito subir e descer a
cada respiração profunda que ele
puxa. Ele é magnífico. Deslizando
para baixo, de bruços, ele descansa
confortavelmente entre as minhas
coxas. Seus lábios macios pousam
na parte interna e sensível da
minha coxa, fazendo com que
minhas pernas tremam, e suas
calorosas mãos as acariciam, me
acalmando

e
afastando
os
tremores. Seus lábios viajam pela
minha perna, passando pelo meu
centro e pousam na minha barriga,
logo abaixo do umbigo.

— De novo — ele murmura, os
lábios pressionados na minha pele.
A quentura de sua respiração
invade a minha pele e faz com que
o meu núcleo formigue e se

contraia.

— Eu te amo.

Ele geme quando eu repito.

Suas mãos deslizam pelo meu
corpo e seu rosto nivela com o
meu,
seu
olhar
castanho
penetrando
em
mim.

Nossos

olhares se prendem por um longo
instante. A ponta larga e grossa de
seu pênis golpeia minha abertura
escorregadia. Calor puro reúne na
parte baixa da minha barriga,
esperando que ele me tome.

Minhas pernas se abrem ainda mais
quando seus quadris se acomodam
em cima do meu corpo. Após se
instalar, ele escova fios de cabelos
soltos

na
minha
testa.

Ele
impulsiona para frente, apenas o
suficiente para romper a ponta,
passando
pelos
meus
lábios
molhados. Meus olhos fecham
enquanto espero que ele faça amor
comigo, pela primeira vez.

— Mais uma vez — ele exige
com a voz firme.

Tenho certeza de que ele está
usando todo o controle que tem
para se conter.

— Eu te... — quando começo a
falar, ele golpeia para dentro,
fazendo eu perder a respiração e as
palavras.

— Diga — ele rosna e para,
completamente enterrado até a

base.

— Eu amo você, Damon. Eu te amo mais do que qualquer coisa neste mundo!

Uma lágrima desliza pelo canto do meu olho. Ele a enxuga com o polegar e entrelaça seus dedos com os meus e estende nossas mãos acima da minha cabeça.

— Eu não poderia te amar mais do que eu já amo. Josephine, meu coração reside com você para sempre.

Ele lembra a citação da parte traseira do relógio da minha mãe. A mesma citação que meu pai disse para ela. Meu coração aperta dolorosamente e juro que eu poderia morrer de satisfação.

— Oh, Damon — eu murmuro, lágrimas fluindo livremente.

— Não chore, meu amor. — Ele move

os

quadris

para

trás,

retirando-se até a beira, então

desliza, lenta e profundamente.

Sinto a ponta grossa colidir nas

minhas partes mais profundas. Ele

se inclina para baixo, para enterrar

o rosto no meu cabelo, que está

espalhado gloriosamente na cama.

Sua declaração de repente me faz

sentir como uma deusa, e eu viro a

cabeça para acariciar seu pescoço.

Seus

movimentos

permanecem

lentos, constantes e profundos. As

lágrimas ainda fluem enquanto ele

faz amor lento e magnífico comigo.

Sustento minhas pernas tão altas

quanto eu consigo, permitindo-lhe

acesso

mais

profundo.

Sua

velocidade aumenta ligeiramente e sei que nós dois estamos à beira do clímax. Ele ofega pesadamente em meu ouvido e arqueio nele, quando um tsunami de prazer se prepara para me inundar.

— Ah, não pare. Não pare!

Sua velocidade aumenta ainda mais e uma de suas mãos solta a minha e desce para segurar o meu quadril, com uma firmeza sensual, mas ao mesmo tempo com leveza.

A força com que ele golpeia me consome. É de tirar o fôlego, até.

Meus dedos enrolam, meu núcleo contrai

e

uma

construção

monumental de picos de energia desaba. Meus músculos retesam e o pau duro de Damon aperta com força o meu canal. Ele empurra

mais e mais, em seguida para, seu
pau espasma e o corpo retesa. Ele
goza nas minhas profundezas e
desaba em cima de mim. Liberando
minha outra mão, suspiro quando
envolvo meus braços em volta dele.
Acaricio suas costas com as pontas
dos dedos e sinto quando sua
respiração
acalma
e
seus
batimentos cardíacos voltam ao
normal.

— Diga que você vai ficar
comigo.

Não
importa
o
que

aconteça. — Sua exigência abafada
sai mais como um pedido. Por que
ele
diria

algo
assim,
dessa
maneira?
Não
há
a
menor
possibilidade de eu ir embora.
Nunca.
Sou
completamente
e
irrevogavelmente dele. Nenhum
outro homem poderia chegar aos
pés do que eu sinto por Damon.
— Eu nunca poderia voltar à
vida antes de você. Você é tudo o
que eu quero. É tudo o que eu
preciso. Não vou a lugar nenhum.
Nunca mais. Você está preso a
mim, bonito.
Posso sentir seus lábios se
transformando em sorriso no meu

pescoço. Ele se retira de dentro de mim e continua descansando, metade em cima de mim, metade no colchão.

— Mesmo que leve o resto da minha vida, eu te juro, vou fazer você esquecer tudo de ruim que já te aconteceu. Nós vamos construir recordações felizes que superem as tristes em dez vezes. Eu vivo pra te fazer sorrir, Josephine.

— Bem, eu diria que você teve um bom começo, gostosão. — Enfio meus dedos em seus cabelos e o puxo levemente.

— Boa. Isso significa que a próxima parte será mais fácil.

Ele

se

apoia

sobre

um

cotovelo. Seu sorriso malicioso diz muito e olho torto para ele, com

desconfiança.

— Uh-huh...

Ele levanta uma das mãos,
adiando o meu protesto iminente.

Posso estar apaixonada e ansiosa
para passar cada momento com
ele, mas ainda me recuso a engolir
merda de qualquer pessoa. Como
diz a vó, “se eu engolisse merda de
qualquer um, acho que seria melhor
ser chamada de papel higiênico”.

— Tomei uma decisão: você
vem morar comigo. Oficialmente.
Seu apartamento está sendo todo
empacotado
nesse
momento,
enquanto conversamos.

Ele arrisca uma olhada pra
mim e vejo um lampejo de
preocupação naqueles olhos cor de
mel. Ah não... não posso deixá-lo
preocupado assim. Por dentro, sinto
como se alguém tivesse acabado de

abrir as cortinas da minha vida e deixasse entrar um pouco de luz. Estou aqui há quase um mês, então é claro que adoro a ideia de morar oficialmente aqui. Não consigo imaginar estar em qualquer outro lugar. Mas por fora, devo parecer em pânico porque ele está, obviamente, preocupado com a minha reação.

— Antes de começar a brigar, você deve entender algumas coisas. Esse assunto não é negociável. — Damon mantém suas mãos para cima, os dedos assinalando cada um de seus argumentos. — Sou seu namorado. Eu te amo. Preocupo-me com você. Estou com tesão quase sempre e você também. Acho que você está deprimida e precisa de

mim. Você não ficou na sua casa
um único dia esse mês. E também
tem o Hemi. Eu não quero entrar
numa briga desagradável pela
custódia dele com você, Josephine,
mas não me desafie. — Ele pisca
após a última parte e eu reviro os
olhos.

— Nunca! Ele me ama mais!

Ele
aperta
o
peito
dramaticamente, ganhando uma
risada minha.

— Isso é porque você é a mãe.
Todo mundo sabe que as crianças
sempre amam suas mães um pouco
mais. E você o mima demais,
também.

Sua acusação me faz fingir
estar horrorizada. Sem dúvida que
eu mimo o Hemingway, mas isso é
o mais gostoso. Eu o amo demais

para não mimá-lo.

— Bem. Já que não é

negociável e tudo...

Ele abre aquele sorriso derrete

calcinha e tenho certeza de que eu

visivelmente perco as forças diante

dele. Se o céu existe, então tenho

certeza de que ele deve ser isso.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Esqueletos no armário

—

Você

está

tendo

pensamentos suicidas ou algo

assim?

Semicerro os olhos para o

idiota sentado à minha frente.

— Não — eu disparo. Não sou

suicida. Estou de luto. Só isso! Não

acho que eu consiga me machucar,

mas se ele fizer mais alguma

pergunta irritante, posso pensar na

possibilidade de bater com aquele
maldito caderno de anotações com
capa de couro na cabeça dele.

Ele

me

avalia

como

o

psiquiatra que é e anota algo no
caderno em seu colo.

— Sabe, anotar coisas sobre
mim está realmente me irritando.

Portanto, guarde a porra das suas
anotações para mais tarde. Pode
ser? — Bato minha mão no braço
da cadeira. Isso é ridículo. Essa era
a ideia de eu ver um médico, mas
não pensei que seria assim. Ele
está me deixando agitada. É um
homem
mais
velho,
de
boa

aparência, mas sua falta de
respostas para mim está além de
frustrante. É isso que é terapia?

—

Por

que

as

minhas

anotações te incomodam?

— Eu só... não gosto da ideia

de você... escrevendo merda sobre

mim em seu caderninho. Você nem

me conhece, então como pode

escrever alguma coisa sobre mim?

Ele dá um aceno impessoal e

continua a escrever. Idiota.

— Por que você tem a

impressão de que eu penso mal de

você? Que eu escreveria “merda”

sobre você? — Ele usa aspas no ar,

o que só me perturba mais. É

irracional. Estou ciente disso, mas,

porra, ele está me irritando.

— Não sei. Talvez porque eu

esteja namorando um empresário
rico, que te pagou seis meses
adiantado para me ver, porque sou
uma fodida e fui uma órfã sem-teto,
cheia de esqueletos prestes a
saírem de dentro do armário?

— Suponho que você não se
sinta à altura do Sr. Cole, não é?
Encaro-o como se ele fosse a
pessoa mais estúpida do mundo.

— Hum, que parte dessa
comparação você não entendeu?

Empresário
rico.

Sem-teto,
desempregada, órfã. — Estendo
minhas mãos como uma balança e
ergo uma sobancelha.

— Josephine, não acredito que
Damon a veja assim. Então por que
você se julga dessa forma? Por que
não me conta outra coisa?

Bem, merda. Não tenho uma
resposta para isso.

— Eu não sei — murmuro e
brinco com um fiapo no meu jeans.
— Acho que nunca pensei em mim
de outra maneira.

— Certo, agora, quero que
você se defina de forma diferente
pra mim. Quero que você se
apresente e diga todas as coisas
positivas sobre você.

— Agora?

Ele
assente
e
vejo
sua
estúpida
caneta
pronta
para
escrever.

— Tudo bem. Hum... Acho que
eu, hum, trabalho duro. Não desisto
facilmente. Posso apanhar muito,
verbal ou fisicamente, e ainda

assim não desisto. Sou autodidata, aprendi sozinha quase tudo, desde que saí da escola, quando tinha doze anos. Entendo muito de livros, Sutton até costumava me chamar de biblioteca ambulante. — Pensar nisso me faz sorrir, mas logo bate a tristeza. Ainda não acostumei com o fato de que ele não está na loja me esperando. E não caiu a ficha de que, quando eu for pedir comida chinesa, não pedirei o seu frango agridoce de sempre.

— Vamos falar um pouco sobre ele.

Olho de relance para o psiquiatra velho e sou obrigada a falar.

— Quando fui ao The Diner, hoje de manhã, para o meu habitual café da manhã, juro por Deus que vi um homem mais velho andando pelo estacionamento que poderia facilmente ser irmão gêmeo

de Sutton. Meu coração quase parou quando o vi. Sei que não podia ser ele, quer dizer, eu o enterrei. Bem ao lado dos meus pais, na verdade. Fui a última a vê-lo antes de fecharem o caixão. Ele parecia calmo. Como se ele estivesse dormindo, sabe? Eles o fecharam na minha frente e o enterraram.

Somente

quatro

pessoas foram ao funeral dele. Eu, Damon, Brian, por consideração a Damon, acho, e um de seus vizinhos. E só. Ninguém se importou com a morte dele. Isso ainda me deixa triste e chateada. Mais pessoas deveriam ter se importado! Mais pessoas deveriam sofrer por ele! Não apenas eu! Estou tão cansada de ser a única a sofrer.

Não é justo comigo! — falo enrolado e caio aos prantos,

extravasando minhas emoções. O bom médico vem até mim e se agacha na minha frente. Ele me dá um lenço de papel e um tapinha nas costas. Coloca a caixa de lenço no meu colo e retorna ao seu lugar.

— Josephine, você está de luto. Está com raiva e isso é normal. É normal querer culpar alguém pelas coisas que têm acontecido. O primeiro passo que quero que você trabalhe é admitir as coisas que têm te magoado. Pare de lutar contra tudo isso. Permita-se sofrer. Permita-se chorar tanto e por quanto tempo for preciso, até que você coloque tudo pra fora. Você não pode dissimular todas essas coisas. Você tem um futuro pela frente e posso ver que você quer seguir em frente, mas tem que cortar seus laços com o passado, minha jovem.

Concordo com a cabeça e seco

os olhos.

— Eu sei. Quero tentar. De verdade. Damon merece o melhor. Ele é incrível e eu o amo. Vou tentar por ele.

O doutor me dá um meio sorriso e verifica seu relógio. Logo em seguida, encerra nossa primeira sessão.

— Até a próxima semana, doutor — digo, dando-lhe uma saudação com a mão. — Obrigada.

Quando chego na BMW de Damon, descanso minha cabeça no volante. Ainda não quero voltar para a cobertura. Aquilo lá está uma bagunça enorme, com um monte de caixas abarrotadas de porcaria inútil da minha mudança. Só consigo pensar em uma pessoa para me animar; meu bilhete de entrada é um saco cheio de balas de amendoim. Perfeito.

Depois de parar num posto de

conveniência para comprar as balas
da vó, eu corro para o lar de idosos.
Adoro essa mulher e juro por Deus,
ela é o melhor remédio que o
médico receitou agora há pouco.

Ela

é

sábua,

engraçada

e

inteligente. Eu poderia aproveitar
uma agradável e longa visita com a
vó para me distrair. Entro no
estacionamento, paro o carro e o
desligo. Antes de sair, envio um SMS
para Damon, avisando onde estou.

Parei para visitar a vó. Não
demoro. Te amo.

Um SMS entra na minha caixa de
entrada um minuto depois. Eu o
abro
enquanto
caminho
pelo

estacionamento.

Repete. D

Sorrio amplamente e digito um
outro SMS.

Eu. Te. Amo. ;

Meu celular vibra com a
chegada de um novo SMS enquanto
caminho pelo corredor em direção à
suíte da vó.

Boa menina. Eu também te amo.

Dá um beijo na vó.

Enfio o celular na bolsa e,
depois de virar a esquina, entro em
seu quarto, que já estava com a
porta aberta.

— Oi, vó, eu trouxe su... —

Congelo no lugar quando vejo que
ela já tem companhia. — Oh, me
desculpe. Posso voltar depois.

— Não, não! Traga-me esse
doce, menina!

Dou um sorriso hesitante e
caminho pelo quarto. Um homem
mais velho, com olhos vidrados e

injetados e cabelo loiro prateado
abre um sorriso exibindo os dentes.
Ele está sentado na cadeira ao lado
da cama da vó. Quem é esse cara?
Entrego o saco de doce da vó, que
o rasga feito uma alucinada, e
espero ser apresentada.

— Josephine, este é meu filho,
Edward. Eddie, esta é Josephine,
namorada de Damon.

Suas sobrancelhas arqueiam e
ele cruza os braços sobre o peito.

— Ahh. Então você é a putinha
vagabunda que eu deveria ficar
longe.

— Com quem diabos você
pensa que está falando, seu bêbado
imundo? — ataco de volta.

— Ei! Vocês dois, parem com
essa porra! — a vó facilmente
interrompe nosso ataque verbal e
nos resignamos a olhares de
reprovação e revirar de olhos pelo
resto do tempo da minha visita.

Tento ficar animada.

— Mãe, vou dar o fora. —

Edward, aquele pedaço de merda
bêbado, se inclina e dá um abraço
meia-boca na vó.

Oportunidade bate à porta.

— Sim, acho que seria melhor
eu ir também. Damon está me
esperando. — Inclino-me para
beijar sua bochecha enrugada e
abraçá-la.

Corro para alcançar Edward no
corredor.

— Ei!

Ele para e se vira para mim.

— Eu não sei quem diabos
você pensa que é, mas fale comigo
daquele jeito novamente e vou
socar essa sua cara até você cair!

A próxima coisa que eu sinto é
a sua mão nojentas colidindo no
meu rosto. Este ser desprezível
acabou de me dar um bofetão. Ele
perdeu o juízo. Sem pensar, minha

mão recua e então meu punho
cerrado atinge diretamente na sua
boca bêbada nojenta. Ele resmunga
e aperta com força sua boca
sangrando.

— Você nunca mais coloque
suas mãos em mim novamente —
grito com os dentes tão cerrados
que chegam a ranger. Viro e vou
em direção à saída. Olho para uma
enfermeira quando saio, seus olhos
estão arregalados de choque.

Droga, minha visita será proibida e
Damon ficará irritado. Exatamente
o que eu preciso nesse momento.

Na volta para casa, tento
encontrar uma desculpa decente
para minha possível proibição no lar
de idosos, mas nada me vem à
cabeça. Aposto que já entraram em
contato com ele para lhe contar
sobre a minha briga com o pai.

— Que ótimo — murmuro
sozinha quando digito o código e as

portas fecham para me levar
diretamente para minha ruína. Vou
ser honesta e me explicar. É a única
chance que tenho, a melhor coisa a
fazer. Se ele ficar irritado, vou
rastejar até que ele me perdoe.
Sim! Esse é um bom plano.

— Cheguei! — grito. Ninguém
aparece.

Onde
eles
estão?

Hemingway
normalmente
vem
correndo escorregando e deslizando
todo desajeitado até o hall de
entrada. — Olá?! — Ando pelo
corredor em direção ao escritório de
Damon, desacelerando os passos
quando o ouço falar. Quem está
aqui?

Paro
diante

da
porta
entreaberta do escritório e vejo
Damon na cadeira e Hemingway
sentado na mesa, olhando com
atenção para a tela do computador.
— E esse, Hemi? O que você
acha? Será que ela vai gostar?
Damon bagunça a cabecinha
peluda do Hemi antes de me notar
na porta. Sua mandíbula cerra e sei
que ele está irritado. Ele coloca
Hemingway no chão e vem até mim
com pressa. Ele pega a minha mão
e me arrasta para o quarto. Ai,
merda... Sua mão agarra o meu queixo
e me obriga a olhar no espelho e vejo
por que ele está enlouquecido. Meu
lábio inferior está cortado e com sangue
seco logo abaixo dele. Droga. Eu nem
sequer senti isso. Ou o gosto do sangue.
A adrenalina faz coisas desse tipo.
— Quem cortou seu lábio? —
Seu

peito

sobe

e

desce

pesadamente,

seu

rosto

está

vermelho e o punho tão cerrado

que os nós dos dedos estão

brancos.

— Entrei numa briga com seu

pai. Ele me deu um tapa, então lhe

dei um soco. Ele parece bem pior

do que eu.

—

Josephine,

não

estou

achando graça do seu deboche.

Diga-me que porra aconteceu.

Agora.

— Ele estava lá com a vó. E

me chamou de putinha vagabunda.

Eu o parei no corredor para dizer
que não falasse mais assim comigo
e ele me deu um tapa, então eu lhe
dei um gancho de esquerda.

Acertei-o em cheio, modéstia à
parte — digo a última parte com
orgulho, porque é verdade. A cara
dele sangrou muito mais do que a
mísera gotinha de sangue do meu
lábio cortado.

— Eu vou matá-lo. Juro por
Deus, vou enterrar aquele pedaço
miserável de merda! Ele já arruinou
a minha vida, não vou deixá-lo se
meter com você!

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Respostas

— Você não tem que limpar
isso como se fosse uma ferida
mortal, sabe. Esse antisséptico arde
de verdade!

Damon volta seu olhar cor de
âmbar ainda furioso para mim e

decido que é melhor eu ficar de
bico fechado até que ele esfrie a
cabeça. Ofereço um sorriso fraco,
mas estremeço quando o corte do
meu
lábio
repuxa.

A
minha
expressão de dor alimenta ainda
mais a raiva do meu gostosão. Ele
aponta o dedo para mim e eu
congelou no lugar.

— Se você o vir novamente,
saia de perto dele. Não importa
onde esteja. Saia de perto e me
ligue imediatamente. Não quero
você em nenhum lugar perto
daquele filho da puta. Entendeu?
O tom e a urgência na voz dele
me deixam um pouco assustada.
Posso lidar com um bêbedo assim
como qualquer outra pessoa, mas
algo me diz que ele não é um típico

bêbado babaca. Algo diferente na

voz

de

Damon

me

deixa

preocupada de verdade. Ele tinha um sorriso sinistro no rosto quando entrei naquele quarto. Não era o tipo de sorriso que significa algo de bom. Preciso de algumas respostas, mas é claro que elas não virão de Damon. Ele está muito perturbado e firme sobre me manter afastado do pai dele. Terei que conversar com a vó novamente.

— Vou ficar longe dele, amor.

Fique calmo, tá bem? — Dou um passo até seus braços e acaricio a esculpida maçã de seu rosto. — Você não tem que se preocupar comigo. Sou uma moça crescida. — Sorrio, mas isso não melhora o seu humor.

—
Você

não

entende,

Josephine. — Ele balança a cabeça
e me puxa para seu peito. Seus
braços apertam em volta de mim e
eu mal consigo respirar. Ele está
apavorado. Algo está errado.

— Ele destrói tudo que o toca.

Suga a vida de todos ao seu redor.

Usa e magoa as pessoas, e depois
as descarta, quando elas não têm
mais

serventia.

Eu

ficaria

completamente devastado se te
perdesse por causa dele. Eu não
conseguiria viver sem você. Não
quero viver sem você.

Suas palavras me deixam
preocupada e mais profundamente
apaixonada, de uma só vez. Parece

que o meu pobre gostosão é perturbado, assim como eu. Talvez eu devesse levá-lo ao psiquiatra.

Sorrio por dentro com a ideia de Damon sentado na cadeira em que estive conversando com meu novo psiquiatra sobre o que quer que fosse. Não consigo imaginá-lo fazendo isso.

— Você já foi alguma vez a um psiquiatra? — pergunto, sem nem mesmo pensar.

— Já. Vejo o Dr. Versan há anos. — Ele me libera e começa a arrumar o kit de primeiros socorros.

— Oh. Eu... ele não disse. — Não sorrio mais. Anos? O quão perturbado ele é?

— Ele não tinha que te dizer nada. Recebeu ordens para isso. Além do mais, ele é obrigado a respeitar o sigilo medico paciente — ele simplesmente explica.

— Quando você começou a ver

o velhote? — Sei que não deveria empurrá-lo, mas quero saber, tenho que saber. Sou bastante perturbada e ele sabe todos os meus problemas com a exceção de um ou dois, mas não sei quase nada sobre o seu passado. Ele nunca o mencionou até agora e não me preocupei muito em incentivar o assunto.

— Há muito tempo atrás. Eu era adolescente quando me tornei seu paciente. A vó o encontrou para mim.

É isso? — O q...

— Não quero falar sobre isso agora, pode ser?

— Ei. — Seguro seu braço, detendo sua arrumação. — Quando e se você quiser conversar sobre isso, estarei aqui e não vou a lugar nenhum.

— É exatamente por isso que eu não quero conversar.

O

quê?

Franzo

as

sobrancelhas, confusa com o que
ele disse.

— Agora, vamos mudar para
temas mais... prazerosos. — Sua
mão passeia pelo meu vestido de
algodão e vai direto para a junção
das minhas coxas. — Você já está
pronta pra mim?

— Quase — digo com voz
trêmula.

Dois dedos inteligentes vão
diretamente para o meu clitóris e
friccionam na união de nervos
ultrassensíveis. Fecho os olhos.

Minha cabeça inclina para trás. Com
um rápido puxão na minha calcinha
de renda, ele me deixa nua e
devassa. Observo que o meu
homem robusto tem um método
para

a

sua

loucura:

rasgar

facilmente calcinhas de rendas

delicadas, especialmente quando

elas estão úmidas. Não é de se

admirar que o armário esteja

abastecido

com

tantas.

Que

malandro. Amo isso. Ele agarra

minha cintura e me levanta para

me sentar na bancada do banheiro.

Meu coração dispara no peito. Sei

que ele está frustrado e dessa vez é

para trazer alívio. Ele não vai fazer

amor lento comigo. Ele vai me

foder duro e rápido e estou pronta

para isso.

— Quem mantém essa doce

boceta molhada, Josephine? —

Suas palavras e respiração contra a

minha bochecha provocam arrepios.

— Você — digo baixinho.

Seus longos dedos deslizam

em

minhas

profundezas,

promovendo a minha necessidade

de ser preenchida por ele.

— E você sabe por que essa

boceta fica molhada para mim,

Josephine? — Seus dedos deslizam

pelas minhas paredes internas três,

quatro, cinco vezes antes de serem

retirados. Faço que não com a

cabeça. Ele enfia os dois dedos,

cobertos pela minha excitação, na

boca e cantarola deliciosamente

enquanto os chupa.

— Porque... — Ele desabotoa e

abre o zíper da calça do terno,

libertando sua ereção, que contrai e

se projeta para fora, na minha

direção.

— Isso... — Ele lentamente

puxa meu vestido para cima, em
volta da minha cintura.

Olho para baixo, e a visão de
sua ponta grossa roçando na minha
abertura, esperando-o, faz meu
corpo desejar o dele.

— É... — Ele segura a base do
pênis com uma das mãos e desliza a
cabeça para cima e para baixo, na minha
abertura, seus olhos cor de âmbar
encontrando os meus.

— Meu! — ele fala alto,
quando avança para frente, para
dentro de mim.

Eu grito. Nem todo sexo do
mundo com ele pode me preparar
para a sua plenitude. Ele faz uma
pausa, apenas tempo suficiente
para eu recuperar o fôlego que seu
poder arrancou de mim. Suas mãos
apertam meus quadris com tanta
força, que tenho certeza de que
deixará marcas. Envolver minhas
pernas em sua cintura, permitindo o

acesso que ele exige. As veias de
seu pescoço sobressaem e pulsam,
os olhos nublam de paixão. Sinto-o
sair de mim, e cada saliência e veia
de
seu
eixo
deslizam
deliciosamente
pelas
minhas
paredes
internas.

Ele
desliza
profundamente de volta, sua ponta
grossa golpeando meu interior e
enviando ondas de prazer e de dor
em mim. Ele estabelece um ritmo
insano, um ritmo de penetração
que estremece meu útero. Seguro
seu ombro musculoso enquanto ele
mergulha profundamente, várias e
várias vezes. Com cada mergulho e

retirada, sou levada à liberação.

Olho para baixo e aprecio a beleza
erótica de nossos corpos se unindo.

A visão dos meus lábios vaginais
acomodando

sua

larga

circunferência envia uma nova onda
de calor para o meu centro,
acelerando minha pulsação ainda
mais. Ele me agarra firme e segura
minha bunda para me levantar da
bancada. Estou pressionada nele,
peito com peito, enquanto ele nos
leva para a parede.

— Segure-se firme, amor — ele
avisa, e não tenho a menor dúvida
de que devo obedecê-lo. Agarro-me
firme a ele. Estou presa entre seu
peito musculoso e a parede. Suas
mãos estão abertas na extensão da
minha bunda. A dor de suas unhas
curtas, cravando em minha pele
suave, é bem-vinda. Ele puxa seus

quadris dos meus, tirando o pênis
grosso de dentro de mim. Então
desliza de volta, golpeando-me
mais
forte
e
rápido.

Seus
movimentos
continuam
implacavelmente. Ofego e cravo as
unhas em suas costas. Seus
rosnados e grunhidos de prazer são
os únicos sons a serem ouvidos,
além do som de nossos corpos
úmidos
colidindo.

Estou
completamente
sem
fôlego
e
eufórica. De repente, meu corpo
começa o aperto familiar e a

sacolejar mais, quando um súbito

orgasmo desaba em mim.

— Ah, Damon! — grito seu

nome e minha visão se torna

distorcida e irregular. Ar assobia por

entre meus dentes cerrados. Ele

avança mais uma vez e para,

enfiado profundamente em mim.

— Porra! — ele grita quando

seu corpo estremece e seu pênis

contrai dentro de mim.

Sua liberação me enche de

calor de novo e delicio-me com a

sensação.

— Nunca me deixe, por favor

— ele murmura.

Seu apelo me desperta da

minha euforia e então percebo

quão apavorado ele realmente está

de me perder. Merda, talvez ele

tenha tanto medo da perda quanto

eu.

Aliso seu cabelo por entre

meus dedos.

— Por que você está com
medo de me perder? Não vou a
lugar nenhum. Meu coração é seu.
Eu não poderia te deixar, mesmo
que eu tentasse.

Ele inclina para frente e
descansa sua testa no meu ombro.

— Só nunca me deixe.

— Eu não vou.

Sinto

seu

corpo

relaxar

consideravelmente e, de uma só
vez, percebo que o medo não é por
minha
causa.

Sua

mãe

o

abandonou ainda bebê. Essa é a
razão pela qual ele tem tanto medo
de me perder. Meu homem grande
e forte tem problemas maternos.

Minha nossa! Não é à toa que ele

se consulta com o Dr. Versan.

Ele se retira de dentro de mim

e o sêmen vaza. A adrenalina não

alivia a dor nas costas e uma

vagina latejante. Ando na ponta

dos pés para recuperar minha

calcinha, como se andar levemente

fosse, de alguma forma, aliviar

minha dor. Dou uma olhada em

Damon, que me lança um olhar

tímido. Merda. Tenho que começar

a

esconder

melhor

o

meu

desconforto ocasional quando ele

for bruto. Vê-lo arrependido é triste

e muito mais doloroso do que a

minha pequena dor temporária.

— Não me olhe assim, eu

estou bem.

— Não, você não está. Eu

deveria saber que não devo te tocar
quando estou puto. Machuquei a
minha mulher.

Ele dá um passo até mim e me
puxa em seus braços, exatamente
onde eu gosto de ficar. Peito com
peito, minha cabeça encostada no
seu coração.

— Eu estou bem. Te amo.

— Te amo mais do que você
imagina.

Sorrio com o rosto pressionado
no peito dele, posso ouvir seu
coração batendo. Isso é que é vida
boa, bem aqui.

— Odeio ter que te deixar
sozinha, mas tenho alguns assuntos
para tratar.

Minha chance! Vou conversar
com a vó...

— Não tem problema. Eu
estava
pensando
em

ir

ao

supermercado. — Aliso meu vestido

para baixo e vou até o closet para

pegar uma calcinha nova. Viro-me e

vejo Damon, carrancudo, atrás de

mim. — O que foi?

— Você não precisa fazer

compras. Pago uma pessoa para

fazer isso por nós.

Nós. Que lindo.

—

Isso

é

um

enorme

desperdício de dinheiro, Damon.

Posso muito bem fazer compras.

Sem dizer que tenho o resto do dia

livre. Hemingway e eu vamos

enlouquecer se ficarmos presos

aqui, sem fazer nada.

Ele pega a carteira e a abre.

— Aqui. Vá comprar algumas

merdas para o Hemi ou para você.

O... o que quiser.

Lá vem a questão do dinheiro.

Ele empurra um cartão de crédito em meu rosto e o nome nele me chama a atenção. O quê? Pego o cartão de sua mão e o seguro tão perto, que ele toca o meu nariz, para ter certeza de que não estou vendo errado.

— Esse é o meu nome! —

Seguro o cartão plástico em tom acusador.

—

Sim.

Você

é

minha

namorada. Planejo ficar com você

para sempre. Nós moramos juntos.

Você precisa ter acesso ao dinheiro.

E aqui está. — Fico boquiaberta e, simples assim, perdi a batalha. Mais uma vez. Ele dá um passo à frente

e fecha minha boca com um dedo,
pressionando meu queixo, então
me beija com ternura. — Eu amo
você, mulher. Você e o garoto
peludo fiquem fora de problemas.
Estarei em casa em algumas horas.
Ele sai do closet enorme, que
agora está com todo o lixo da
minha mudança num dos lados.
Olho para baixo e vejo Hemingway
lambendo os beiços, efetivamente
me lembrando que o meu “garoto
peludo” precisa de comida.
— O que vamos fazer com o
nosso cara, Hemingway? Ele é um
mistério. Precisamos de respostas.
— Pego o meu carinha no colo e
sigo para a cozinha, mas não antes
de pegar meu celular. Vou ligar
para a vó. Ela deve me esclarecer
um pouco.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Pego meu celular e disco para
a vó, enquanto distraidamente olho
Hemingway devorar sua comida.

— Alô?

— Oi, vó, é Jo.

— Oi! Estou tão feliz que você
ligou. Peço desculpas por esse meu
filho. Juro, ele gosta de me
envergonhar como mãe.

Faço um estalo com a língua,
com seu pedido de desculpas.

— Ele é um bundão crescido,
vó. Deixe-o ser o estúpido que
quiser, você não tem culpa. Ei, eu
queria saber se você tem um
tempinho pra conversar?

— Claro. Tudo pela minha
fornecedora.

Gargalho alto; nossas trocas
de balas de amendoim, na verdade,
me fazem lembrar que isso é pior
do que drogas, e aqui estou eu,
permitindo que uma velha senhora
perca os dentes.

— Então, eu estava querendo saber sobre a mãe de Damon. Qual é a história? Tipo, tooooda a história.

Ela suspira com conhecimento de causa e posso dizer que ela vai desistir das mercadorias.

— Bem, acho que você vai descobrir mais cedo ou mais tarde.

A mãe de Damon era jovem. Muito jovem. Edward já era casado e tinha um bebê a caminho com a minha, agora, ex-nora. Bem, pelo que eu sei, Eddie enganou e engravidou essa moça. De Damon. O nome dela era Beverly; não me lembro o sobrenome, mas lembro que o primeiro nome dela era Beverly. De qualquer forma, Eddie foi horrível com ela e, quando Damon nasceu, ela apareceu na minha casa, já que nessa época Eddie já tinha se separado da esposa e estava morando na minha

casa. E lá estava ele: um pequeno menino envolto em uma manta azul. Disse que seu nome era Damon e que ele era todo nosso. Disse que era muito pobre e jovem e não podia suportar olhar para Damon. Eu nunca disse a ele essa parte, então, por favor, guarde isso pra você. Isso não me surpreendeu, de qualquer forma. Ouvi o modo que Eddie falou com ela ao telefone uma vez; ele é um homem sem vergonha. Eu não o deixaria tratar o meu neto da mesma forma que tratou aquela pobre garota, então o obriguei a fazer a coisa certa e criar o filho. Minha nora se divorciou dele assim que descobriu tudo; foi um inferno tentar uma conciliação. Ela deixou a cidade com a minha neta e nunca mais teve qualquer relacionamento com Eddie. Não a culpo por isso.

Fico de boca aberta e ouço a

vó soltar um longo suspiro triste.

Meu Damon, pobre Damon.

— Não posso acreditar... Estou
tão chocada. Não é de se admirar que
você o fez procurar o Dr. Versan quando
ele era adolescente. Ele deve ter lidado
com um monte de merda. Um bêbado
como pai e ser rejeitado pela mãe.

Ela
deixa
escapar
outro
suspiro.

— Bem, na verdade, isso é
uma outra história trágica. Ele
começou a ver Versan após o
acidente.

Acidente? Que acidente? Ele
nunca me falou sobre qualquer
acidente. Ele sabe do meu, mas
nunca falou nada sobre ter se
envolvido em um.

— Então, por que exatamente
ele precisou ver o Versan após o

acidente? — Por favor, continue

falando.

Por

favor,

continue

falando. Posso ouvi-la respirar

profundamente e sei que ela está

hesitante em dizer mais.

— Querida, você tem que

entender.

Ele

tinha

apenas

dezessete anos quando aquela

coisa horrível aconteceu e ele não

conseguia lidar com isso.

— Lidar com o quê?

— Ele e Eddie estavam

discutindo e bateram de frente, em

uma família.

Meu coração dispara no peito e

de repente aquela familiaridade me

atinge como um tiro de espingarda.

— Quando isso aconteceu? —

Meus olhos travam num ponto no
chão e não consigo desviar. Minha
concentração
é
completamente
consumida pela história da vó.
— Em junho de 96, eu creio. A
mãe e o pai morreram. Havia uma
menina que Damon tirou do carro,
mas nunca soubemos o que
aconteceu com ela. Acho que ela
sobreviveu,
mas,
quando
procurávamos informações sobre
ela, éramos totalmente detidos a
cada passo por causa da burocracia
no sistema de adoção. Damon
nunca superou isso, ele disse que a
menina partiu seu coração. Ela
gritava por seus pais e estava
coberta de sangue. Ele disse que
sabia que eles tinham morrido, mas
ele só conseguiu agarrar a menina

e a levou para longe. Você entende,
querida? Ele se culpa pelo acidente,
por ter matado aquelas pobres
pessoas.

Meus olhos arregalam e meu
coração aperta.

— Eu tenho que ir. — Desligo
antes que ela possa responder.

Olho fixamente para o vazio,
enquanto tento me concentrar em
respirar. Ele matou meus pais. O
homem por quem sou apaixonada
matou meus pais. Ele tirou maman
e papa de mim. Toda a minha vida
tem sido a porra de um inferno por
causa dele. Eu o odeio. Odeio
quase tanto quanto o amo e estar
dividida assim é um inferno que não
desejo a ninguém.

Faça alguma coisa. Qualquer
coisa. Saio do meu transe e olho
para baixo, para o Hemingway. Eu
o pego no colo e subo as escadas
correndo e vou para o quarto.

Coloco-o em cima da cama e corro para o closet. Pego uma caixa e começo a encher. Não posso ficar aqui. Não posso ficar com ele. No momento em que penso nisso, meu coração se quebra em um milhão de pedaços. Curvo-me, junto um monte de roupas nos braços e as jogo de volta na caixa, de onde vieram.

Atiro

as

coisas

aleatoriamente e depois vou para o banheiro e faço o mesmo. Junto todas as merdas de Hemingway e as embalo com pressa. Uma por uma, carrego as caixas para baixo, até o grande sedan cinza que herdei do Capitão. Não acredito que estou indo embora. Não quero ir embora. Mas eu tenho que ir. Ele matou meus pais, pelo amor de Deus. Porra, ele sabia quem eu era!

Tinha que saber. O pensamento de
ele saber e esconder de mim me



deixa muito puta. Dou mais uma
varredura pela cobertura para ver
se sinto falta de alguma coisa
importante. Procuro o relógio da
minha mãe, mas não o encontro.
Droga! Coloco meu cachorrinho na
caixa de transporte e vou embora.
Chego na casa de Sutton e
hesito quando destravo a porta e
entro. Respiro fundo. Estou pronta
para isso. Ainda há invólucros
plásticos no chão dos materiais
médicos
esterilizados
que
os
paramédicos usaram nele. Coloco a
caixa transportadora de Hemingway
para baixo e entro em colapso,
desabando no chão. Choro e soluço.
Choro pela perda dos meus pais;

pela de Sutton, meu Capitão; por
me apaixonar por um homem que é
a minha outra metade absoluta e o
perder pelas circunstâncias. Bato o
punho com força no chão, a dor
aguda irradiando pelo meu braço.

— Por favor, Damon, não. Ele
não — grito sozinha. Lágrimas
fluem pelo meu rosto. Meus olhos
incham

e
ardem,

mas

nada

comparado com a tortura que estou
sentindo

por

dentro.

Traí

a

memória dos meus pais ao me

apaixonar pela pessoa responsável

por suas mortes. Nunca vou me

perdoar. Sofro por Damon também.

Quando ele descobrir que eu sei e que o deixei, ele vai pirar. Não quero magoá-lo como sua mãe o magoou. Eu o amo demais para lhe causar dor.

— Droga! — Eu tenho que vê-lo. Tenho que tentar explicar por que não posso mais ficar com ele e preciso de respostas. Preciso saber se foi tudo uma grande mentira. Se o que temos é uma mentira...



Quando entro no edifício alto, olho para Howard e o ouço falando ao telefone, em sua mesa.

— Ela acabou de entrar, chefe. Eu nem sequer o cumprimento enquanto ando em direção aos elevadores. Esfrego os olhos e respiro fundo. O elevador chega e as portas se abrem.

— Vamos lá — murmuro baixinho, quando entro no hall principal. Soco o código e abro a

porta, entrando na sala com as
pernas bambas. Minhas mãos estão
tremendo
incontrolavelmente.

Posso sentir meu lábio trêmulo e
não me incomodo em tentar
esconder minhas emoções. Eu as
deixo fluir desinibidas; para o
inferno com o meu autocontrole.

Ele está esperando por mim.

Eu o sinto na sala.

— Você sabia.

O olhar de Damon dispara em
mim e, sem dizer uma palavra, sei
que estou certa. A tristeza e o
arrependimento que vejo em seu
olhar desabam em cima de mim
como o mais pesado dos fardos.

— Não. Não. — Balançando a
cabeça, imploro por palavras de
negação dele, mas ele não diz
nada.

Então se levanta e começa a
andar em minha direção, mas,

reflexivamente, recuo à medida que
ele avança.

— Não. Você não, Damon. —

Minha voz treme através da minha
choradeira silenciosa.

—

Josephine.

Amor,

me

escute.

— NÃO! Nunca mais me chame
assim!

Ele para no meio do caminho e
passa as mãos pelo cabelo escuro e
despenteado. Parte de mim quer
abraçar o homem que amo tão
completamente, mas a minha parte
ferida não quer nada mais do que
causar a dor que eu senti por
dezesseis longos anos infelizes. Nos
encaramos por um momento. Que
merda devo fazer com isso?

Apaixonei-me pelo homem que
matou a minha família. E ele deixou

eu me apaixonar por ele. Ele sabia quem eu era, e nunca disse uma palavra. Ele me tirou o chão. Me fez querê-lo. Então, me fez precisar dele e agora eu não consigo imaginar minha vida sem ele. Eu o amo e preciso dele, mais do que a minha próxima respiração.

— Jo, eu queria te contar. Eu tentei. Droga, você tem que acreditar em mim, meu amor.

— Quanto tempo? Há quanto tempo você sabe? — Minha voz é um sussurro baixo, mas ameaçador ao mesmo tempo.

Os olhos âmbar de Damon não estão

mais

acolhedores

e

convidativos.

Eles

parecem

atormentados

e

vazios,

mais

instáveis. Seu peito desinfla e estou dividida entre abraçá-lo e atacá-lo com as minhas unhas.

— Quando você me deu o seu endereço de e-mail no café, pensei ter reconhecido o nome. Verifiquei para ter certeza. E depois o relógio, lembrei de ter visto no pulso de sua mãe quando chequei sua pulsação. E confirmei quando vi a cicatriz na sua perna. Eu soube que era você. É por isso que ele ficou estranho quando viu minha cicatriz? Ele sabia que era do acidente. Ele verificou a minha identidade quando transamos pela primeira vez?

— Seu filho da puta. Você viu a cicatriz e o relógio que provaram quem eu era e ainda assim me comeu? Ou talvez seja por isso que você me comeu. Na realidade,

provavelmente essa seja a única razão pela qual eu esteja aqui agora. Certo? Tentando fazer a coisa certa? Tentando me comprar com o seu dinheiro e presentes para que você possa dizer que sua dívida foi quitada? Então, ter causado a morte de meus pais não o fez se sentir um merda? Eu sou a porra de um caso de caridade. É isso que é. Você não me ama, está tentando acertar as contas. Você não tem um pinga de vergonha e não consigo mais suportar olhar para sua cara.

Eu sabia que minhas palavras o machucaram, porque, quando eu as disse, me devastou. Não quero acreditar numa única palavra. Não acredito que ele não me ame. Não consigo. Mas o meu juízo está distorcido. Isso tudo é tão fodido. É mais terrível do que o meu pior pesadelo.

— Por favor, vamos tentar
resolver isso. Você é o meu tudo,
Josephine. Você é o meu mundo. Eu
preciso de você. — Ele começa a se
mover
em
minha
direção
novamente, e levanto a mão,
detendo-o no lugar.

— Sim, bem, eu não preciso ou
quero você. Eu te odeio, Damon —
minto. Deus, como eu minto.
Preciso e o quero mais do que
posso
expressar.

As
palavras
falham-me da pior maneira, quando
tento pensar em maneiras de
descrever o quanto o amo.
Viro-me no lugar para que o
meu corpo entorpecido me leve
para longe deste lugar tão rápido

quanto possível. Por algum milagre,
me encontro correndo de volta para
a porta. Sei que Damon está na
minha cola, posso senti-lo perto de
mim como sempre sinto. Seus
dedos apertam a dobra do meu
cotovelo e eu giro para encará-lo.
Puxo-o com força de seu agarre.

—

Não
me
toque!

—

praticamente rosno.
O rosto de Damon é de
completo desespero e sofro ainda
mais com essa visão. Não creio que
Deus seja tão injusto. Por que
razão fui submetida a isso? Não é
justo. Eu perdi tudo. Amo um
homem que não posso me permitir
ter. Ele é a razão de a minha vida
ter sido tão horrível. Sabia a
verdade e escondeu de mim. Ele cai

de joelhos diante de mim e meu
coração aperta no peito com tanta
força que acho que posso estar
tendo um ataque cardíaco. Sua
cabeça pende para baixo e ele
encara

o
chão.

Estou

aqui,

desejando que eu pudesse mudar
tudo. Desejo poder ser dele e ele
meu, mas simplesmente não é
possível. Odeio a vida por ter feito
isso comigo.

— Por favor. Deixe-me explicar

— ele murmura, e vejo lágrimas
caindo de seus olhos, no piso de
cerâmica. Ele não consegue sequer
me olhar. Meus lábios tremem e
estou

morrendo

mil

mortes,

assistindo à cena do meu homem

forte se ajoelhando em derrota.

— Eu não posso. — Forço as

palavras e odeio o que digo. Mas

que

outra

opção

eu

tenho?

Qualquer coisa que sinto por ele

enfraquece em comparação à dor

que sempre vou sentir pela perda

dos meus pais e os anos de inferno

de suas mortes precipitadas. Viro-

me para ir embora sabendo que

estou matando a nós dois, mas não

consigo olhar para o homem que

tirou meus pais de mim anos atrás.

Bato a porta da frente com tanta

força, que me assusto. Mesmo com

a porta pesada e as paredes, ouço

Damon desesperado, perdendo o

controle.

Ignoro

os
gritos
animalescos e o barulho de coisas
sendo destruídas e apenas corro
para o carro de Sutton. Droga! Não
quero
deixá-lo
assim.

O
pensamento dele sofrendo deixa
meu coração em frangalhos, mas
não tenho escolha. Tenho que sair
daqui e espairecer a cabeça antes
de fazer qualquer outra coisa.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Melhor e pior

Meu telefone tocou sem parar
até que o desliguei completamente.
Ele bateu na minha porta até que
um vizinho arrogante chamou a
porra da polícia para tirá-lo daqui.
Não chequei meu e-mail. Não tenho
ido a lugar algum. Não fiz... nada.

Absolutamente nada. Tenho sorte de ainda estar viva aqui, no velho sofá de Sutton. Quatro dias. Esse é o tempo que se passou desde a última vez que vi Damon. Quatro dias que, mais uma vez, todo o meu mundo desmoronou.

Questiono-me se essa merda nunca vai melhorar. Pela forma como me sinto agora, duvido muito. Batidas na porta fazem Hemingway latir e gemo como uma moribunda. Sinto-me uma moribunda.

— Vaaaai emboraaaaaaaaa!

O barulho fica mais alto.

— Garota, é melhor você abrir

essa porta! — Vó! Meu Deus, vó!

Ela vai ter um ataque cardíaco com esse calor. Rolo para fora do sofá e rastejo de quatro por uns instantes, antes de finalmente me levantar e ir cambaleando até a porta, que

abro com tanta pressa, que uma
lufada de ar quente vem junto.

Quando a vó me olha, quase
engasga.

— Você parece uma merda!

Quero dizer merda de verdade! Um
amontoado de bost...

— Eu entendi! Entra, vó.

Ela sorri educadamente e olha
por cima do ombro para um carro
esperando e levanta um dedo
trêmulo. Ela arrasta o seu andador,
bola de tênis e tudo.

— Eu vim para dar um jeito em
você, mocinha!

Dar um jeito em mim? Que
porra é essa? Contraio o rosto e ela
franze o nariz para mim. Acho que
não estou na minha melhor
aparência.

— Em mim?

— Sim! Em você! — ela diz
com firmeza, apontando um dedo
ameaçadoramente para mim. — Por

mais que me doa, tenho que te
colocar na linha.

Dói

nela?

Impressionante.

Acho que ela não gosta de mim
tanto quanto gosto dela.

— Amo você de montão.

Espero que, depois de ouvir o que
tenho a dizer, você vá encontrar
Damon, e então se beijem e se
perdoem.

— O que quer dizer com ir
encontrá-lo? — Cadê ele? Meu
coração dispara e eu entro um
pouco em pânico. O pensamento de
nunca mais vê-lo novamente é
enlouquecedor

e

me

deixa

desesperada.

— Vou chegar a isso em um
minuto. Uma coisa de cada vez.

Concordo com a cabeça e faço
o meu melhor para parecer calma e
atenta.

— Então, recebi duas cartas
dele hoje. Uma delas era para mim
e a outra pra você. Na minha carta,
ele disse que sabia que você, em
algum momento, viria me ver e
queria que eu entregasse essa a
você. Mas, antes de tudo, você tem
que saber que Damon não estava
dirigindo.

— O quê?! — eu grito.

Ela balança a cabeça de um
lado para o outro.

— Ele não estava dirigindo.

Meu abominável filho bêbado é
quem estava. Ele fez Damon dizer à
polícia que foi ele quem destruiu o
carro, porque ele era menor de
idade e, principalmente, porque não
estava bêbado. Damon sempre se
culpou por não conseguir fazer
Eddie parar e deixá-lo dirigir.

Oh, não. Inclino-me para
frente, agarrando com força o meu
estômago
dolorido.

Sinto-me
doente. Não foi ele. Não foi culpa
dele.

— Como ele pôde pensar...

Como... Não foi culpa dele. —

Atravesso a sala e sento ao lado da
vó. Ela coloca sua mão trêmula na
minha e me deixa chorar por um
momento.

— Eu tenho que vê-lo. Tenho
que falar com ele! — Começo a
procurar ao redor pelas chaves do
carro, e então, ela estende um
envelope para mim.

— Ele não está atendendo o
celular e ninguém sabe onde ele
está. Abra a sua carta e talvez ele
tenha dito aonde foi. — Apanho o
envelope da mão dela e o rasgo
para abrir.

Minha Josephine,

Eu deveria ter sido mais inteligente naquele dia, deveria ter sido mais corajoso. Deveria tê-la parado a qualquer custo. Se eu o tivesse, talvez nada disso teria acontecido. Você nunca teria sido ferida. Poderíamos ter nos conhecido e passado nossas vidas juntos. Você precisa saber que eu passei incontáveis dias pensando em como poderia ter mudado o resultado daquele dia de verão, anos atrás. Se eu soubesse como as coisas acabariam, teria feito qualquer coisa para te poupar e à sua família daquela tragédia, da qual me sinto responsável. Ele destruiu mais do que dois carros naquele dia. Ele destruiu a sua vida e a minha no processo. E eu era o único que poderia ter impedido tudo. Gostaria de ter estado no seu lugar, se pudesse. Eu faria qualquer coisa para poder te trazer felicidade. Garanto que serei somente mais uma memória para você. Você não terá que suportar a dor de me ver novamente. A angústia que vi em seus olhos há quatro dias foi muito mais do que eu jamais poderia suportar. Só espero que, talvez, um dia, você seja capaz de olhar para trás, para nós, e sorrir, lembrando a paixão e o amor que compartilhamos. Essas são lembranças que me atormentam e confortam, tudo ao mesmo tempo. Enquanto você foi minha, tornou tudo melhor. Você fez a minha vida melhor. Me fez uma pessoa melhor. Você foi o meu remédio. Fez a dor desaparecer. Meu passado é a única coisa da qual não posso escapar, sei disso agora. Por favor, saiba que eu faria qualquer coisa, daria tudo, para fazer as coisas direito. Quero te agradecer por me dar o maior presente que eu já conheci. Pelo que pareceu ser um momento fugaz, eu vivi a felicidade com o seu amor. E nunca mais ter essa felicidade novamente é uma agonia que não consigo suportar. Meu coração é seu para sempre, Josephine. Eu te amo.

Damon

PS.: Você merece o melhor.

Meus

olhos

enchem

de

lágrimas. O que ele quer dizer com

“não vou vê-lo de novo”? O que ele

quer dizer com “eu mereço o

melhor”? Mereço o melhor, o quê?

Meu coração bate tão forte no

peito, que mal consigo respirar. Vó
puxa a carta da minha mão e a lê.
Pulo do sofá e começo a procurar os
sapatos. Pego as sandálias mais
próximas e tiro minha roupa ali
mesmo na sala de estar, na frente
dela. Puxo uma blusa limpa sobre a
cabeça e visto um short. Onde ele
estaria? Não faço a menor ideia de
por onde começar.

— O acidente — ela murmura,
enquanto olha para a carta.

— O quê?

Sua cabeça grisalha levanta e
vejo lágrimas nos olhos.

— O local do acidente. Ele
costumava ir lá e estacionar no
acostamento. Ficava sentado lá por
horas, até que eu fosse encontrá-lo.
Você tem que ir buscá-lo.

Sem hesitar, pego as chaves
em cima da mesinha de centro e
corro para a porta. Pulo do degrau
mais alto até o de baixo, e quase

caio de bunda na calçada. Corro para o carro de Sutton e arranco feito uma louca. Eu sei onde é o lugar, estive lá mil vezes também.

Costumava

sentar

lá,

quando

estava deprimida, e ficar pensando na mamãe e no papai, e no rapaz que me tirou daquele carro. Pensei em Damon todos esses anos. Ele esteve na minha cabeça por tantos anos. Nunca esqueci o rapaz que não parava de dizer como ele estava arrependido e que iria se certificar de que ficasse tudo bem.

Ele

conseguiu.

Realmente

conseguiu que eu ficasse mais do que bem. Ele me encontrou de novo naquele dia na livraria e tudo mudou desde aquele instante.

Tenho que encontrá-lo e dizer que
a culpa não é dele. Tenho que dizer
o quanto eu o amo.

Acelero

e

dirijo

imprudentemente pelos arredores
da cidade. Quando viro e entro na
familiar estrada estreita, meu
coração dói no peito. Uma angústia
terrível se forma. Algo está errado.

Eu sei. Posso sentir assim como
senti quando Sutton morreu. Meu
pé afunda no acelerador e o carro
corre ainda mais rápido. Continuo
acelerando até que as luzes
traseiras entram em foco. Inclino-
me para a frente no meu assento e
olho com os olhos semicerrados.

— A picape! — Me aproximo da
traseira dela e freio bruscamente,
levantando poeira no processo.

Jogo o carro no acostamento e saio
às pressas. Não o vejo sentado lá

dentro. Não há ninguém na porra da picape! Onde ele poderia estar? Corro até ela e subo no estribo para olhar dentro.

— Damon! — ofego e desço do estribo. Abro a porta e o cheiro de álcool me atinge.

— Damon! Meu amor, acorda! Subo na picape e uso toda a força que tenho para levantá-lo de sua posição deitada no assento.

Consigo colocá-lo na posição vertical e então percebo que a melhor notícia se transformou na pior. Em sua mão sem vida está um frasco de remédio controlado.

— Oh, meu Deus! Minha nossa! O que você fez? — grito. Pulo da picape e corro de volta para o carro.

— Por favor. Cadê você? Por

favor. — Encontro meu celular e
peço ajuda. Eu nem sequer espero
o atendente falar qualquer coisa.

— Por favor, ajude! Estamos
no acostamento da Scenic Loop!
Houve um acidente. Envie uma
ambulância! — Corro de volta para
a picape e entro.

— Oh, meu Deus! Amor, por
favor, acorde! — Dou uns tapinhas
no rosto dele algumas vezes, mas
ele não responde. Pressiono e
mantenho dois dedos em seu
pescoço e, em seguida, no pulso.

— Não. Não. Não. Damon! —
Deito seu corpo pesado e mole no
meu colo e balanço para trás e para
frente.

— Por favor, não! Você não.
Não me deixe. Não me deixe. Eu te
amo! Por favor, Damon! — Ele não
responde e temo que realmente
tenha morrido. É minha culpa. A
culpa é imediata e esmagadora.

Deve ter sido assim que ele se
sentiu durante anos. Meu pobre
Damon!

Meus

lábios

tremem

enquanto as lágrimas derramam de
meus olhos.

Ouçó a ambulância chegar e
portas baterem.

— Senhora, nós precisamos
que você se desloque agora.

Deslizo por debaixo dele, e seu
corpo, deitado no assento, não
responde. Um policial me agarra
pela cintura e me puxa para trás.

— Damon! Por favor! Acorde!

— Assisto, impotente, quando eles
puxam o corpo da picape e o
colocam

numa

maca.

Um

paramédico se ajoelha de pernas

abertas por cima de seu corpo e

começa

as

tentativas

de

ressuscitação.

E

outros

dois

carregam a maca para a parte

traseira da ambulância, com aquele

paramédico ainda trabalhando em

Damon.

Eu o conheci neste mesmo

local, em circunstâncias horríveis,

há anos e, agora, possa tê-lo

perdido neste mesmo lugar. Não

posso perdê-lo. Eu jamais poderia

sobreviver a uma vida sem Damon.

Caio de joelhos e a dor da queda

não é nem de longe comparada

com a dor no meu peito. Observo

as luzes brilhantes da ambulância

desaparecerem ao longe. Continuo

Continua em: **CONSERTE-ME**

olhando fixamente, paralisada de
choque e medo. Eu não posso
perdê-lo. Justamente agora que o
encontrei.

AGRADECIMENTOS

Quem disse que a raiva no
trânsito não resulta em nada, além
de
coisas
ruins?
Tenho
que
discordar.

Destrua-me
foi
o
resultado da raiva de uma pessoa
com pavio curto no trânsito e um
motorista ignorante, de férias. Esta
história nasceu no meio de um
tráfego intenso, uma enxurrada de

palavrões, alguns menos civilizados
do
que
deveriam.

Eu,
particularmente, gostaria de dizer
um “muito obrigada” ao idiota na
Mitsubishi.

Obrigada
pela
sua
inspiração, no sinal fechado, ao
falar palavras do mais baixo nível!

Além do palhaço mencionado
acima e das minhas tendências
estouradas, tenho que atribuir a
minha determinação aos meus
muitos amigos, colegas autores e
blogueiros.

Vocês
todos
são
simplesmente incríveis. Eu não
conseguiria e não seria uma

escritora sem o apoio que vocês me
dão, tão abnegadamente.



Entre em nosso site e viaje no nosso
mundo literário. Lá você vai encontrar
todos os nossos títulos, autores,
lançamentos e novidades.

Acesse: www.editoracharme.com.br

Além do site, você pode nos encontrar em
nossas redes sociais.



<https://www.facebook.com/editoracharme>

<https://twitter.com/editoracharme>

<http://www.pinterest.com/editoracharme>

<http://instagram.com/editoracharme>

Table of Contents

[Start](#)

Document Outline

- Capitulo Um
- capitulo dois
- capitulo tres
- capitulo quatro
- capitulo cinco
- capitulo seis
- capitulo sete
- capitulo oito
- capitulo nove
- capitulo dez
- capitulo onze
- capitulo doze
- capitulo treze
- capitulo catorze
- capitulo quinze
- capitulo dezesseis
- capitulo dezssete
- capitulo dezoito
- capitulo dezenove
- capitulo vinte
- capitulo vinte e um
- capitulo vinte e dois
- capitulo vinte e tres
- capitulo vinte e quatro
- capitulo vinte e cinco